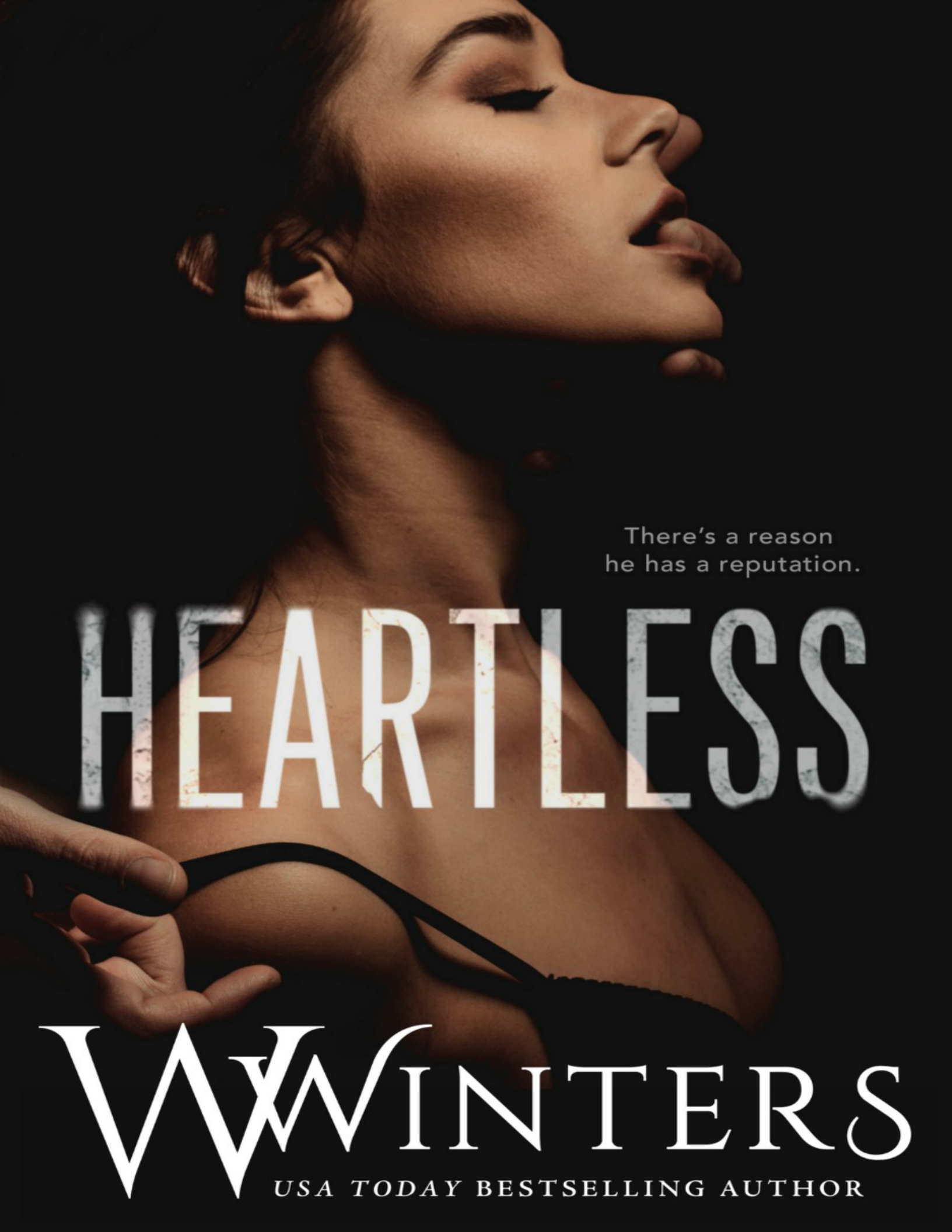

There's a reason
he has a reputation.
HEARTLESS
WINTERS
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

Não há uma rosa ou um beijo que os tornem príncipes.



Tradução: Ariella

Revisão Inicial: Clau & Ariella

Revisão Final: Karol

Leitura Final: Juh G.

Conferencia: Ellen Araujo

Formatação: Ariella



ORDEM DE LEITURA

Marcus & ....

Do You Want Me (This Love Hurts Duet #1) - Ainda não lançado nas Gringas.

This Love Hurts (This Love Hurts Duet #2) - Ainda não lançado nas Gringas.

Sebastian & Choel

A Kiss to Tell (A Kiss #1) - Lançado

Daniel & Adison

Possessive - Lançado por Flor de Lotus & Was Traduções

*Seductive *Epilogo Prolongado**

Carter & Aria

Merciless (Merciless #1) - Lançado

Heartless (Merciless #2) - Lançado

Breathless (Merciless #3) - Em breve

Endless (Merciless #4) - Em breve

Sebastian & Choel

*A Kiss to Keep (A Kiss #2) *Epílogo prolongado* - Em breve*

Jase & Bethany

A Single Glance (Irresistible Attraction #1) - Em breve
A Single Kiss (Irresistible Attraction #2) - Em breve
A Single Touch (Irresistible Attraction #3) - Em breve

Seth & Laura

Longing to Hold (Hart to love #0.5) - Em breve
Hard to Love (Hard to Love #1) - Em breve
Desperate to Touch (Hard to Love #2) - Em breve
Tempted to Kiss (Hard to Love #3) - Em breve
Easy to Fall (Hard to Love #4) - Em breve

Declan & ...

Tease Me Once - Em breve

A PRINCÍPIO, SUAS PALAVRAS ERAM DURAS E SEU TOQUE FRIO.

Eu não queria estar na presença dele mais do que ele me queria lá.

Eu sabia que ele era um homem perigoso e ele poderia me destruir se ele quisesse.

Mas não era isso que ele queria. Não era o que ele precisava.

Nem era o que eu desejava também.

É tão fácil se perder com o toque de um homem poderoso e inatingível.

Um homem que não quer nada... exceto eu.

Toques suaves e olhares roubados faziam meu sangue esquentar e meu coração bater de um jeito que eu nunca imaginei que poderia.

Sim, é fácil cair em uma névoa de luxúria e desejo.

Mas há uma razão pela qual sua reputação é de um homem sem coração.

E EU DEVERIA SABER MELHOR.

PRÓLOGO

CARTER

A CHUVA ESTÁ CHEGANDO. O tipo de chuva que faz seus ossos doerem. O céu cinza escuro está coberto de relâmpagos secos que estilhaçam o estalo da dor ainda mais profundo.

Há apenas um pouco que um homem pode aguentar. Só que ele pode ser levado até à beira e ainda querer sobreviver.

Primeiro, minha mãe perdeu a luta contra o câncer.

Então Tyler, meu irmão mais novo, foi atingido e morto por um carro.

E agora meu pai foi assassinado a sangue frio.

A culpa pela morte do meu pai é fácil de colocar. Um grupo de bandidos que queria mais, e eles estavam dispostos a fazer o que fosse necessário. Eles não temiam meu pai. Não como eles me temem.

Eu sei que é por isso que eles esperavam que ele fosse o único na esquina da rua, enquanto eu estaria lidando na parte de trás do caminhão. Quando minha mãe morreu, vender drogas era o que precisávamos para pagar as contas. Mas os meses se passaram e é mais do que um

fluxo de renda agora. Lidando, e a luta que vem com isso, agora é minha obsessão.

Eu não estou apenas vendendo drogas ou vendendo prescrições roubadas. O tráfico de drogas é lucrativo além de qualquer coisa que eu jamais poderia ter sonhado.

Mas Talvery me ensinou mais do que qualquer outra pessoa.

Ele me ensinou onde estavam os limites. Me ensinou do que o medo é capaz.

Ele me mostrou o que é preciso para fazer a dor desaparecer e substituí-la por algo mais viciante que a heroína. O poder é tudo.

E eu sinto isso fluindo nas minhas veias.

Raios! Relâmpagos surgem novamente, seguidos por um estrondo e agitação do solo.

A chuva está chegando, mas ficarei aqui o tempo que for necessário.

A voz do padre é monótona e os gritos de familiares distantes, que eu só vi um punhado de vezes na vida, me entorpecem.

O caixão no qual o corpo do meu pai se encontra reflete as primeiras gotas de água. A aspersão é apenas o começo da tempestade que ameaça cair a qualquer momento.

Ele ainda estaria vivo se eles tivessem o mesmo medo dele que eles têm de mim. Se ele tivesse aprendido a dura lição que Talvery me ensinou meses atrás.

Vingança virá para os idiotas que mataram meu pai. Não porque eu o amo. Ou *amava* um pouco. Eu acho que o odiei nos últimos anos. Realmente e profundamente desprezando o pedaço de merda que ele se tornou quando minha mãe ficou doente. A realização é libertadora.

Não é por isso que eu vou caçar cada um desses idiotas e bater neles com um taco de beisebol em seu sono, ou uma arma para o lado de suas cabeças enquanto eles rastejam por becos escuros, ou uma faca ao longo de suas gargantas nos banheiros de seus bares favoritos. Um por um, vou matar todos eles.

Não é porque quero vingança ou porque não quero que a morte do meu pai fique sem resposta.

Não. Eu vou matá-los porque eles achavam que poderiam tirar algo de mim. Eles decidiram que valeria a pena o risco de me tirar algo que era meu por direito. A raiva aumenta no meu peito, aquecendo meu sangue e forçando minhas mãos em punhos brancos. Eu tenho que apertar meus dentes em um esforço para esconder a raiva.

Ninguém nunca mais tirará algo de mim. Eles não vão levar mais da minha família. Eles não vão tirar uma maldita coisa de mim. Nunca mais.

***

No dia em que meu pai foi enterrado, o demônio que por muito tempo dormiu dentro de mim despertou e destruiu qualquer pedaço de bondade que permanecesse em meu coração. Daquele dia em diante, decidi que todos me temeriam. Simplesmente porque era mais fácil sobreviver dessa maneira, obcecado com o poder que o medo me traria.

Eu ansiava pelo medo do jeito que costumava rezar para que a dor fosse embora.

Foi tudo que consumiu e apenas as menores lascas desta nova armadura se quebraram. Somente quando lembranças dolorosas me forçaram a confrontar quem e o que eu costumava ser. Mas até os menores fragmentos da minha armadura foram tão facilmente substituídos pelo sangue daqueles que ousaram ameaçar o que eu me tornara.

Enquanto todos me temessem e aqueles mais próximos de mim, eu não apenas sobreviveria, eu iria prosperar.

Eles precisavam temer meus irmãos.

E agora eles precisam temê-la. *Meu passarinho.*

Eles vão. Eu me recuso a deixar alguém levá-la.

Ninguém vai tirá-la de mim. Ninguém.

ARIA

Eu não consigo parar de tremer. Meu corpo inteiro é consumido pelo medo e estou me tremendo toda. Minhas mãos estão tremendo de forma caótica, e não posso fazê-las parar.

A faca pesada está mais apertada do que eu já peguei em alguma coisa na minha vida. Eu nem sinto que é a minha mão segurando a arma. A mão de outra pessoa, em cima da minha, está forçando-a a ficar em minhas mãos. Para segurá-la mais e mais até doer tanto que meu corpo me implora a cair de joelhos em agonia.

Não permitirei que meu corpo me traía. Eu não posso largar a faca. Eu não posso me impedir. O medo e a raiva estão se misturando em uma mistura que é poderosa demais para ser negada.

O sangue na lâmina cai na minha mão e parece fogo na minha pele. A tensão, a fúria, a raiva pura e o terror fervem no meu sangue enquanto olho para o morto, olhos brancos e leitosos do monstro à minha frente.

Eu não posso olhar para Carter. Eu não posso arrancar meu olhar do olhar imóvel de Alexander Stephan.

Eu estou esperando ele piscar. Para saltar e me agarrar. O medo que sinto é paralisante, mas a adrenalina

correndo por mim vai estourar minhas veias. Ele está mole na cadeira, a garganta aberta, embora o sangue não esteja jorrando mais. É apenas um gotejamento lento neste momento.

Isso me lembra da maneira como a garganta da minha mãe foi cortada. *O jeito que ele fez isso.*

Eu me lembro disso tão claramente. Essa cena assombrou meus sonhos por um longo tempo que me lembro. Como ele ficou atrás dela depois que ele abusou dela. Como ele não fez isso devagar, em vez disso, era cruel e violento. Era tudo que eu conseguia pensar em fazer para ele aqui nesta cadeira e à minha mercê quando Carter me entregou a faca.

"Aria," a voz de Carter rompe meu terror e a memória quando ele ordena. "Me. Dê. A. Faca." Suas palavras se misturam com o som da minha respiração pesada.

A voz de Carter é exigente e no limite da raiva. Eu mal olho para ele, o medo de Stephan acordar e pegar a faca de mim é real demais. Sangue escorre em sua camisa, e seu corpo mutilado está imóvel. Mas eu sei que ele vai pegar a faca de volta. Stephan vai pegar e fazer comigo o que ele fez com minha mãe.

Eu aperto o cabo de aço com mais força. Eu não vou deixar.

Meus olhos piscam quando Carter grita comigo, sua voz explode no quarto silencioso e envia uma vibração violenta pelo meu peito. Isso dói. Tudo dói.

Minha cabeça treme em desafio. Eu não deveria desobedecê-lo. Coisas ruins acontecem quando eu faço. *A cela.* No momento, meus ombros se encolhem e meus joelhos enfraquecem, prontos para se render e se ajoelhar diante do homem que me mantém cativa, mas me deu essa vingança.

Me deu os meios para vingar a morte de minha mãe.

Mas eu não posso me mexer. "Eu não posso," eu digo, e minhas palavras são fracas e caem de meus lábios como um gemido patético. "Eu não vou." Essas três palavras saem com mais força e eu estendo a mão, balançando o braço violentamente no ar e cortando a garganta de Stephan novamente. Na minha periferia, vejo um homem recuar e depois outro.

Um pequeno grito desliza pelos meus lábios sem ser convidado enquanto Carter envolve sua mão na minha, sua outra mão no meu ombro e me mantém firme enquanto ele levanta meus dedos para trás. Os murmúrios dos outros homens na sala mal se registram. Tudo que eu posso ouvir é Carter me calando, e tudo que eu posso focar são os olhos de Stephan. As profundezas de suas íris nunca pareciam tão escuras quanto agora.

O tremor constante dos meus ombros se torna violento quando tento me afastar do monstro para longe de seu alcance. Correr e me esconder como eu fiz todos esses anos atrás.

Mas eu não posso. Carter não me deixa.

É Carter, digo a mim mesma. Carter está me segurando. Concentrando-se em regular minha respiração instável me ajudando a voltar à realidade.

Meu joelho esquerdo cai no chão primeiro e fazendo meu joelho direito bater contra o chão.

"Shh," Carter me mostra misericórdia. Roubando a faca de mim, mas me protegendo contra meus medos.

"Acabou," ele sussurra quando ele finalmente arranca a faca do meu alcance. E eu deixei. Eu deixo ele pegar, mas não vou me mexer até saber que Stephan está morto.

"Ele virá para mim," a criança assustada dentro de mim fala. Ele não pode estar morto, porque então tudo acabaria. E com Stephan, nunca acaba. Ele me assombrou por tanto tempo quanto me lembro.

"Ela é louca pra caralho." A voz afiada e enojada de Romano corta meus pensamentos. *Thump*, *thump*. Meu coração bate mais forte quando me lembro de onde estou. "Isso é loucura," diz Romano com raiva.

"Cala a boca." A voz de Carter mais uma vez rasga meu corpo, percorrendo meu sangue e pela primeira vez fecho meus olhos. Mas então eu lembro que Stephan está a poucos metros de mim e eles se abrem novamente.

A sala fica em silêncio, assim como Carter ordenou. As pontas dos dedos dele são suaves nos meus ombros, uma mão em cada uma enquanto ele abaixa os lábios no meu ouvido e me diz: "Suba as escadas e se lave."

Minha cabeça treme sozinha, meus olhos não se movendo do corpo na cadeira na minha frente.

"Ele não está morto," falo baixinho como se fosse a minha desculpa. Logicamente, sei que ele está morto. Ele deve estar. Mas o medo dele não estar é tão real, tão visceral que eu não posso contê-lo. Eu não posso desistir.

O aperto de Carter em mim se intensifica quando o ouço respirar mais pesado antes de soprar um som baixo misturado com um grunhido de raiva. No segundo em que ele se afasta de mim, tudo que sinto é o frio da solidão.

Com um passo pesado, Carter chuta a cadeira, jogando o corpo pesado de Stephan para o chão com um baque surdo, e novamente os homens se levantam, enquanto Romano diz algo que não consigo ouvir. Tudo se transforma em ruído branco quando Carter chuta o corpo flácido. A cabeça de Stephan cai para o lado e eu tenho que me mover para a direita, meus joelhos esfregando

contra o chão implacável enquanto olho em seus olhos. Ainda abertos, ainda olhando sem rumo.

"Ele está morto, Aria. Ele está porra morto!”

Minha cabeça treme quando meu pulso acelera, as palmas das minhas mãos suadas. "Ele não pode estar," eu digo, mas minhas palavras são fracas.

Carter se inclina sobre o cadáver, segurando meu queixo nas duas mãos e me puxando para mais perto dele, mas eu reajo rapidamente, com medo de que Stephan possa alcançá-lo. Que ele me pegaria se eu me atrevesse a tirar meus olhos dos dele.

"Inacreditável." O murmúrio de Carter envia ódio através de mim. Ódio de mim e minha covardia. Quantos anos eu acordei em puro horror à visão do homem morto aos meus pés? Chegando ao ponto de minha lógica me trair, me fazendo pensar que não há como ele estar morto.

"Vou te dar a cabeça dele," diz Carter e não entendendo, meus olhos levantam para os dele por apenas um momento, mas ele já está agachado, a faca na mão. Ele a ergue no ar e ataca a ferida aberta na garganta de Stephan. Seus músculos ficam tensos em seu pescoço enquanto ele endurece sua mandíbula. A raiva é evidente em sua expressão tensa enquanto ele ataca de novo e de novo, levando sua frustração para o pescoço de Stephan.

Ele segura a faca no lugar, suando e ofegando com raiva e esforço. O sapato de Carter bate contra o lado liso da faca. Repetidamente, cada impulso de sua perna é acompanhado de mais poder, mais raiva - não, indignação, que o pescoço de Stephan não se parta sob a lâmina. Meu corpo sacode com cada impacto, e a admiração de ver Carter destruir Stephan rasgando sua cabeça de seu corpo lentamente ajuda a restaurar minha sanidade.

Um ruído que faz meu intestino se contorcer e ressoar ecoa pela sala, assim como o profundo rugido de irritação que ressoa de Carter em um grunhido. Enquanto Carter ergue o sapato manchado de sangue, a cabeça de Stephan rola para trás e sai do corpo dele.

Meu batimento cardíaco errático se acalma quando Carter está na minha frente. Seu terno geralmente impecável é uma bagunça enrugada contra sua pele bronzeada. Ele deixa cair a jaqueta no chão e arregaça as mangas uma a uma, tomando seu tempo enquanto ele estabiliza sua respiração. Eu assisto cada pedaço dele se transformar de volta no homem controlado que eu sei que ele é. Com o sangue espirrando em sua camisa, seu maxilar rígido parecendo ainda mais duro à luz dos candelabros acima de nós, Carter nunca pareceu tão dominador como agora.

Os homens falam ao nosso redor, mas eles não existem neste momento. Não quando os olhos escuros de Carter

perfuram os meus e os fragmentos de prata neles me mantêm como refém.

"Andar de cima." A palavra escapa dos meus lábios antes dele abrir a boca. Eu vejo como a língua dele molha seu lábio inferior e ele me avalia. Seus olhos deixam os meus para descer pelo meu corpo e depois de volta, e é só então que eu me lembro de respirar. "Lá em cima para me lavar," eu repito o comando de Carter de um momento atrás, deixando meu olhar se mover para o corpo decapitado de Stephan.

Quando eu levanto meus olhos de volta para Carter, sei que ele estava esperando por mim para olhar de volta para ele.

Eu deixei ele esperando.

Eu desobedeci ele.

Tudo se move ao meu redor lentamente enquanto recupero a pouca compostura que me resta.

Carter passa por cima do cadáver de Stephan e agarra meu queixo com força em sua mão. Eu não posso respirar quando ele abaixa seus lábios nos meus, seus olhos nunca deixam os meus e me diz calmamente com uma voz alta o suficiente para todos ouvirem: "Ele nunca mais terá poder sobre você. A única coisa que você tem que temer, sou eu."

CARTER

"Que porra é essa, Cross?" Romano finge raiva em sua voz, mas o terror é inconfundível.

Pegando o guardanapo de pano intocado e ainda dobrado de Stephan da mesa, eu limpo o sangue das minhas mãos e braços.

Meus ombros se levantam e caem ao longo dos últimos dez minutos. Tão pouco tempo para muito acontecer. Não é para Romano morrer esta noite, mas eu perdi a compostura. Se ele não se recompuser por Stephan morrer, não terei outra escolha senão matá-lo.

Ou, se eu achar que ele vai falar uma palavra que poderia arruinar tudo que eu construí e tudo que eu planejei.

Eu não posso esconder o que ela faz comigo. Eu não posso disfarçar o poder que Aria tem sobre mim quando ela não escuta.

Romano sabe demais.

O pensamento faz meu pescoço inclinar para o lado e estalar. E então para o outro lado, quando Romano pergunta novamente: "Você armou para mim?"

A indignação em sua voz é revoltante. Como se eu lhe devesse alguma lealdade. Deixando cair o guardanapo no

chão, eu ando em direção a Romano, meus sapatos esmagando o vidro caído sob meus pés enquanto eu me aproximo dele.

"Ele é um traidor," eu digo simplesmente. "Ele *era* um traidor." Romano engole com as mãos em punhos e depois solta. Seu olhar se desloca para cada pessoa na sala. Todos eles comigo, e nenhum deles com ele.

Eu poderia tão facilmente destruí-lo. Levá-lo para fora e acabar com ele. E então eu não teria que me preocupar com a impressão que eu deixei nele. Eu não teria que me preocupar com ele dizendo a mais ninguém o que Aria significa para mim.

Mas com esse pensamento, eu sei que vou deixá-lo viver e sair ileso da minha casa. *Eu quero que todos eles saibam.*

Meus olhos se fecham com a realização. Enquanto respiro fundo e caio na calma da minha decisão, ouço a voz de Jase atravessar a névoa.

"Recebemos algumas informações do nosso vazamento na sede da Talvery," diz Jase e acrescenta: "Não se podia confiar em Stephan." Sua voz é calma. Mais calma que a de Romano quando ele responde com algum tipo de defesa. Eu não posso me concentrar no que ele diz, tudo o que posso fazer é repetir cada momento em minha mente, tentando decifrar como Romano me via. Como meus

irmãos me viram. Como os homens que trabalham para mim me viram perder o controle.

Todos eles saberão o que ela significa para mim. O que ela pode fazer comigo. Eu quero que todos esses idiotas saibam.

Quando meus olhos se abrem lentamente, vejo Romano e eu sorrio para ele, um lento sorriso metódico.

"Relaxe, Romano," digo a ele quando estendo a mão e aperto o ombro direito. Eu dou um aperto firme no ombro dele.

Eu escuto seu engasgo respiratório e vejo suas pupilas se dilatarem. Eu já vi isso tantas vezes antes. O olhar de medo e esperança misturado aos olhos de meus inimigos é inegavelmente familiar para mim.

"Ele tinha que ser resolvido, e eu sei que você tinha um fraquinho por ele," eu digo a ele uniformemente, dando a seu ombro outro leve aperto enquanto eu forço um leve sorriso, mas gentil aos meus lábios. "Eu não queria que ninguém pensasse que você tinha uma mão nisso." Eu o libero e acrescento: "Eu sei que vocês dois eram próximos."

De costas para ele, examino a sala e alguns dos meus homens já estão limpando as provas. Esta não é a primeira vez que o sangue foi derramado nesta sala e eles

são mais do que capazes de fazê-lo ir embora. O vidro faz barulho durante a limpeza.

"Eu não tenho espaço para traidores em minhas alianças," falo com Romano, embora eu ainda esteja de costas para ele.

"Eu poderia ter sido informado," ele responde, e eu finalmente volto para ele novamente.

"Eu pensei que você iria gostar do show. Disseram-me que você gosta muito de teatro." Um lampejo de medo brilha em seus olhos e eu tenho que controlar minha expressão para manter o puro prazer a mostra. A única coisa que torna esse momento melhor é saber que Aria está no andar de cima, e ela estará esperando por mim.

"Da próxima vez, eu vou lhe dizer com antecedência." Com minhas últimas palavras, eu aceno para Jase.

"Eu vou mostrar-lhe a saída," diz Jase para Romano com um sorriso e dirige-se para a porta, não esperando por sua resposta. Eu apenas olho para o homem velho e seu terno mal ajustado que está amarrotado e marcado por um pequeno respingo de vermelho em seu braço. Seus olhos se estreitam e seu peito sobe uma vez com uma respiração pesada. Eu só posso imaginar o gosto de sangue em sua boca quando ele morde a língua.

"Até a próxima," são suas palavras de despedida e são seguidas pelo som oco de seus passos quando ele sai da

sala.

"Você quer manter qualquer coisa dele, chefe?" Sammy pergunta. Ele é um garoto jovem, mas inteligente e ansioso para aprender. Agachado perto do corpo de Stephan, ele aponta para a cabeça. "Ou jogo tudo fora?" Ele olha para mim sem medo, mas em seu lugar está o respeito. Eu acho que é por isso que eu gosto do garoto. Uma parte muito grande de mim inveja ele. Ele nunca passou pela merda como eu. Ele não teve que aprender do mesmo jeito que eu.

"Queime tudo dele. Sem rastro. Eu não quero um único pedaço desse pau deixado aqui."

Sammy acena uma vez e imediatamente começa a trabalhar.

"Quanto tempo até ele se virar contra nós?" Eu ouço a pergunta de Jase atrás de mim e me viro para encarar meu irmão.

"Ele já se virou contra nós, lembra?" Eu lembro a ele e Jase apenas sorri para mim.

"Ele ainda estava disposto a lidar conosco enquanto nos rouba. Mas imagino que isso vai mudar agora." Ele se inclina contra a parede e desliza as mãos nos bolsos enquanto observa os homens limparem o chão.

"Tanto Talvery quanto Romano virão por nós. Você sabe disso, certo?" Daniel pergunta enquanto se move

para se juntar a nós. Declan segue e nós quatro formamos um círculo no canto da sala.

"Desde que eles não juntem forças, não importa," eu respondo sem pensar. Meus pensamentos voltam imediatamente para Aria. Consequências que se fodam, isso foi para ela.

"O que os impede de fazer isso?" Declan pergunta. Ele não estava preocupado antes desta noite. De todos os quatro de nós, ele é o menos interessado e o menos informado. Por causa disso, imagino que ele tenha sido o mais chocado também.

"Uma década de luta, ganância, arrogância?" Jase responde.

"Tudo isso e para quê?" A pergunta de Daniel é mais difícil. "Foi por ela, não foi?"

O silêncio nos envolve por um momento enquanto observo meu irmão.

"Não havia razão para continuar aquilo. Para fazer uma cena e irritar Romano assim."

"Tinha que ser feito." Jase é rápido em responder e firme com sua resposta.

"Mas não precisávamos fazer de Romano um inimigo. Não agora, não quando Talvery está vindo para nós." A

raiva de Daniel é evidente, mas mais ainda, ele está com medo. Assustado porque Addison está aqui conosco.

"Ela está segura," digo a ele, movendo-me para o coração de sua preocupação.

Meus irmãos estão quietos ao ver a posição de Daniel. Ele está cansado e ansioso. "Eu quero que essa merda acabe, mas agora nós adicionamos mais gasolina na porra do fogo."

Jase responde antes que eu possa. Fico impressionado com o fato de nunca ter considerado Addison. Eu não me importava com o custo de dar a Aria a vingança que ela tão desesperadamente precisava. "As armas estão dentro, só temos que espalhá-las e bater com força."

"Quem nós estamos batendo? Talvery? Ou Romano?" Daniel pergunta a Jase, mas então todos os meus três irmãos olham para mim. Todos eles querendo saber.

Daniel não retém sua preocupação quando diz: "Eu sei que você está mentindo para nós. E você trouxe guerra para a *nossa* porta por causa dela."

"Eu nunca menti," eu murmuro, e minhas palavras são um sussurro áspero. A raiva se infiltra no meu sangue enquanto observo o caos no calor dos olhos de Daniel.

"O que ela significa para você?" Ele pergunta como se minha resposta amenizasse todos os seus medos.

Só se eu responder com sinceridade.

O olhar de Jase se move para os homens atrás de nós e depois volta para mim com uma pergunta não formulada sutil e eu aceno com a cabeça.

"Deixem-nos," eu falo e espero para falar até que os sons de homens se arrastando para fora da sala diminuem. Meus irmãos são pacientes. Não falando e retendo até que fiquemos sozinhos.

"Ela está chegando até você," Daniel fala suavemente. "Você está comandando todos nós, mas ela está nublando seu julgamento."

Suas palavras parecem uma faca nas minhas costas.

"Você está me questionando?" Eu pergunto a ele, não segurando a mordida de raiva, mas no fundo eu sei que estou com raiva de mim. Estou com raiva porque ele está certo. Minha sobrancelha franze e eu forço uma respiração profunda e depois outra, olhando para trás do meu irmão na parede cinzenta macia onde sangue vermelho brilhante está manchado.

"Ela salvou a minha vida," digo a eles enquanto me viro para desviar o olhar. A culpa me atravessa. Eu sei que estava pensando nela, não em nós. Mas isso deveria acontecer. Eu posso sentir isso soando dentro de mim como uma verdade singular que nunca existiu. "E eu a

odiava por isso." A confissão sai com uma delicadeza e um toque cuidadoso.

O silêncio dos meus irmãos me pede para olhar para eles. Para saber com certeza suas reações à minha confissão. Embora haja uma pitada de choque nos olhos de Daniel, há algo mais lá também. Algo que não posso decifrar.

"Por que você não nos contou?" Jase perguntou. "Ela salvou você?" Ele acrescenta para esclarecimentos.

"Foi há anos, a noite em que papai teve que chamar seu amigo." Eu sei que eles sabem o que quero dizer com a referência. Houve apenas uma noite em que papai me chamou para um favor. Uma noite em que quase me encontrei com a morte.

"Merda," Declan morde e passa a mão pelo rosto. Ele era apenas uma criança. Foi há muito tempo atrás.

"Enquanto eu estiver vivendo e respirando, ela será minha." Minha resposta é brutal e imóvel. "Se ela gostar ou não."

"Você a pegou porque a odiou por salvar você?" Daniel pergunta, embora não haja confronto em seu tom, nada além de genuína curiosidade e preocupação.

"Eu queria que ela soubesse o que era desejar que você pudesse morrer e não ter que viver outro dia com a pessoa que você se tornou." Quase digo a ele que não

sabia que a amava. Mas eu mudo as palavras quando acrescento: "Eu não sabia que me importava com ela. Não até ela vir aqui."

Ela me deu uma nova razão para viver. Não só todos aqueles anos atrás, quando ela me salvou, mas também no mês passado, quando finalmente a consegui embaixo de mim.

O silêncio se estende entre nós e parece sufocante. Eu nunca senti vergonha pelo que me tornei, porque tudo que eu sou e tudo que fiz foi para os três homens que estão na minha frente, julgando o que eu disse a eles.

"E Stephan?" Declan pergunta. Ele é o único dos três que não sabia por que eu deixei Aria matá-lo. Ele não se importou em saber, como tantas outras coisas que ele prefere não estar ciente.

"Ele estuprou e matou a mãe dela. Ela chora durante a noite dormindo por causa dele."

O escuro poço de tristeza que existe estreitamente dentro de mim se expande com a lembrança da primeira noite em que percebi o poder que ele tinha sobre ela. "Eu tive que dar-lhe isso," eu explico e minha última palavra sibila dos meus lábios.

Jase é o primeiro a concordar, seguido por Declan e, finalmente, por Daniel.

"Todos eles virão para nós agora," diz Daniel, mas desta vez sua voz aceita o desafio. O momento de imaginar o que meus irmãos pensam de mim, quando pensam *nela*, termina tão rapidamente quanto veio.

Eu respondo a Daniel da única maneira que sei. Com a única resposta aceitável que existe.

"Deixe que venham."

ARIA

Não sei há quanto tempo estou tremendo. Minha mão treme quando eu alcanço a torneira e ligo na água escaldante ainda mais quente. Minha pele está vermelha, mas não sinto nada. Tudo está entorpecido e fora do meu controle enquanto me inclino contra a parede de azulejos. Meus joelhos tremem e meu corpo me implora para levantar. O diamante pesado no colar sempre presente no meu pescoço, bate no azulejo do banheiro e eu seguro-o como se pudesse me salvar ou me levar embora.

É esta a sensação de matar alguém? Eu só vi duas pessoas morrerem na minha frente antes.

Minha mãe foi a primeira. E o segundo governou minha vida até o dia fatídico em que Carter mudou minha vida para sempre.

Lembro de ter pensado naquela segunda vez quando vi a vida de alguém sendo levada na minha frente, bem ao lado do bar. Completamente inconsciente que quando eu entrei, minha vida inteira mudaria para sempre. Eu só queria meu caderno de volta.

Eu respiro fundo o vapor quente enquanto inclino minha cabeça contra o azulejo e fecho meus olhos. A memória me leva de volta a apenas algumas semanas

atrás, mas essa memória é muito melhor do que a realidade da minha pele manchada de sangue.

Empurrando minhas mãos nos bolsos para mantê-las aquecidas, deixei meus dedos traçarem as chaves do meu carro. É a única arma que tenho.

E as chaves são uma arma. Eu vi alguém cortar um buraco na garganta de um cara com uma chave. Eu fiquei ali entorpecida enquanto as mãos do homem tentavam alcançar seu pescoço, mas os homens de meu pai agarraram seus pulsos e os puxaram para trás. Golpe após golpe, cada um perfurando sua pele enquanto era contido e incapaz de se defender.

Um calafrio corre pela minha pele com a lembrança e levo um minuto para perceber que não estou respirando.

Lembro-me do som de tênis chutando pequenas pedras na calçada. O som da rua movimentada do outro lado do beco.

Três homens que meu pai emprega deveriam estar me acompanhando de volta para casa do estúdio que eu queria alugar, mas decidiram fazer um desvio.

E eu fiquei lá em choque, tudo aconteceu tão rapidamente.

Mika estava comigo então. Seus lábios finos se inclinaram para o sorriso mais maligno que eu já vi. Aquele sorriso continha pura alegria. Alegria pelo meu choque? Ou

meu horror? Talvez a minha dor, porque eu conhecia o homem que eles mataram.

O cabelo preto escuro de Mika estava penteado para trás. Sua barba foi raspada e era apenas uma barba que acariciava sua pele naquela noite. Convencionalmente falando, Mika é um homem de boa aparência com uma voz profunda e áspera que pode deixar qualquer mulher de joelhos.

Mas eu vi quem ele realmente é. E sabendo que ele é o homem que eu vim para ver e fazer exigências, envia um pico de medo através de mim.

Mas eu não deixarei ninguém me roubar. Eu não posso deixar eles me empurrarem e deixar eles pensarem que eu estou cansada. E como meu pai diz, é hora de exigir respeito. É o que os Talverys fazem.

MEUS OLHOS se abrem lentamente para o som da água batendo no chão. Todo movimento, todo barulho, faz meu corpo ficar tenso.

Eu tento estabilizar minha respiração, esfarrapada das memórias. A da noite em que fui tirada, e a outra daquela noite dois anos atrás, quando vi um homem ser assassinado. Não saí de casa por muito tempo depois disso e nunca saí de casa. Meu pai queria assim mesmo.

Eu pensei que sabia o que era medo antes de entrar naquele bar. Eu estava errada.

Encarar o cadáver sem vida de um homem cuja existência atormentou você por anos é o verdadeiro medo. Não foi até que sua cabeça rolou para longe de seu corpo no tapete, que eu poderia até considerar a possibilidade de que ele nunca mais me machucaria.

Meu olhar se dirige para a poça de água aos meus pés. A água contém manchas vermelhas escuras até que ela gire e se transforme em rosa enquanto flui para o ralo.

Primeiro, assisti a morte da minha mãe.

Então a morte de um homem que traiu meu pai.

E agora eu matei o homem que traiu meus pais.

Eu espero por uma sensação de alívio, ou vitória - retidão, talvez. Mas nada vem. Há apenas um vazio, vazio no meu peito e uma enxurrada de memórias indesejáveis.

O som da porta de vidro do chuveiro escorregando quase rasga um grito da minha garganta.

Mika, meu pai, Stephan... de todos os homens responsáveis por mim levando uma vida crivada de medo, nenhum deles se compara ao homem em pé na minha frente. O vapor ondula ao redor dele enquanto entra no chuveiro, permitindo que o frio do ar mais gelado deixe arrepios ao longo da minha pele.

O olhar de Carter se estreita quando ele me avalia, colada na parede e ainda tremendo, ainda lutando para

fazer qualquer coisa. Eu nunca me senti tão fraca na minha vida como agora.

Matar Stephan pode ter sido libertador durante os momentos em que a faca o cortou, mas nunca me senti tão acorrentada a lembranças como neste instante.

"O que você está fazendo?" Sua voz profunda vem à tona, mas não acho que ele espere que eu responda.

"Eu não consigo parar de tremer." Digo a ele em uma cadência destacada que reflete minha incapacidade de fazer qualquer coisa com clareza. Cada palavra é forçada para fora quando aperto meu pulso com a outra mão e paro, finalmente soltando a parede.

Carter não me responde. Em vez disso, ele vem em direção ao chuveiro, ainda vestido. Ele assobia através dos dentes enquanto a água quente bate no braço dele e espirra ao longo de sua camisa manchada de sangue, agora grudada em sua pele. Ele vira a torneira, resfriando a água até que esteja apenas quente e não mais fervente.

O ar frio parece refrescante enquanto acaricia minha pele mais e mais quanto mais ele fica na minha frente com a porta aberta. Minha cabeça parece leve e o pânico que estava me consumindo apenas um momento atrás, diminui.

Em um fôlego, Carter tira a camisa. Em outro, ele fecha a porta atrás de mim e me puxa para seus braços. A

água morna espirra suavemente ao longo das minhas costas no tempo com os movimentos suaves de Carter. Leva um momento para eu devolver o abraço, envolver meus braços ao redor dele e apertar minha bochecha no peito dele.

Sua batida do coração é estável enquanto ele me segura e é calmante. *Tão calmante*. O tremor diminui mais rápido do que eu poderia imaginar.

Meus olhos se fecham e saúdo a escuridão da exaustão até que Carter pigarreia, me assustando com o silêncio confortável.

"Sinto muito por dizer que eu não estaria com você," diz ele e sua voz ronca no peito. Eu fico tensa contra ele, pega de surpresa. Eu mal me lembro de suas palavras de mais cedo. Tudo aconteceu tão rapidamente. De tudo o que aconteceu esta noite, a última coisa em minha mente é a ameaça que ele me deu antes de eu saber suas intenções e cada peça do quebra-cabeça se encaixar.

Um pedido de desculpas é algo que eu nunca esperaria dele.

Carter nunca se arrepende. Carter não se desculpa de nada que faz.

Sem uma resposta minha, ele continua: "Eu não deveria ter dito isso. E sinto muito." Outro momento passa e a neblina se dissipa lentamente até que eu possa

me afastar dele. Minha nudez e a realidade do que sou para ele estão voltando lentamente para mim.

Hoje tem sido um turbilhão de emoções. A que mais prevalece é a dor.

Eu engulo em seco antes de me afastar dele e das correntes de água para dizer que está tudo bem.

Eu não sei mais o que dizer.

Empurrando o cabelo molhado do meu rosto, eu o olho nos olhos e a intensidade em seu olhar deixa meu corpo em chamas.

"Não está tudo bem. E isso não vai acontecer de novo," Carter responde enquanto seus olhos escurecem e ele se move no chuveiro repentinamente pequeno, se aproximando de mim para colocar ambas as palmas das mãos contra a parede de azulejos em ambos os lados da minha cabeça.

Seus ombros largos eclipsam tudo o mais quando ele se eleva sobre mim, e o poder absoluto que irradia dele força um impulso profundo de necessidade até meu núcleo. O pulso é incontrolável e ameaça superar meus sentidos.

Seria tão fácil cair em seus braços. Se perder na névoa luxuriosa que é Carter Cross.

"Eu te perdoo," eu digo a ele em um único suspiro e tento engolir o desejo. De repente, estou mais quente do que antes. Tudo de novo, e tudo de uma vez.

Meus mamilos se retorcem e meus dedos coçam para alcançá-lo, passar meus dedos pelos cabelos e puxar seus lábios para os meus.

Mas Carter não me beija. Ele nunca fez isso. Meu olhar fica preso em seus lábios enquanto ele os abaixa, oh, tão lentamente, mas eles passam pelos meus e viajam para o meu ombro. Sua barba por fazer roça meu pescoço e faz minha boceta latejar. Sua língua varre minha pele e um calor flui através de mim que não posso negar.

Se eu pudesse me segurar neste momento e me esconder da dor da minha realidade para sempre, eu iria.

Assim como me atrevo a me levantar, deixar meus dedos viajarem ao longo de seus ombros e depois mais alto, uma batida súbita na porta corta bruscamente o momento.

O ruído do chuveiro diminui quando a voz de Jase passa pela porta, chamando Carter para longe de mim.

Não vá, meu coração me implora para implorar para ele. Eu não posso ficar sozinha agora. *Eu não estou bem.*

Carter cutuca a ponta do nariz contra o meu, deixando um leve zumbido de aprovação vibrar em seu peito antes de dizer a Jase que ele está indo. Ele abaixa a voz e me

olha nos olhos enquanto me diz: "Termine aqui e espere na cama por mim."

O comando e calor em seus olhos é algo que eu nunca poderia refutar. "Sim, Carter," eu respondo obedientemente, e isso só faz o calor entre minhas coxas ficar mais quente.

Não é até que ele se foi que eu percebo o quanto eu o quero.

Quanto preciso de Carter Cross agora mesmo. Eu não tenho mais ninguém.

E quanto esse fato me assusta.

CARTER

"Ele disse que está relaxado, mas o filho da puta já está falando." Jase me atualiza no segundo em que entro no escritório. A adrenalina desta noite havia diminuído. O toque no meu sangue tinha entorpecido.

Até que eu vi Aria ainda tremendo.

Um olhar para sua delicada forma tremendo de medo mudou tudo. A corrida normal do triunfo foi substituída instantaneamente por outra coisa. Algo que eu não me importo de olhar mais para a frente agora.

Eu preciso de uma bebida. Uma forte, falando nisso.

"Nós sabíamos que não podíamos confiar nele." Eu respondo ao meu irmão enquanto o gelo bate no copo. Eu o enchi com três dedos de uísque e deixei descansar no gelo para esfriar. O líquido âmbar gira enquanto considero todos os aspectos do que poderíamos enfrentar de Romano.

Eu conheço seus amigos. Eu conheço seus inimigos. E a maioria me deve muito mais do que deve a ele.

"Precisamos enviar a alguém um lembrete?" Pergunto ao meu irmão enquanto levanto os olhos para ele e mexo o uísque. Se alguém quiser provar a si mesmo a Romano, preciso encerrar essa linha de pensamento antes que ela

se transforme em algo tangível. Um pequeno lembrete do que somos capazes poderia silenciar qualquer ideia que alguém tenha de nos atacar. É melhor não ter ilusões de grandeza do que já possam ter.

Jase balança a cabeça, mas não retorna meu olhar. Em vez disso, ele bate o dedo contra as costas da cadeira que ele está de pé antes de continuar. "Ele mandou uma mensagem para Talvery," Jase me diz enquanto o uísque queima seu caminho até o meu intestino.

Eu arqueio uma sobrancelha em sua declaração. "Isso é informação do nosso informante?"

"De um deles," Jase responde com uma confiança que eu respeito.

"Então, ele disse a Talvery que eu permiti que sua filha matasse seu inimigo. Isso é interessante, não é?" Eu não posso esconder a diversão que toca ao longo dos meus lábios.

"Não exatamente. Ele só confirmou que temos a filha de Talvery."

Uma zombaria de cinismo surge como um grunhido. "Claro que ele fez," eu digo distraidamente enquanto encho o copo mais uma vez.

"E então ele deixou uma mensagem para nós." Eu não respiro ou me movo até que Jase me diz: "Ele diz que entende e gostou do show."

"Foda-se, idiota." Deixei as palavras escaparem antes de engolir o álcool em um só gole. Ele é um covarde. Colocar Talvery e eu um contra o outro enquanto finge ficar ao meu lado. A vingança será doce quando chegar a hora disso.

O uísque ainda está queimando no meu peito enquanto meu irmão pergunta: "Ainda estamos com ele? As armas foram enviadas. Nós temos a vantagem. Ainda podemos nos afastar do nosso acordo."

"Ou do lado de Talvery?" Eu pergunto a ele e ao mesmo tempo que Jase. "Nós poderíamos largar Romano e dar as armas para Talvery."

"Por que faríamos isso?" Jase pergunta com um pouco de desconfiança em sua voz enquanto ele se aproxima de mim e, em seguida, se encosta na mesa lateral, encostando-se a ela e esperando que eu responda. A adrenalina retorna com força total, como se sabendo que seria um erro fatal depositar qualquer confiança no Talvery. Sua ganância não conhece limites e ajudá-lo pode sair pela culatra imediatamente.

Eu assisto o gelo no copo, vendo nada além de Aria. Ouvindo seus pedidos para poupar seu pai.

A maneira como ela moldou seu corpo ao meu no chuveiro era inebriante. Mas ela ainda está se segurando. Eu faria qualquer coisa para tê-la completamente. Isso poderia ser algo.

Mas o risco é considerável.

Dê tempo, eu ouço uma voz urgente na parte de trás da minha cabeça, mas não pode ser minha. Paciência pode ir se foder.

"Claro... Aria." Meu irmão responde a sua própria pergunta, dado o meu silêncio e, em seguida, passa a mão na parte de trás de sua cabeça. Leva um momento antes de pegar um copo e depois pegar a garrafa de uísque da minha mão.

Eu deixo ele. Eu já sei que ela está me fazendo pensar diferente do que deveria. Fazendo minhas ações imprevisíveis. Ela tem um controle sobre mim que é inegável e cada vez mais aparente a cada dia.

"Você nunca deixou ninguém se interpor entre você e os negócios antes." Ele abate o primeiro gole, não esperando por uma resposta. Tomando o uísque do seu copo, ele pergunta: "Por que ela?"

O silêncio desce sobre nós. Eu nunca contei a ninguém a verdade completa. Sobre como eu queria morrer todos esses anos atrás. Eu estava tão perto e ela parou.

Antes de hoje à noite, eu não lhes dissera que a odiava por isso. Eu não contei a ninguém que eu tinha orado para que tudo terminasse. Que no meu maior momento de fraqueza, eu desisti.

Até que ela parou tudo.

Jase me observa por um momento. Ele é meu segundo em comando. Meu parceiro em tudo isso. E eu nunca disse a ele. Eu não queria falar a verdade para a vida. "Eu preciso saber o que ela significa para você, pelo menos."

"Tudo." Não hesito em responder, embora minha voz seja baixa e cheia de possessividade.

"E ela quer que você fique do lado de Talvery. O homem que tentou nos matar no sono? O homem que pôs fogo em nossa casa?"

"Ela não sabe." Eu sou rápido em defendê-la e até sinto a irritação disso. Como se vazasse do tom da voz de Jase direto para minha cabeça.

"Ela não sabe de nada," ele responde com ligeira agitação, mas um olhar para ele e ele olha para longe, olhando para o líquido em seu copo.

"Ela é leal."

"Ela não lhe deve sua lealdade." Ele finalmente olha para mim. Ele não está me dizendo nada que eu já não saiba. "Ela sabe sobre sua mãe?" Ele pergunta.

"É um boato. Não podemos provar isso." Mesmo quando eu respondo a ele sei que estou apenas representando o advogado do diabo. Eu faria qualquer coisa em meu poder para dar-lhe esperança para a única coisa que ela quer. Misericórdia com o pai dela.

"Eu planejava torturar Stephan," digo a ele, lembrando-me. Eu pretendia dar-lhe a verdade esta noite, junto com a vingança que ela tão desesperadamente precisava. "Eu perdi de vista esse objetivo."

Jase apenas bufa, embora quando eu olho para ele, há um brilho de prazer em seus olhos e um sorriso nos lábios antes de beber o uísque caro.

"Ela nunca vai acreditar em mim." Quando dou a Jase mais uma desculpa, sinto um aperto em volta do meu coração. Espremendo bem. "Ela nunca iria ficar do meu lado por seu pai." A verdade é condenável.

"Eu não me importo de dizer a ela." A facilidade com que ele fala me pega de surpresa. Ele deve ver isso na minha cara, porque ele encolhe os ombros e acrescenta: "Eu vou ser gentil, mas vou fazê-la entender."

"Eu não quero que você fique entre nós." O aumento da raiva é algo que eu não esperava. Limpando minha garganta, volto ao uísque. Mais uma vez e depois volto a pensar em minha Aria.

"Ela está fodendo com a sua cabeça," Jase diz com uma dureza antes de acrescentar: "Eu nunca vi você assim."

"Como o quê?" Eu pergunto a ele, desafiando-o com o meu tom para me questionar. Embora eu já saiba a resposta.

"Indeciso e emocional. Nós já deveríamos tê-los aniquilado. Você está tomando seu tempo e armazenando mais armas e homens do que o necessário."

"Eu não quero que ela me odeie." Eu espero ver o choque na expressão de Jase. Talvez até mesmo com desgosto. Ela é uma fraqueza que eu nunca pretendia ter, mas eu me recuso a desistir.

Embora ele esteja surpreso, ele não discute, e um cansaço se instala em seus olhos escuros. O peso de tudo que estou sentindo está se acomodando em seus ombros agora.

Proponho ao meu irmão: "Temos que escolher. Talvery ou Romano."

"Eu vou morrer antes de tomar o lugar ao lado de Talvery," meu irmão confessa sem uma pitada de emoção. É apenas um fato. E eu posso apoiar e respeitar, tendo em conta tudo o que Talvery fez. "Eu prefiro levar os dois para fora."

Sentindo o calor e o zumbido do licor penetrando em meus pensamentos, simplesmente assenti e depois rolei meus ombros tensos. Estou cansado. Não só desta noite. Mas cansado de lutar.

Não há como acabar com isso. No momento em que um homem para de lutar nessa situação, é o momento em que é executado.

"Nós irritamos os dois, então é melhor escolher um lado e garantir que eles não deixem o passado para trás e nos levem juntos. Só porque Romano lhe deu uma informação não significa nada mais do que ele está alimentando as chamas entre eles... mas ele sabe o que está fazendo. Ele está redirecionando o ódio de Talvery."

A cabeça de Jase cai para trás enquanto ele abaixa o uísque e coloca o copo sobre a mesa. Ele respira longo e baixo enquanto acena com a cabeça em concordância.

"Nós não podemos deixar isso acontecer. Mas entre os dois, Romano é a melhor escolha." Ele olha para mim, certificando-se de ouvir suas últimas palavras. "Você já sabe disso. O tapume de Talvery será o nosso fim."

Ele não está errado. E soltando meu olhar, eu cedi ao que eu já havia decidido. Para o que eu sabia que tinha que acontecer. Romano não é confiável, mas ele pode ser manipulado e usado. Talvery cortaria nossas gargantas assim que ele tivesse uma chance. Ele já tentou nos eliminar antes e falhou. E só por essa razão, permitir-lhe qualquer misericórdia seria um sinal de fraqueza.

Em vez de responder a meu irmão, dou-lhe um breve aceno e me viro para deixá-lo, para voltar para Aria.

"Como ela está?" Ele me pergunta, mudando de assunto antes que eu possa partir.

"Lidando bem, considerando tudo." A imagem de sua forma trêmula no chuveiro me lembra que ela não está bem. "Hoje foi difícil para ela. Eu deveria voltar."

"Você deveria," ele diz em voz baixa, embora ele fala tão baixo que eu não tenho certeza se as palavras foram ditas para mim ou para ele mesmo.

"Tinha que ser feito," eu lembro a ele, e ele balança a cabeça em concordância.

Sentindo que a conversa acabou, eu começo a sair, mas ele me chama mais uma vez.

"Carter..."

Olhando por cima do meu ombro, vejo a sinceridade na expressão do meu irmão quando ele me diz: "Seja gentil com ela."

***

O LUAR FILTRA as fendas da cortina e lava as curvas de Aria, escondidas sob as cobertas. Seu cabelo é um halo bagunçado, ainda úmido no travesseiro enquanto ela está deitada de lado.

Meu pau instantaneamente endurece, lembrando como eu a deixei. Nua e carente.

Ela é uma boa menina, meu pequeno passarinho, então eu sei que ela ficará nua com a exceção do meu

colar em volta da sua garganta. Ela estará pronta para eu levá-la.

As palavras do Jase ainda soam claras na minha cabeça. *Seja gentil com ela.*

Jase não a conhece como eu, mas ele conhece as mulheres muito melhor do que eu já conheci.

As imagens de mim batendo nela e esfregando seu clitóris até que ela está gritando meu nome me empurra para esquecer o conselho de Jase. Continuar a foder Aria na obediência... até o momento em que me aproximo dela.

Ela ainda está tremendo. Suas mãos se abraçam na frente dela e seus olhos estão bem fechados. Como se ela estivesse rezando na cama.

Sua respiração é uma bagunça de gaguejos.

Nem todos nós somos feitos para sermos assassinos. Eu sabia que quando lhe dei a faca e coloquei Stephan para ser sua vítima.

"É a adrenalina," digo a ela em voz baixa, cortando a noite silenciosa com as minhas palavras tensas. Seu corpo se sacode sob os lençóis e ela endurece, mas suas mãos e ombros ainda tremem.

Eu vejo como ela engole e depois seus lábios se separam. O olhar em seus olhos verde-avelã é uma mistura de tristeza e medo absolutos.

"Eu não posso parar," diz ela, e suas palavras são um sussurro.

A necessidade de fazer tudo ir embora me arrasa enquanto eu rapidamente me deito na cama com ela, puxando os lençóis e deixando-a cair em meus braços. "Por favor, me ajude," ela me implora.

"Shh," eu a silencio, acariciando seu cabelo e puxando-a para mais perto de mim. Seu pequeno corpo se agarra ao meu como se ela não pudesse se aproximar o suficiente. "Eu não deveria ter deixado você," eu falo em voz alta e em seu cabelo, sentindo as mechas fazendo cócegas no meu queixo.

Ela só responde movendo as mãos para o meu peito e enterrando a cabeça debaixo do meu queixo. Ela está tão frágil no meu abraço.

Que é tudo menos a Aria que eu conheço.

Talvez eu finalmente tenha quebrado ela. Eu já sabia que eu era um monstro, mas o sorriso que implora rastejar nos meus lábios com o pensamento é uma validação desse fato. Eu não sou digno de uma única respiração, muito menos da mulher em meus braços.

Ela não está quebrada, uma mulher como Aria não pode ser quebrada. Uma voz sussurra no fundo da minha mente, onde se esconde nas fendas. E o sorriso que implorou para sair antes forçou seu caminho até o meu

rosto. Eu só posso escondê-lo beijando o cabelo dela enquanto esfrego acariciando suas costas nuas.

"Você está bem, passarinho," digo a ela, e sei que ela pode sentir o zumbido das minhas palavras profundas com o rosto pressionado com tanta firmeza no meu peito. "É só a adrenalina."

Ela não se move de seu lugar, mas seus cílios fazem cócegas no meu peito quando ela abre os olhos e pisca. Sua respiração é quente e suas unhas coçam levemente contra a minha pele, mas ela não faz a pergunta na ponta da língua. *Como eu sei?*

Suas mãos continuam a tremer quando ela tenta se aproximar ainda mais de mim. Com ela se recusando a me soltar, eu me abaixei e puxei as cobertas mais apertadas ao redor dela antes de contar a minha história.

Nem todas as pessoas são feitas para serem assassinas, mas às vezes até mesmo a mais doce das criaturas tem que matar. Eu posso nunca ter sido inocente, mas houve um tempo em que eu não era o homem insensível e brutal que sou hoje.

"O primeiro homem que eu matei foi um bartender chamado Dave," eu falo baixinho sem parar meus toques nas costas dela. Beijando o cabelo dela novamente, eu olho para um raio de luz que voa pelo chão do quarto. Eu só sei que Aria está escutando por causa do toque de seus

cílios novamente. "Eu tinha dezesseis anos," confesso a ela quando sou levado de volta para aquela noite.

"Meu pai não lidou com a morte iminente da minha mãe tão bem." Um bufo de riso ridículo faz meus ombros tremerem e seu corpo se mover com o meu. "Ele era um covarde, eu sei disso agora, mas para enfrentar a morte daqueles que você ama... bem, eu não posso culpá-lo por ser um covarde, mas posso culpá-lo por ter me derrubado com ele."

"O que aconteceu com sua mãe?" Aria pede gentilmente, e sua respiração suave é firme. É só então que a vejo tremendo ter se transformado em um leve tremor.

"Ela tinha câncer. Levou dois anos para matá-la." A lembrança faz meu peito parecer apertado, mas continuo com a história, aquela que me deixa com raiva, não aquela que não tenho a força para enfrentar. "Meu pai não aguentou ver como ela se deteriorou. Então, ele bebeu para o homem que ele era sem ela."

Meu olhar cai para o cobertor. "Eu juro que ele era um bom homem com ela, mas sabendo que ele iria perdê-la mudou." Minha voz abaixa e eu deixo de lado as emoções que vêm com a memória dela desaparecerem no fundo da minha mente, onde elas pertencem.

"Uma noite, meu pai entrou em apuros e minha mãe mal respirava." A imagem dela na cama do hospital que

eles enviaram para a nossa casa para o seu tratamento paliativo faz com que minha voz falhe, mas não acho que Aria possa ouvir.

"Ele não estava em casa há quase doze horas e eu sabia que ela não iria viver muito mais tempo." Ele também sabia. Ele tinha que saber. Nós éramos apenas garotos e até nós sabíamos que ela ia morrer. "Ela morreu enquanto eu estava longe procurando por ele."

O aperto de Aria em mim solta, suas unhas arrastando no meu peito enquanto sua cabeça se levanta para olhar para mim. Eu posso sentir seu olhar em mim, mas eu não o retorno.

Ainda posso ouvir o jeito como a folhagem do outono estavam sendo esmagadas pelos meus tênis e sinto como a água da tempestade se infiltrava em um buraco no fundo da minha sola enquanto eu vasculhava as vielas o procurando.

"Ele costumava ir a alguns bares que eu conhecia." Eu era jovem, mas os bartenders me conheciam pelo nome naquele momento. Aria não para de me olhar, e eu me sinto vulnerável e exposto sob seus olhos.

Ela me deixa fraco.

"Eu o encontrei no banheiro, muito mal. Ele disse que o barman tinha feito aquilo com ele. Eu esqueci a desculpa que meu pai tinha, mas depois ele chorou e

disse que não podia se mexer. Ele chorou e isso é algo que ele nunca fez. Ele sempre bebeu sua dor. Eles o espancaram e o algemaram ao radiador, para que pudessem voltar e fazer de novo. E de novo. Todo o tempo minha mãe esperou por ele."

Aria fungou no meu peito e sussurrou um pedido de desculpas.

Quando as memórias voltam para mim, digo a ela: "Meu pai era uma desculpa precária para um marido. E até um homem. Mas o que eles fizeram..."

Eu não posso explicar para ela como a raiva me estimulou. No momento em que achei que estava prestes a perder os dois em uma noite, a raiva foi o que me impediu de desmoronar.

Lambendo meu lábio inferior e tentando tocar a rouquidão na minha voz como qualquer coisa menos emoção, eu continuo. "O barman sabia que minha mãe estava morrendo. Ele sabia que estávamos sozinhos. Ele poderia ter feito muitas coisas. Ele poderia ter chamado os policiais para remover meu pai. Ele poderia ter trancado as portas. Mas ele queria humilhá-lo. Ele queria um saco de pancadas como pagamento pela dívida que meu pai lhe devia."

Lembro-me da maneira como Dave olhou para mim naquela noite quando deixei meu pai onde ele estava e caminhei para trás do bar para exigir a chave. Ele tinha

um sorriso no rosto desconcertado. Eu sabia que ele era um idiota no momento em que o vi, de seu cabelo penteado para trás e o brilho em seus olhos. Eu tinha ouvido falar na cidade que ele gostava de levar as moças que iam ao seu bar e se aproveitava delas. Eu não queria acreditar nisso, não quando vi meu pai rindo com ele outras noites em que eu vinha buscar meu pai bêbado pra casa.

"Eu fui pegar a chave e Dave tentou me dar um soco. Ele estava mijando bêbado. Eu era apenas uma criança."

"Você nunca deveria ter tido que..."

"Nas ruas em que eu cresci, não era incomum, Aria." Eu a interrompi antes que ela pudesse me mostrar simpatia ou até mesmo começar a sugerir que eu era muito jovem para o que eu vi e o que eu estava envolvido. Eu não sou o único que passou por essa merda e eu não serei o último. Todos levam vidas diferentes e não há promessas ou piedade para alguns de nós.

"Eu peguei a cadeira e não parei de bater nele com ela. Os outros caras nunca se levantaram quando Dave foi atrás de mim, mas eles vieram atrás de mim. Não no começo. Não é a primeira vez que eu o atingi com as pernas de metal. O baque do metal batendo em sua cabeça era mais alto do que o jogo de basquete na TV no canto do bar." Aria permanece em silêncio e eu continuo.

"Eles nem se levantaram quando ele caiu no chão. Eu não parei de rachar a cabeça com a cadeira. Eu não pude." Muito parecido com Aria esta noite. Eu não tinha feito a conexão até que a coisa me atingisse.

Eu me lembro de como eu nem pensava que estava respirando. Eu não achei que fosse real. Eu não queria que fosse.

"Eu não o matei naquela noite," eu digo a ela e então beijo o cabelo dela. Meu aperto no ombro dela se intensifica e eu a puxo de volta para o meu peito. "Os outros idiotas lá me arrastaram para longe dele, mas no minuto em que eu estava livre, eu peguei meu pai depois de deixar Dave no chão sangrando e gemendo."

Agora posso ver cada um dos seus rostos, cheios de medo e descrença de que um menino esquelético quase matou o homem no chão. Meu peito arfou, mas a adrenalina tomou conta.

Eu o matei uma semana depois, depois que minha mãe morreu e a enterramos. Ele veio para conseguir dinheiro para cobrir as contas do hospital para o nariz quebrado. Dinheiro que não tínhamos, mas ele esperava que o seguro de vida não existisse.

Ninguém mais estava em casa e eu não deveria estar em casa também, mas a culpa de deixar minha mãe naquela noite me impediu de ir a qualquer lugar por dias.

Minha mãe morreu enquanto eu estava fora, e sei que se tivesse que colocar a culpa em algum lugar, deveria estar no meu pai.

Eu sei que Dave não foi a razão pela qual minha mãe morreu. Mas enquanto ele estava na porta de nossa casa, me dizendo que o dinheiro do seguro de vida da morte de minha mãe estava indo para ele, eu perdi o controle. Eu já sabia que não havia seguro de vida. Não havia dinheiro. Não havia como ajudar meu pai, um homem que não queria ser ajudado. Não havia como trazer minha mãe de volta.

Eu sabia de tudo isso. Eu também sabia que o homem na minha frente não se importava.

Ele não se importava com nada disso. E assim, deixei-o entrar em nossa casa, pegando a pistola que meu pai mantinha perto da porta quando a fechei. Eu caminhei com Dave até a cozinha, onde minha mãe morreu na cama de hospital, sob o pretexto de recuperar o cheque no balcão. Eu atirei nele do banco de trás. Apenas uma vez, com as mãos trêmulas. Mas uma vez foi o suficiente.

Eu não parei de tremer, nem mesmo horas depois de Sebastian ter me ajudado a jogar o corpo de Dave no rio. Ele era o único amigo que eu tinha e a única pessoa a quem eu poderia recorrer. Ele era mais velho que eu, mais forte que eu e ele estava lá para mim quando eu não tinha

ninguém. Ele não ficou por muito tempo. Ele tinha seus próprios demônios para fugir, muitos deles.

Eu não conseguia parar de tremer. Se não fosse pelos meus irmãos, não acho que poderia continuar vivendo. De certa forma, foi nosso primeiro ato juntos que levou a esse império. Nada pode te aproximar mais de alguém do que a morte.

Eu me lembro de como eu não queria enterrar Dave como Sebastian sugeriu, porque eu não suportava ver a poeira repentina depois de ver minha mãe sendo abaixada no chão apenas alguns dias antes. Eu vomitei enquanto Sebastian cavava um buraco. Eu não aguentei. Eu não conseguia lidar com o que eu fiz e o que eu era capaz.

E então, jogamos o corpo na parte de trás da caminhonete, em vez de cobrir o buraco raso parcialmente escavado, e Sebastian descartou o corpo no rio. Tudo enquanto eu me balançava inutilmente no banco do passageiro da caminhonete, detestando a mim mesmo e o que eu tinha feito.

"Quando você o matou?" Aria perguntou, quebrando meus pensamentos e me trazendo de volta para ela. Eu apago as memórias e a tristeza pesada no buraco do meu peito.

Demoro um minuto para perceber que não havia verbalizado a última parte da minha história. Ela acha que o matei no bar. Ela não sabe que eu fiz isso dias

depois e que eu o levei para dentro da minha casa sabendo que queria ver o homem morrer.

"Importa quando ele morreu?" Eu pergunto a ela, querendo manter a verdade dela e pensando que isso a torna melhor se fosse apenas o calor do momento. Mas nada faz ser um assassino melhor.

Ela não me responde, apenas abaixa a bochecha contra o meu peito e eu continuo segurando-a, lembrando como eu tremi naquela noite depois de deixar o cadáver de Dave no rio. "O tremor vai parar," eu sussurro.

O tempo passa devagar, nenhum de nós fala até que eu finalmente sinto o peso do dia e digo para Aria dormir.

"Eu não quero dormir," ela me diz com cansaço e depois se força a engolir. "Tenho medo de vê-lo. Ele estará lá esperando por mim."

"Shh," eu a silencio novamente, colocando o queixo nas duas mãos e beijando gentilmente em sua testa. Eu percebo então como está calmo o corpo dela.

É incrível o que uma distração pode fazer para uma pessoa. Isso pode fazer você esquecer tudo.

"Ele se foi." Eu a lembro, embora seu medo prolongado me preocupe.

Matá-lo deveria libertá-la.

Vai, a voz sibila e acalma a preocupação se aproximando de mim. Balançando como se estivesse de acordo com a voz, eu a beijo mais uma vez, pressionando meus lábios em sua pele macia e depois me puxando para trás, esperando que ela olhasse para mim.

"Eu te disse. Tudo o que você tem é meu."

Os olhos castanhos de Aria estão cheios de emoção, rodopiando com uma intensidade que me puxa e me prende até que seus lábios se partem e meu olhar se volta para eles.

O desejo de pressionar meus lábios aos dela quase vence, mas, em vez disso, lembro de outro aspecto da noite que planejei e esqueci.

"Espere aqui." Eu ordeno, e a decepção faz com que seu olhar baixe, mas ela me solta pela primeira vez desde que eu me arrastei para a cama para estar ao lado dela.

Enquanto ando até a cômoda, tiro minha camisa e calças antes de pegar o estojo com uma seringa e uma garrafa de óleo da gaveta. Eu não preciso disso há tanto tempo, mas ela precisa disso hoje à noite. Isso vai deixá-la dormir.

De pé ao lado da cama, faço sinal para ela vir até mim antes de dizer a ela para se virar e ficar de quatro. Eu tenho esperado muitas coisas da Aria. Sua feminilidade e sua boca, suas perguntas e desafio.

Mas esta noite, tudo o que ela faz é obedecer, e isso desperta algo dentro de mim. Ambos os desejos puros e depravados. Ela nem pergunta porquê.

Minha mão suaviza na curva de sua bunda, em seguida, move-se até a cintura e de volta para baixo antes de eu lhe dar um tapa, fazendo-a saltar um pouco antes de se estabilizar e então eu posso empurrar o êmbolo da seringa.

"Controle de natalidade," eu digo a ela e, em seguida, sorrio com o pensamento quando eu acrescento, "antes tarde do que nunca."

Aria apenas murmura uma resposta, colocando as duas mãos espalmadas nos lençóis e sua bochecha segue enquanto ela vira a cabeça.

"Eu tenho isso para você também," eu digo a ela depois de colocar a seringa vazia na mesa de cabeceira e empurrando seu quadril. "Sente-se," eu ordeno, e ela obedece facilmente, estremecendo um pouco enquanto sua bunda pressiona contra o edredom.

"Isso deve ajudá-la a dormir." Explico enquanto puxo o líquido para dentro do bulbo. O óleo é claro, uma droga pura que vai bater forte na primeira noite. "Você já ouviu falar de Sweet Lullabies?" Eu pergunto a ela, e ela inclina a cabeça com um vinco na testa indicando sua confusão.

" Lullabies [1]? Eu conheço algumas..."

"Não, a droga."

Eu não espero que ela conheça isso. Acabamos de começar a vender a versão adaptada que é comercializável. Ela balança a cabeça, provando-me bem, embora a confusão em sua expressão permaneça no lugar.

Eu levanto a seringa para seus lábios e ela obedientemente abre a boca, inclinando a cabeça ligeiramente para trás para mim. Eu admiro como o luar reflete seu pescoço esguio e brinca com as sombras pelo seu corpo enquanto o líquido atinge sua língua.

"Chupe-a." O comando que eu dou a ela faz meu pau mexer, mas ela vai dormir em breve. Dentro de alguns minutos, eu apostaria.

"O que é isso?" Ela me pergunta, e eu debato sobre como ela veio a ser e como é responsável por tantas das razões pelas quais sou quem eu sou, mas ela boceja, me cortando antes de eu começar.

"Apenas deite-se," eu digo a ela gentilmente, e puxo as cobertas para ela se aninhar ao meu lado. Eu a tive em minha cama várias noites agora, mas ela nunca dormiu tão perto de mim.

Com o farfalhar dos lençóis silenciosos, deixei minha mão pousar em seu quadril e esfregar círculos suaves ali. Eu respiro o aroma de seu cabelo e deixo um pequeno

beijo lá enquanto ouço sua respiração firme e sei que o sono a levou antes que eu pudesse começar a admitir o que essa droga realmente é.

ARIA

Eu costumava sonhar com coisas que eu apostaria que todas as garotas sonham.

Eu dançaria tão lindamente, meu cabelo balançando no ar quando eu caísse em uma perfeita pirueta. Nos meus sonhos, eu poderia ser e fazer qualquer coisa. Eu dançava em um palco central de balé, e em meio a uma multidão de milhares de pessoas, eu executava lindamente.

Eu subiria as montanhas e encontraria um campo mágico de flores, onde elas ganhariam vida como na história de *Alice no País das Maravilhas*. Eu podia falar com os animais e beber xícaras de chá que me deixariam pequena o suficiente para seguir os coelhos pelos buracos.

Eu poderia ser qualquer uma que eu quisesse em meus sonhos. Mas essas visões eram de muito tempo atrás. É engraçado como elas voltaram hoje à noite.

Cada uma das cenas passa pela minha cabeça como se estivesse avançando rapidamente. Eu me vejo como uma jovem realizando as artes que eu queria antes de perceber que minhas inseguranças me impediam de tentar. Eu assisto quando me lembro de um sonho que tive de beijar

um menino na minha aula. Imaginei minha perna chutando atrás de mim quando ele me tocou sem querer.

Mas mesmo quando a memória dos meus sonhos de muito tempo vem à vida, estou ciente de que eles são apenas sonhos. Eu nunca beijei Paulie. Eu nunca tive coragem e se eu tivesse, eu sei que não teria acontecido do jeito que eu imaginei.

Por um momento, questiono se estou sonhando ou acordada. Tudo é tão vívido. Tão real.

Mas as cenas continuam. Elas não param para mim.

Os cabelos na parte de trás do meu pescoço picam quando eu sei o que está por vir. Eles estão todos em ordem, como uma linha do tempo de minhas esperanças enquanto vejo as cenas se desenrolando. Eu sei que estou envelhecendo. Eu sei o que está por vir e quero que pare.

Minha cabeça treme. Faça parar.

Mas elas não param.

Eu vejo como eu sonho com minha mãe e eu no parque. Ela está lá com sua amiga como ela sempre está. E eu estou lá desenhando em vez de brincar com as outras garotas. Eu sonhei em desenhar algo naquele dia, mas quando olho para o papel está em branco. Não me lembro o que era. Mas isso não importa. Tudo em que posso me concentrar é o rosto dela. Este é o sonho que se

transformou em um pesadelo. O primeiro sonho de tantos que eu tive uma e outra vez.

Faça-os parar. Minha garganta se fecha e quero gritar. É muito real, muito vívido. E eu não posso parar isso.

Eu posso sentir minhas unhas cavando nos lençóis. Estou acordada, mas não consigo abrir meus olhos. Eu mal consigo me mexer e não consigo parar as imagens.

Meu coração dispara quando me vejo no armário.

Por favor pare, eu sussurro em meus sonhos, mas minha garganta não sente as palavras. Não é como se meu peito sentisse o bater do meu sangue.

Lá está ela de costas para mim, de frente para a porta. Minha mãe está lá e estou apavorada. Por que ela me disse para não sair? Não gritar. Não se mova, exceto para se esconder.

O terror corre nas minhas veias.

Eu gostaria de poder me mover e ir até ela. Para ajudá-la.

Por favor, pare. Eu não quero ver isso de novo.

Eu não quero vê-lo abrir a porta e forçá-la a cair no chão. Ela mal lutou com ele e agora eu sei porque.

Eu posso sentir as lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas e tento gritar, mas minhas palavras são sem

voz.

Stephan parece tão jovem. Muito mais jovem do que quando eu o esfaqueei. Quando eu o matei e pus um fim no sorriso doentio no rosto dele.

Eu não posso sair, mas não posso fechar meus olhos. Eu não posso desligar. Não há para onde correr em seus sonhos.

Por favor, eu não quero ver isso. Eu não quero lembrar.

A dor cresce no meu peito e isso me paralisa. O tremor me oprime quando ele puxa a faca. É apenas uma pequena faca, uma como o papai tem para pescar.

Corre! Eu tento gritar para mim mesma. *Salve-a!* Eu mando meus membros se moverem, mas sou vítima dos meus sonhos.

Ela ainda está no chão de costas para ele. Ela está chorando tanto, mas tentando não chorar. Ela está presa nele enquanto eu cubro meus gritos com minhas mãos sobre a minha boca no armário.

Por favor, mamãe, corra, quero dizer, mas meu pedido é apenas um gemido. Eu sei que ela não vai. Eu não tenho controle aqui e já vi esse pesadelo tantas vezes. A lembrança me assombra nas minhas horas de vigília tanto quanto durante meu sono.

Eu não sabia o que ele estava fazendo com ela. Não quando ele a segurou e empurrou-se para dentro dela e não quando ele puxou a faca. Eu não sabia que estava acabado até que ele cortou o pescoço dela. Eu sabia o que era a morte e quando vi o sangue vermelho vivo vazando dela e o jeito que ela cobriu com as mãos enquanto ela tentava impedir que fluísse, eu sabia o que estava acontecendo.

Mas o que ele fez com ela antes, eu não sabia. Não foi até um mês depois, quando eu disse ao meu primo Brett que ele me explicou com uma expressão de dor que nunca vou esquecer. Eu contei tudo a ele, mas ele não queria ouvir. Ele disse que os Talverys não choram, nós nos vingamos. Ele estava errado sobre essas duas coisas.

Nikolai me ouvia, no entanto. Ele me deixava chorar e não me fazia sentir vergonha desse fato.

Mesmo os pensamentos de Nikolai não impedem as visões diante de mim. De minha mãe com o cabelo puxado para trás por Stephan quando ele cortou sua garganta, dela olhando para o armário onde eu me escondia quando a vida a levava.

Seus lábios estão se movendo.

Eu não consigo ouvir o que ela está dizendo.

Ela está dizendo alguma coisa. Um frio flui pelos meus braços. Isto não é o que acontecia. Isso não é o que eu

sonhava antes.

Isso é real?

Os pelos do meu corpo estão em pé. Minha respiração está presa na minha garganta. Eu não assisto Stephan como antes. Eu conheço o olhar de triunfo em seu rosto enquanto ele limpa a faca em suas costas nuas. Eu sei o que ele fez em seguida. Mas minha mãe ainda está viva quando seu rosto cai no chão. O sangue se acumula ao redor de sua bochecha como sempre acontecia. Mas desta vez ela pisca lentamente e olha para mim.

"Mãe." Eu sussurro, querendo me mover, mas não sendo capaz. *Se mova*, eu tento sem esperança.

Minha mãe pisca novamente e ela fala. Eu sei que ela faz. *"Eu não posso ouvir você, mãe. Por favor. Por favor, não morra,"* eu imploro a ela.

Isso é real?

Eu estou respirando? Eu não posso dizer mais.

Eu vejo seus lábios, o lado direito deles coberto em seu próprio sangue.

Mas o movimento do homem atrás dela rouba a atenção dela.

Stephan roubou o que costumava ser e eu nunca posso tê-lo de volta. Ele morrendo não significa nada.

Não, eu sussurro e balanço minha cabeça com meus pequenos dedos da criança que eu era, alcancei e peguei a porta do armário. Eu posso sentir isso. Eu posso sentir exatamente como era a borda da porta do armário.

Meus ombros tremem violentamente, isso não é o que acontecia no meu sonho. O frio deixa e eu me sinto quente, quente demais. "Acorde!" Ouço a voz de Carter e me imploro para abrir os olhos, mas antes que eles obedeçam, ouço a voz da minha mãe dizer: "Você não pode me esquecer."

Eu sugo o ar enquanto meus olhos se abrem e eu olho para o teto do quarto de Carter através de uma névoa de lágrimas. As luzes são brilhantes, tão brilhantes que dói, e eu os fecho com a mesma rapidez.

Com as duas mãos cobrindo meus olhos, sinto a umidade e tento esfregar tudo.

Minhas respirações caóticas combinam com as de Carter quando eu lentamente volto à realidade. De volta à cama de Carter. De volta à segurança deste momento e não ao pesadelo do passado.

Foi tão real. Mais uma vez, aqueles arrepios me inundam a cada centímetro enquanto alcanço o olhar de Carter. Seus olhos estão escuros enquanto ele olha de volta para mim.

Seus lábios se separam, mas ele não diz nada por um longo momento.

"Eu estava gritando?" Eu pergunto a ele, embora eu saiba a resposta. Minha garganta parece crua e minhas palavras estão roucas.

"Por quase meia hora." Ele me diz com nada além de preocupação e, em seguida, visivelmente engole quando meu sangue congela. "Você não acordava."

Faz anos desde que dormi durante todo o pesadelo. Ou até mesmo a cada segundo, como se fosse uma eternidade.

Os anos se passaram, mas sei que o terror nunca foi assim antes.

"Eu não sei o que você precisa," Carter insinua para mim, me selando de meus pensamentos como se ele estivesse confessando um pecado. Eu assisto sua garganta enquanto ele engole novamente. Puxando os braços em volta do meu peito, tento me deitar de novo como se isso fosse normal. Como se isso estivesse bem.

"Segure-me." Eu digo a ele, embora eu olhe para o teto, vendo a visão da minha mãe olhando para mim na memória assombrada. Ela ainda está viva no chão, embora eu saiba que ela estava morta.

"Por favor, apenas me abrace." Eu imploro para ele e viro minha cabeça, para que eu possa olhar para ele.

Confusão marca seu rosto, mas ele não diz nada. Ele só sobe mais perto de mim na cama e me puxa mais apertado para ele.

Eu preciso dele para me segurar mais do que eu já precisei de alguma coisa. Além da minha mãe voltar para mim.

CARTER

Hoje é o primeiro dia em que vejo Aria mais forte quando está comigo. E eu não consigo me livrar desse pensamento quando entro no cativeiro.

Eu só a deixei por alguns minutos aqui e ali. Ficando quieto atrás dela e observando cada movimento dela. Mas ela sabe que eu estou lá e cada vez que ela começou a desmoronar, ela vem até mim.

Com sua própria vontade, ela vem até mim, me pedindo para segurá-la como se meu toque pudesse tirar sua dor.

Meu pobre passarinho não percebeu que meu toque só traz dor, e eu espero que ela nunca faça.

O caderno de desenho mostra uma página limpa. Não há uma marca contra o branco austero.

Com uma caneta na mão, ela deita de barriga no tapete em frente ao fogo e olha para a folha em branco como se fosse falar com ela.

Eu ficava lá mais tempo, parado atrás do sofá, ouvindo o crepitar da lenha queimada, e esperando os dedos dela se moverem pela página, mas com uma mudança na minha postura, o chão range embaixo de mim e quebra seu foco.

Com a falta de sono, ela é lenta para se mover, mas ela faz. Sentada de joelhos, ela me deixa esperando o que quer que eu tenha a dizer.

É engraçado para mim quando ela diz que quando está comigo, esquece, e a vida é mais fácil.

Quando estou com ela, é o mesmo até ela fazer perguntas, e depois me lembro de tudo.

"É hora de fazer a pergunta novamente." Digo a ela, e ela deixa cair a caneta, deixando-a cair da coxa e ir para o chão. A carranca que marcou sua expressão cansada o dia todo permanece no lugar.

"Parece uma eternidade desde que jogamos este jogo." Diz ela distraidamente. Seu tom, sua linguagem corporal, tudo está fora hoje. Parece amortecida, deprimida mesmo. Mais do que eu já a vi antes.

Limpando a tensão na minha garganta e deixando minhas mãos apertarem e soltarem, eu lembro a ela: "Não faz muito tempo desde que você saiu da sua cela."

Um sorriso inclina seus belos lábios para cima e ela olha para mim como se estivesse desafiando o fato. "Eu disse que *parece* ter se passado uma eternidade... há uma diferença."

Seu olhar suave percorre o sofá e depois volta para mim. "Eu estou ficando aqui?"

"Você pode ir para onde quiser."

"Você não chegou perto de mim hoje como você costuma." Ela comenta e meu olhar se estreita para ela. Eu reconto o dia e cada e toda vez que ela vem para mim. A emoção de sua escolha de se aproximar de mim é entorpecida pelo fato de que ela percebe que os fios finos mudaram entre nós.

Eu procuro sua expressão para o que ela está pensando. Para uma dica de como isso irá modificar seu comportamento. Mas eu não posso prever ela. Não quando se trata do que há entre nós. E assim, é hora de eu questioná-la, tentar avaliar se ela está pensando em suas próprias perguntas.

"Isso não é uma pergunta." É minha única resposta para ela.

Ela encolhe os ombros como se não importasse, e a tensão se espalha pelo meu queixo. "Não era a minha vez de perguntar." Diz ela simplesmente com uma calma em sua voz que só aumenta a tensão.

Seja gentil com ela. Eu me lembro de novo.

Jase me oferece muitos conselhos, e minha resposta típica é que ele se mate. Aria me observa enquanto eu ando até o sofá e me sento no lado direito. Ela decide não sair do lugar, mas se acomoda de pernas cruzadas.

Há um estalo repentino do fogo e ela mal reconhece isso. Assim como a tensão entre nós.

"Como você está se sentindo hoje?" Pergunto a ela e digo a mim mesmo que é porque quero entrar na cabeça dela, não porque as últimas vinte e quatro horas mudaram tudo.

"Cansada," ela me diz e o pouco de força que ela mostra desde que eu entrei diminui. Ela pega a penugem no tapete embaixo dela e responde com um nó na garganta. "Não sei como me sentir bem agora. Há tanta coisa..." Sua voz se interrompe e eu pergunto: "Tanto o quê?"

O sorriso no rosto dela não é nada além de frágil quando ela pergunta: "Não é a minha vez?" As paredes ao redor dela estão caindo. Eu posso ver isso. Eu posso *sentir* isso. Ela é fraca demais para aguentar mais, mas a garota abaixo delas não é o que eu imaginei. Ela é uma garota que ficou sozinha por muito tempo. Uma garota que nunca deveria ter sido deixada sozinha.

E a percepção me puxa como nunca mais fez.

Eu forço meus lábios em uma linha reta e dou-lhe um pequeno aceno de cabeça.

"Por que você fez isso?" Ela me pergunta em um sussurro. Ainda cutucando a penugem imaginária e apenas olhando para mim ocasionalmente. Como se ela

estivesse com medo de pegar meu olhar e ver algo ali que poderia arruiná-la.

"Fiz o que?" Eu pergunto ele, embora eu já saiba o que ela está se referindo.

Por que eu a trouxe para o jantar? Dei a ela uma faca. E a deixei matar o homem que a machucou tão cruelmente.

"Por que você... me deu a faca?" Ela finalmente pergunta, e suas palavras são distorcidas e torturadas. Como foi torturado como tem sido hoje e ontem à noite.

"Por que eu deixei você matá-lo?" Eu esclareço para ela, fazendo-a chegar a um acordo com a verdade. Ela respira fundo e afasta o cabelo do rosto enquanto eu falo. "Por que eu te dei uma faca para que você pudesse matar Alexander Stephan?"

O sofá range e o fogo assobia quando eu sento para trás e libero o que soa como uma respiração fácil. "Porque eu queria que você fizesse isso," eu digo a ela e quase explico, mas o som sarcástico que sai de seus lábios quando ela olha para longe de mim e em direção à porta me impede de dar-lhe mais.

"O que você sonhou na noite passada?" Pergunto a ela, e não posso evitar que meu corpo se incline para frente, ansioso por sua resposta. Ela não era receptiva, mas

sempre me responde quando dou a ela a oportunidade de perguntar o que ela quiser.

Ela lambe o lábio inferior, ainda sacudindo a cabeça da minha não-resposta.

"Sonhos," ela responde com uma pitada de indignação em sua réplica. As palavras que eu queria falar momentos antes quase ganham vida, mas ela acrescenta: "Sonhei muitos sonhos," balançando a cabeça com o menor dos movimentos. Sua voz é pequena e ela fala como se não estivesse falando comigo.

Como se ela estivesse validando o que viu consigo mesma.

"Era como se minha vida acelerasse na forma dos sonhos enquanto eu crescia."

Minha testa franze quando a escuto. Eu esperava que fossem apenas pesadelos pelo o jeito que ela gritava. A lembrança de seus gritos estridentes e o terror de seus gritos envia um frio pelas minhas costas que lentamente vai para todos os membros.

Eu não podia fazer nada além de ouvi-la e nunca me arrependi de nada em minha vida tanto quanto me arrependi de ter dado a ela aquela faca como fiz ontem à noite enquanto ela gritava.

Lambendo os lábios, ela continua e então aquele vinco em sua testa retorna quando ela olha para mim. "E então

eu sonhei com a noite em que ele a matou."

Minha cabeça acena sozinha. Eu esperava que vê-lo provocaria esses medos nela, mas eu esperava que ela se sentisse diferente depois que o matasse. Com a percepção de que ele está morto, para libertá-la de uma maneira que ela nunca poderia ser enquanto ele fosse autorizado a viver.

Dê tempo, a voz sibila novamente e a irritação que tenho por isso aparece no meu rosto, silenciando Aria.

"Você pode continuar," eu digo a ela, me preparando e adicionando, "se você quiser."

Mas o momento passou e, em vez disso, ela toma sua vez.

"As coisas ainda são as mesmas?" Ela me pergunta.

Não. A resposta é instantânea e óbvia na minha cabeça. Forte o suficiente para que eu sinta a palavra ecoar nas minhas veias. "Parecem diferentes?"

"Não é assim que este jogo é jogado," Aria responde com o traço de um sorriso no rosto, embora o cansaço nunca foi tão evidente em seus olhos como é agora. "Eu perguntei primeiro," ela me diz e espera por uma resposta.

"Ajoelhe-se," eu ordeno, querendo provar que o poder que eu tinha sobre ela antes está sempre presente.

Mesmo que o medo que ela tinha por mim tenha desaparecido.

A percepção de que é o que é diferente envia um pico de arrependimento através de mim, mas é fugaz. Eu endureci minha voz quando lhe digo novamente: "Ajoelhe-se e me pergunte se as coisas mudaram."

O calor se inflama em mim quando Aria estreita seu olhar, o avelã refletindo os lampejos das chamas que permanecem atrás dela no fogo.

Seus lábios se separam e ela se contorce em seu lugar, mas quando seus olhos se fecham, ela só sorri para mim enquanto balança a cabeça.

"Eu não quero," ela se atreve a me desafiar.

Meu pau endurece instantaneamente, mas meus dedos ficam brancos quando aperto o braço do sofá.

Tudo dentro de mim está em guerra. Parece apropriado, já que meu pequeno passarinho parece estar na mesma situação. Seu corpo implorando para se curvar ao meu comando, ainda que sua força forte a impeça de ceder.

"Eu não quero punir você hoje. Não quando você precisa de conforto. Não confunda meu presente com nada diferente do que foi." Eu empurro as palavras com os dentes cerrados, não querendo que essa tensão entre

nós termine. Eu amo a luta dela. Eu amo ainda mais quando posso tirar isso dela.

"E o que era?" Ela me pergunta, seus olhos brilhando com o desejo pela verdade.

O sorriso no meu rosto cresce quando percebo que ela está me preparando, buscando a resposta que eu não lhe daria quando ela fez sua primeira pergunta. *Por que eu fiz isso*? A tensão no meu corpo diminui um pouco, embora a emoção de puni-la ainda esteja tocando através de mim.

"Tirando o medo que você tinha, então eu poderia acabar com isso e ser a única coisa que você tem que ter medo."

"Eu acho que você está mentindo." Ela morde de volta, embora sua voz é provocante, sensual mesmo. Não acreditando em mim por um momento. Seu olhar não vacila quando ela me desafia. Eu amo que ela saiba melhor, mas se ela soubesse o poder que ela tinha sobre mim, eu poderia perder tudo. Ela ainda é leal ao inimigo. Não há como negar isso.

O pensamento faz meu olhar cair no fogo atrás dela e só retorna quando ela acrescenta: "Mas eu não sei porque você está mentindo para mim."

"Porque você não precisa saber," eu digo a ela simplesmente e a princípio seus lábios abrem, prontos para me dizer, mas então ela se questiona.

"Você está mordendo sua língua com tanta força que eu imagino que você pode provar o sangue," eu aponto e tento forçar um sorriso nos meus lábios.

"Eu fiz-lhe duas perguntas e você não respondeu com sinceridade," ela me diz e depois olha para o fogo atrás dela. "Qual é o ponto?" Ela não pergunta a ninguém em particular com um leve sussurro.

"Talvez você esteja fazendo as perguntas erradas," eu ofereço a ela, embora todo o meu corpo esteja vivo com fogo. Ontem foi difícil para ela e ela realizou exatamente como eu queria, mas seu desafio, hoje, é incontido, e eu não tenho nenhuma ideia de como lidar com ela. Não quando ela precisa de mim para dar-lhe conforto. Eu gostaria de tê-la quando eu estava nessa mesma posição anos atrás.

Mesmo sabendo que já tive o suficiente de sua insolência.

Aqueles olhos castanhos perfuraram através de mim naquele momento, como se ela ouvisse meus pensamentos. O tumulto dentro de mim se contorce até que ela faça a única pergunta que solidifica minha decisão de deixá-la sozinha por algumas horas, para que ela possa sentir a necessidade de mim mais uma vez.

"Você ainda vai deixá-lo matar meu pai?" Ela me pergunta. Sua voz é firme, talvez com um toque de provocação ali.

Deixá-lo.

Deixar Romano.

Ela não sabe que se eu pudesse fazer isso sozinho, eu faria. Se eu pudesse ser o homem a puxar o gatilho, faria isso sem pensar duas vezes.

O silêncio só é quebrado pela madeira queimando, agora rachando e assobiando. Enquanto nossa conversa continuava, o sol se punha e, com a luz difusa das janelas, sombras formavam a pequena forma de Aria.

"Eu tenho que sair hoje à noite."

"Isso não responde a minha pergunta," ela é rápida em responder, não tirando o olhar de mim.

"O jogo acabou." Minha voz endurece, a raiva avançando.

Ela é minha. Ela obedecerá. Ou vou arriscar tudo para reinar sobre ela. Não há dúvida em minha mente do que acontecerá se ela não tomar o seu lugar ao meu lado.

"Quão conveniente," ela responde e é quando eu encontro o meu limite. Há tanta coisa que ela pode empurrar.

Leva apenas três grandes passos até que eu esteja sobre ela. Um movimento rápido e minha mão está ao redor de sua garganta. Meus dedos pressionam contra o pulso em suas veias enquanto seus dedos envolvem

minha mão. Seus olhos se arregalam, mas não com medo, nem mesmo com o choque. Eles se ampliam com ódio, com raiva... Eles se ampliam com uma centelha de luta que rivaliza com o rugido do fogo atrás dela.

Ela nunca pareceu mais bonita para mim do que agora.

Suas unhas cravam na minha pele, mas ela não as afunda. Ela só quer me machucar. Ela quer me mostrar do que ela é capaz.

Oh passarinho, eu já sei. Ela é a única que está só agora percebendo do que ela é capaz.

Eu abaixei meus lábios nos dela, deliberadamente colocando um joelho entre suas coxas. Invadindo cada centímetro de espaço que nos separava.

Com o calor do fogo acendendo a tensão, eu sussurro contra sua bochecha, "Você esqueceu suas maneiras, Aria."

"Maneiras," ela morde como se a palavra causasse nojo nela e com o pouco de movimento, eu aperto um pouco mais. Ela pode respirar, ela pode falar, mas meu aperto nela é inflexível.

Minha outra mão percorre seu corpo, descendo pela cintura enquanto eu belisco ao longo de seu ombro e, em seguida, a parte carnuda de seu lóbulo da orelha. Meus dedos traçam sua coxa e depois voltam para cima,

levantando a saia enquanto eu me movo de volta para sua cintura até que deixo meus dedos deslizarem por sua coxa.

E ela geme.

Ela porra geme, fechando os olhos e deixando a cabeça cair um pouco para trás. Mesmo com a luta nela, ela anseia por prazer mais do que qualquer coisa.

"Qual deveria ser o seu castigo, passarinho?" Eu sussurro contra o seu ouvido. O arrepio que se inflama nela faz meu pau endurecer a ponto de ser doloroso não empurrar dentro dela.

Sua resposta é um gemido silenciado seguido por uma tentativa de engolir. Eu não solto meu aperto para ajudá-la, em vez disso, eu a forço a olhar para mim, para abrir os olhos e me responder.

"Como devo punir essa sua boca?" Pergunto a ela com voz baixa e profunda, sem me incomodar em conter meu desejo por ela.

"Foda-se," ela mal empurra para fora e depois lambe o lábio inferior. Sempre desafiante.

"Você adoraria, não é?" Eu sussurro contra seus lábios, deixando as palavras se misturarem com o calor do fogo e a luxúria entre nós.

Seus olhos cor de avelã rodam com uma mistura de tudo que eu sei que ela está sentindo. A raiva e o medo, mas mais do que qualquer coisa, o desejo de ser dado prazer e cuidado.

"Fique de costas para que eu possa brincar com sua boceta," eu ordeno a ela no momento em que meus dedos soltam em sua garganta, quase fazendo-a cair para trás. Mas ela se segura, então se deita como eu disse a ela, um cotovelo de cada vez, seus olhos nunca deixando os meus.

"Você obedece tão facilmente quando você sabe que vai ganhar algo, não é?" Eu brinco com ela e a sugestão de um sorriso puxa o canto de seus lábios. Sua intuição será nossa queda. Ela acha que sabe com quem está brincando. Mas ela não percebe o que está em jogo.

Um leve empurrão no interior de suas coxas faz com que ela as separe para mim. Meu dedo sobe a fina renda preta de sua calcinha, umedecida em seu núcleo com sua excitação, e depois para seu clitóris inchado. Sua cabeça cai para trás e suas unhas se enterram nos fios do tapete enquanto ela tenta conter o gemido que ameaça sair de seus lábios. Eu já posso ouvir isso. Ela está tão perto. Tão necessitada.

"Você precisa gozar. Eu deveria ter feito isso ontem à noite."

O laço se rasga com facilidade enquanto eu corto meu polegar através dele, arrancando-o de sua doce boceta

para me dar acesso total a ela. Com uma rápida ingestão de ar, ela levanta a cabeça para me observar.

Toda essa raiva não significa nada quando posso dar isso a ela.

Eu empurro dois dedos dentro dela impiedosamente. Seus quadris balançam e sua parte inferior das costas sai do sofá com a sensação que provoca.

Eu coloco minha outra mão em sua barriga e a empurro de volta para baixo, não parando os golpes brutais contra as cristas de sua parede da frente.

Sua cabeça se agita e ela morde o lábio. "Porra," ela diz, mas seu pedido é apenas um gemido. Seus dedos se movem para a minha mão em sua barriga e depois para o meu antebraço. Nunca parando, puxando e procurando algo para segurar.

"Deixe ir," eu digo a ela e por um momento ela solta minha mão, mas não é isso que eu quis dizer. "Me dê o seu prazer. Deixe de lado tudo que te impede de cair." Eu sussurro no ar acima dela enquanto assisto a luz dançar em seu rosto. Seus lábios se separam e fazem um O perfeito, embora sua testa esteja tensa com a tensão de conter seus gritos de prazer.

O cheiro de sua excitação permeia o ar e o vazamento de pré-gozo do meu pau, me implorando para bater dentro dela.

Com meu pau pressionado contra o meu zíper, meu dedo a fodendo furiosamente, empurrando um terceiro dedo dentro dela e meu polegar contra seu clitóris. "Eu não vou parar até você gozar na minha mão, Aria. Vou te foder assim até você não conseguir pensar direito se não me der o que eu quero."

Sua cabeça se agita de um lado para o outro e depois para o ar. Eu tenho que empurrar com mais força com a mão no quadril para mantê-la para baixo e dedilhar mais rápido.

"Você quer outro dedo?" Eu pergunto a ela e depois beijo o interior de seu joelho. Ela é tão apertada que eu não acho que poderia. É uma ameaça ociosa, mas a ideia de esticá-la ao ponto em que eu poderia agarrar sua boceta e dar-lhe prazeres inegáveis que ela nunca sentiu, tem minha mão se movendo mais e mais rápido em golpes implacáveis e eu não paro.

Mesmo quando ela grita meu nome.

Mesmo quando sua boceta espasma.

Seu corpo balança com a força de seu orgasmo e eu não paro, puxando para fora e tirando cada pedaço de prazer dela que eu posso.

Não é até a respiração dela voltar para ela e seus olhos encontrarem os meus que eu me afasto, sugando cada um dos meus dedos enquanto ela assiste.

"Sua boceta é tão doce," eu digo a ela e vejo suas bochechas avermelhadas corarem ainda mais violentamente.

"Estou começando a amar suas punições," diz ela com a respiração ofegante com os olhos fechados e o poder que sinto desaparece. Meu pau, ainda pulsando de necessidade, me implora para empurrá-la de barriga para baixo e entre as pernas. Ela gozaria novamente. E de novo.

A pior coisa que um homem de poder pode fazer é emitir uma falsa ameaça. No entanto, eu fiz isso com Aria. Mais de uma vez.

Meu objetivo não é puni-la embora, eu só quero que ela obedeça.

Assim que eu começo a desabotoar minhas calças, meu telefone vibra no meu bolso, o cronômetro dispara.

O tempo acabou.

Com os olhos fechados e um olhar angelical em seu rosto, eu questiono sobre deixá-la, mas preciso fazê-lo.

"Limpe-se e faça o jantar," eu sufoco um gemido quando estou de pé, odiando que eu não serei capaz de me perder em seu toque por horas.

"Voltarei mais tarde." Eu dou-lhe as palavras de despedida e começo a sair. Cada movimento faz meu pau

duro doer ainda mais, mas eu vou tê-la hoje à noite.

"Carter?" A voz suave de Aria corta o ar e me interrompe assim que eu comecei a sair.

"Quanto tempo você vai ficar fora?" Traços de medo e solidão perduram em sua pergunta. Este é o novo lado dela que eu não estou acostumado.

O lado que eu só vi desde a noite passada. Voltando a ser a garota atrás da parede quebrada em vez da mulher que está com raiva de ficar sozinha por tanto tempo.

"Algumas horas, talvez."

Sua expressão cai quando ela lentamente se levanta. Ela apenas balança a cabeça em compreensão enquanto se cobre novamente.

"Você quer alguma coisa enquanto eu estiver fora?" Eu pergunto por instinto, querendo ver seus olhos em mim novamente. Querendo que ela me mostrasse mais essa vulnerabilidade. Eu posso oferecer-lhe muito mais do que ela jamais sonhou.

O próprio pensamento aumenta a consciência através de mim.

Ela é a única com controle. Liderando desde o início. Garota manhosa. Preciso pegar de volta, para o bem dela. Ela precisa que eu tenha controle, mesmo que ela não

queira me dar. Mesmo que ela não tenha ideia do quanto precisa dar para mim.

"Não," ela me responde com um pequeno aceno de cabeça. "Obrigada mesmo assim."

"Boas maneiras e tudo," eu digo para brincar com ela quando saio da sala.

Sua doçura entorpece os pensamentos de exigir mais dela, mas por muito pouco.

ARIA

Horas se passaram desde que Carter foi embora. O cheiro de alho ainda está fresco em meus dedos enquanto eu entro na adega mal iluminada. Com um movimento e um clique, a adega se acende e uma bela variedade de garrafas de vinho brilha na luz.

Uma respiração fácil me deixa com o pensamento de me perder no fundo de uma garrafa. Um copo ou dois, e ainda terei meu juízo comigo.

Mas o juízo pode ir se foder hoje à noite. Eu não sei o que pensar ou sentir. Eu não sei mais nada. As lembranças do que uma vez foi e do que sou hoje estão pregando minha sanidade.

Estou muito entusiasmada com isso, mas sou incapaz de fazer algo a respeito. Essa é a pior parte.

Assim é como me sinto sobre Carter.

É um relacionamento em constante mudança, mas estou plenamente ciente da parede rachada entre nós. Ele está fingindo que não está lá, e talvez eu seja uma tola em pensar que alguma coisa mudou, mas vejo a dor e a tristeza por trás de seus olhos. Ele não pode mais esconder isso.

Ele está quebrado. É preciso uma alma quebrada para reconhecer outra.

Mesmo o que eu passei nas últimas 24 horas, empalidece em comparação com o quão quebrado e vermelho o Carter está há anos. E eu quero desesperadamente curá-lo. Eu quero tirar a dor dele mais do que eu sempre quis me curar.

No fundo, há a suspeita de alguma outra parte dele. Se eu pudesse mostrar a ele.

A dor que agarra no meu coração só cresce com o pensamento, mas com uma respiração profunda eu deixo tudo ir. Eu não sei mais o que sou para ele. Mas eu me importo com ele independentemente, especialmente depois da noite passada.

E até que eu saiba o que o assombra com certeza, não há nada que eu possa fazer para mudar qualquer coisa. E por isso, o vinho.

Eu me abaixei na primeira fileira, segurando a barra de aço da prateleira e olhando para cada uma das etiquetas. Pinot Noir. Borgonha. Cada um deles. Eu amo uma boa taça de vinho tinto com espaguete e bolonhesa, e agora, eu prefiro Cabernet. A linha seguinte faz meus lábios se curvarem, pela primeira vez em Deus sabe quanto tempo.

Eu posso fingir que não há nada errado. Eu posso fingir por um breve momento. Eu sou boa em fazer isso.

Continuando a passar pelos movimentos, embora no fundo, eu saiba que nada está bem e não há como corrigir os erros.

A garrafa pesada de vinho tinto escuro significa que posso ter um momento. Um momento pequeno, aparentemente insignificante, para simplesmente respirar.

Bem, só enquanto eu fico na cozinha. O pensamento rouba a felicidade dos meus lábios e quando estou de pé, sinto meus músculos tensos mais uma vez. Pelo menos até Carter voltar.

Quando Carter sai, tenho medo de ir a qualquer lugar que não seja dos quatro quartos que conheço. O escritório, a cela, a cozinha ou o quarto dele. Este lugar é enorme e estou curiosa para ver mais disso. Mas seus irmãos estão aqui. Em algum lugar. *E eles são o inimigo.*

É fácil esquecer quando estou com o Carter. Ele tem um poder irresistível sobre mim. Apenas estar em sua presença deixa meu corpo em chamas e eu me movo com ele. Cada passo, cada respiração.

Mas no momento em que ele se foi, estou muito consciente de tudo.

"Eu só preciso comer, beber..." Eu sussurro enquanto tiro a rolha e volto com a garrafa na mão para recuperar o meu jantar da ilha da cozinha, o aroma flutuando para me cumprimentar quando eu fecho a porta.

Mas no segundo que ouço a porta se fechar, meu coração cai ao som de outra pessoa na cozinha.

"Porra, isso cheira bem," diz Jase enquanto se aproxima da panela grande no lado do fogão. Já misturei o macarrão e a carne. Ele se ergue sobre ela, pegando a colher e sorrindo para o meu jantar.

Meu aperto quase desliza na garrafa, minhas palmas estão tão suadas.

"Você fez o suficiente para todos nós?" Ele me pergunta com um sorriso carismático.

Uma expressão verdadeiramente charmosa enfeita seu rosto. Com sua barba crescendo mais do que eu vi antes, ele parece diferente, mas as semelhanças entre ele e Carter ainda são impressionantes.

Eu posso me sentir engolir antes de tentar responder a ele, mas apenas a visão dele me lembra da noite passada. Eu posso vê-lo sentado na cadeira à minha esquerda, sorrindo enquanto meu olhar volta para Stephan.

Meu coração bate no meu peito como na noite passada no chuveiro. Eu posso sentir a ansiedade e a adrenalina se misturarem e preciso de tudo em mim para ficar de pé.

"Whoa," diz Jase quando a colher bate na panela de aço e ele praticamente corre ao redor da ilha para se aproximar de mim. Assim que eu registro o que ele está fazendo, eu instintivamente dou um passo para trás, meu

ombro batendo na porta fechada do porão. Toda vez que eu pisco, vejo Stephan. Sentado à mesa, olhando entre Carter e eu. Esperando por mim para o matar. Esperando que eu me torne uma assassina.

Ele sabia. Todos eles sabiam. E eles deixaram Romano ir embora.

Com as duas mãos levantadas, Jase arregala os olhos e desacelera os passos, chegando a erguer a postura alguns centímetros e se agachar. "Você parece um pouco tonta," diz ele suavemente. "Você já tomou uma garrafa?" Ele me pergunta e para minha descrença, um riso curto e genuíno me deixa.

Claro, ele pensaria que eu estou bêbada e é por isso que vê-lo me faria reagir com pânico significativo.

Não é que eu só o vi ontem à noite, a algumas salas de distância, enquanto assassinava um homem que me perseguia há anos e continua a fazê-lo. Não é que eu ainda seja forçada a ficar aqui mesmo que eu esteja tão mal que eu possa correr para casa e me esconder no meu quarto de todos os terrores que me atormentam. Meu corpo aquece com ansiedade, mas o conhecimento que tenho sobre o presente me dá muita força necessária.

Ele dá mais um passo e eu balanço minha cabeça, saindo da porta e dando a volta em Jase. Uma das minhas mãos agarra o gargalo da garrafa, a outra passa pelo meu cabelo. "Eu estou apenas tendo um momento,"

eu finalmente respondo a ele fracamente embora minhas costas estejam para ele enquanto eu caminho de volta para o balcão onde está minha taça de vinho.

Meu coração dispara novamente. *Não vá foder tudo, pare*. De vez em quando o dia todo tem sido assim. *Eu preciso do Carter.* A garrafa bate no balcão e é só então que eu arrisco um olhar por cima do meu ombro para Jase.

Os olhos de Jase estão estreitados e ele ainda está de pé onde eu o deixei. Eu não posso tirar meus olhos dele enquanto ele me fixa no lugar com o olhar dele. Muito parecido com Carter, mas Jase está me avaliando.

Eu tenho que dar-lhe algo, mas tudo o que posso pensar é responder a sua pergunta anterior. Se eu fiz ou não comida suficiente para todos os outros.

"Eu fiz o pacote inteiro, então definitivamente há o suficiente." Com a resposta saindo facilmente, eu volto para o vinho e abridor. Abrindo-o facilmente enquanto falo com ele, embora eu possa sentir minhas mãos começarem a tremer novamente, e meu coração ameaça sair do meu peito.

"Eu não tinha certeza se alguém iria querer um prato, mas eu ia guardar as sobras, se não." Eu posso ouvir Jase caminhar de volta para a panela lentamente, mesmo que ele ainda esteja me avaliando. No segundo em que a taça de vinho está cheia, levanto-a aos lábios.

"Então, o vinho é a sua terapia?" Jase pergunta enquanto ele fica parado a poucos metros de mim, mas inclina a parte inferior das costas contra o balcão.

"Todos nós temos nossos vícios," eu ofereço a ele e lambo meus lábios. O sabor doce oferece pouca ajuda ao caos que corre pelo meu sangue. Mas, sua expressão gentil faz algo para mim. Solta algo duro e afiado que estava alojado no fundo do meu peito, me sufocando.

"Eu entendo," ele me diz, sua testa alisando quando ele se vira e pega outra taça no armário. "Importa se eu tomar uma?"

A agitação da minha cabeça é fraca, mas não porque não quero compartilhar. Eu não me importo, especialmente, se isso me der uma chance de conquistar o Jase. Lembro-me de um pensamento que me pareceu há muito tempo, um pensamento sobre o uso de Jase para ganhar minha liberdade. Ou talvez pedir piedade pela minha família.

Não, o tremor da minha cabeça é fraco porque Declan se junta a nós, entrando como se eu tivesse convocado uma reunião.

Jase está ao meu lado, com a taça na mão enquanto Declan toma o primeiro lugar de Jase, repetindo o movimento que Jase fez quando ele entrou pela primeira vez na cozinha. "Oh, droga," ele diz sobre a panela com

uma reverência em sua voz. "Você nos fez o jantar?" Declan pergunta com um sorriso infantil.

Isso não é exatamente a verdade, mas eu não nego isso. "Eu não tinha certeza se você gostaria, mas há muito."

Declan pega os pratos, a cerâmica tilintando enche a sala enquanto Jase me dá espaço, caminhando para o outro lado da ilha em forma de U e se encosta a ela, do meu lado. O pensamento de estar num local com os irmãos de Carter me assustava literalmente minutos atrás. Mas uma calma toma conta de mim enquanto vejo Declan fazer um prato e depois apontar a colher para Jase, que responde à pergunta não dita.

"Sim, eu quero um, eu não comi ainda."

Eu me inclino para frente um pouco fora do balcão, pronta para pedir a ele para me fazer um prato também, mas Declan fala primeiro.

"Você não envenenou, certo?" Declan pergunta com um sorriso de merda. "Você sabe que eu tenho que verificar," ele brinca e, em seguida, faz o prato de Jase.

E lá vai a sensação de tranquilidade e o sorriso que agraciou meus lábios. Ela lava-se como uma concha solitária na costa antes da maré.

Eu ainda sou a inimiga. Eu sempre serei a inimiga. E é isso que eles sempre serão para mim.

Ofereço-lhe um sorriso apertado e forço a tristeza e a pena. "Ainda não, você chegou aqui cedo demais." Um nó apertado se forma em minha garganta, mas eu o afoguei com o vinho enquanto Declan ri, ainda empilhando espaguete no prato. Lágrimas bastardas picam meus olhos e tudo que consigo pensar é que gostaria que Carter estivesse aqui ou que eu estivesse de volta em casa, sob o conforto do meu espaço.

"Eu não acho que ela tenha comido ainda," Jase diz a Declan em um tom que não tem nenhum traço do humor que eu forcei na minha resposta. Ele pega os dois pratos que Declan preparou e faz com que eu o siga até a pequena mesa para comer na cozinha. Declan parece chocado com a reação de Jase e a seriedade em seu tom e objetos para ele, tomando os dois pratos, um dos quais era dele. Sua testa enruga com confusão... até que ele me vê.

Eu sempre fui uma merda em esconder o que estou sentindo. Meu pai costumava dizer que eu me sentiria melhor neste mundo se pudesse aprender a mentir.

Meu corpo se move a contragosto para seguir Jase, mas pelo menos eu peguei a garrafa. Eu não posso olhar para Declan enquanto ele me observa. Eu sei que ele vê através do fraco humor que eu encobri minhas emoções na minha resposta.

"Você está bem comendo aqui?" Jase pergunta. As pernas da cadeira fazem um barulho de arranhar no chão enquanto ele puxa para fora para mim. Eu olho para a cadeira por um momento, maravilhando-me com a gentileza enquanto questiono suas intenções.

Ele se sente mal por mim. Isso é tudo que posso pensar. Ele está sendo legal porque estou ferida. Isso é tudo.

"Eu prefiro ficar sozinha," eu finalmente respondo a ele, encontrando minha voz e sentindo as cordas no meu pescoço tensas quando olho para ele. Eu tenho que forçar minhas palavras para fora da minha garganta seca e elas doem quando eu faço. "Eu só preciso ficar sozinha por um momento." Minha respiração estremece e a parte de trás dos meus olhos se arrepia quando vejo as visões da noite passada novamente. Apenas três salas abaixo. A grande sala de jantar fica a apenas três portas daqui.

"Por favor," eu digo rapidamente em um sussurro e coloco o vinho sobre a mesa com tanta graça quanto posso.

Com as duas mãos sobre a mesa, ele olha por cima do ombro e diz alguma coisa para Declan, mas não ouço o que.

"Você vai ficar bem?" Ele me pergunta quando ouço os passos de Declan saindo da cozinha.

"Quanto tempo demora para ficar bem depois de assassinar alguém? Mesmo se você sentir que foi justificado em todos os sentidos?" Eu pergunto a Jase e ele meramente olha além de mim na saída de Declan antes de trazer seus olhos para os meus.

Jase não me responde, ele simplesmente olha para mim como se eu não tivesse falado nada.

Eu começo a pensar que ele vai me deixar assim, levando seu prato com ele, mas em vez disso, ele me faz sua própria pergunta: "Você quer que eu pegue outra garrafa?" Para a qual eu posso apenas acenar em resposta.

Ele é gentil o bastante para me dar a solidão e a segunda garrafa que eu desejo.

CARTER

Você deveria ser gentil com ela.

Agitação me deixa em um profundo gemido profundo. Eu não respondo a mensagem de Jase e não pretendo. Ele não reconhece a gravidade da situação. Ele não sabe sobre ela.

Ele não sabe o que ela precisa.

O pensamento amargo permanece comigo enquanto eu desligo meu telefone e entro na cozinha silenciosamente. Eu sei que ela ainda está sentada onde estava há uma hora e, como eu esperava, ela não me vê entrar.

Ela nunca faz. Ela sempre me dá a oportunidade de vê-la, para ver como ela está quando ela não sabe que estou olhando.

Eu quase nunca fico desapontado, mas vendo como ela enche seu copo de novo, o prazer de estar em sua presença novamente é entorpecido.

Está se tornando uma muleta. Se ela sabe que eu vou embora, ela bebe. Isso só aconteceu duas vezes, mas ainda assim eu noto. Parte de mim reconhece sua condição. Sua situação. Percebo que pode ser fácil para ela ceder a um vício e deixar-se escorregar em algum

lugar onde a dor está ausente, e as escolhas não têm sentido. Mas, eu não quero que isso se torne um hábito.

Com uma torção de seu dedo, ela puxa meu colar que ela usa mais perto de seus lábios, deixando os diamantes e pérolas brincarem ali entre goles de vinho e zumbidos distraídos.

Seus lábios se separam um pouco enquanto ela balança em seu assento e olha para uma foto em preto e branco que está no corredor. Ela cantarola contra as pedras preciosas e eu gostaria de saber o que ela estava pensando. A tristeza e o olhar torturado me dizem que ela ainda está lá, meu pequeno passarinho com os olhos cortados.

Eu não reconheço a música que ela cantarola. Eu nunca faço. Às vezes parece mais uma conversa do que uma música.

Eu sigo seu olhar enquanto ando mais perto dela, a fotografia em preto e branco é uma foto do lado da nossa velha casa. Aquela que queimou. Aquela que *seu pai* havia queimado, esperando que nós quatro estivéssemos lá dentro e dormindo.

Eu sinto um aperto súbito ao longo da borda do meu coração, lembrando-me que a maldita coisa está lá.

"O que você está pensando?" Eu pergunto a Aria, ignorando a dor no meu peito e fazendo-a pular com o

tom da minha voz profunda.

Sua expressão é suave, assim como os olhos dela quando ela se vira no assento. Há até a insinuação de felicidade em seus lábios.

"Você está de volta," diz ela e há uma leveza em sua declaração. Ela não pode esconder o alívio que insulta com suas palavras. E aquele pouco de decepção que tenho com a embriaguez dela retorna.

"Eu disse que voltaria hoje à noite." É tudo que lhe ofereço quando puxo a cadeira ao lado dela, deixando os pés se arrastarem ruidosamente pelo chão.

"O que você estava fazendo?" Ela me pergunta com um prazer que parece genuíno.

Ela é ingênua em pensar que eu faço o tipo agradável a essa hora da noite.

Eu estava terminando a vida de um ladrão. Um viciado em drogas que comprou mais e mais do SL e não respondia a uma pergunta simples.

O que ele estava fazendo com isso?

É um dia raro que Jase não consegue uma resposta de alguém. Ele é bom no que faz. Ele deixou o drogado para sangrar e esperou que eu viesse. É o meu nome que eles mais temem.

Se a dor e a ameaça da morte não obtiverem uma resposta, o verdadeiro medo é rápido em prover uma.

E isso aconteceu. A única palavra que o idiota falou antes da vida escorregar dele era um nome. *Marcus. Tudo que eu consegui foi um nome. Mas era tudo que eu precisava.*

É um nome que eu estou começando a desprezar mais e mais com o passar dos dias. Daniel costumava ter uma boa reputação com Marcus, um homem que vive nas sombras e nunca se mostra. Mas, isso foi antes de encontrar Addison novamente. Desde então, Marcus ainda não foi encontrado, mas aparentemente ele está ocupado.

"Trabalho," eu respondo, e minha curta resposta puxa seu sorriso para baixo.

"Há sobras," ela me oferece, embora o sorriso tenha desaparecido. Eu posso sentir como a doçura dentro dela se esvaziou.

Quando ela atravessa a mesa para brincar com a haste de sua taça, pergunto: "Você fez o jantar para mim?"

"Você não é tão parecido com os seus irmãos, pela a maneira como você reage a uma maldita refeição," ela oferece com uma natureza um tanto brincalhona.

Eu não posso definir o que ela está pensando. Ou o que ela pensa de mim enquanto eu olho para ela.

"Tem sido um longo tempo."

"Desde que você comeu bolonhesa?" Ela pergunta como se minhas palavras fossem absurdas.

"Desde que alguém nos fez o jantar," eu digo a ela e penso em minha mãe. Mais uma vez, Aria olha para mim como se lesse minha mente. O fingimento de ser feliz e agir se as coisas são normais.

"Sinto muito," ela sussurra, e eu escolho não responder. Desculpa não leva nada de volta.

"Eu gosto de cozinhar," ela oferece depois de um momento, quebrando o silêncio e a tensão. "Se você quiser... eu não me importo de cozinhar mais vezes."

Eu costumava evitar a cozinha e a sala de jantar quando minha mãe adoeceu. Foi onde ela morreu. Nenhum de nós gostava de ir à cozinha. Era melhor entrar e sair daquele cômodo o mais rápido que podíamos. De certa forma, eu deveria ser grato que Talvery queimou aquela casa. Não era nada além de uma lembrança sombria.

Seus dedos esguios se movem para cima e para baixo da taça e espero que ela o beba, mas em vez disso, ela empurra para mim. "Você gostaria?"

Balanço a cabeça sem falar, imaginando se ela sabe o que penso sobre seu hábito.

"Eu não gosto quando você vai embora," diz ela antes de puxar a taça em sua direção novamente.

"Por que isso?" Eu pergunto a ela, grato por falar sobre qualquer coisa que não seja a merda acontecendo fora desta casa. Inimigos estão crescendo em número a cada dia.

"Eu começo a pensar coisas," ela diz baixinho, seu olhar oscilando entre a piscina de líquido escuro no vidro e meu próprio olhar.

"Isso está certo?" Eu pergunto a ela, pedindo mais.

"É melhor quando eu não tenho escolha," ela admite solenemente. "Pelo menos, pelo jeito que me sinto sobre mim mesma."

"O que é melhor?" A pergunta escapa de mim quando um vinco se aprofunda na minha testa.

"Meus pensamentos são melhores," afirma, mas não elabora.

"Como é isso?"

"Se eu estou com você, eu não me preocupo com a minha família, a guerra..." A voz dela racha e seu rosto se contrai. "Isso é horrível, não é?" Ela balança a cabeça, sua pele vermelha ficando mais brilhante. "É horrível. Sou horrível." E com sua última palavra, ela pega a taça, mas

eu pressiono a mão no antebraço, forçando a taça de volta para a mesa.

"Você é muitas coisas," eu digo a ela uniformemente enquanto eu levo a cadeira mais perto dela, "mas, horrível não é uma delas."

"Fraca. Eu sou fraca," ela responde com desgosto em sua língua. Seu olhar deixa o meu, embora eu não deixe o dela. Em vez disso, ela olha para a haste da taça de vinho. Ainda há uma boa parte em sua taça, mas pelo que posso dizer, esta é sua segunda garrafa. "Sou tão fraca que não quero ter escolha," diz ela, incrédula. "O quão fodido é isso?"

"Você está em uma posição difícil, com poucas opções e consequências graves." Eu nunca fui bom com conforto, mas posso oferecer razão. "E no fundo, você sabe que o que faz, não vai mudar nada." A verdade que flui facilmente de mim é brutal e faz Aria se esconder visivelmente de mim.

"Muito obrigada, oh," ela diz com uma voz inexpressiva enquanto pega a taça e depois bebe todo o restante do álcool. "Eu estava começando a me sentir patética e como se minha vida não tivesse sentido algum." Ela levanta a mão no ar e, em seguida, bate a palma da mão firmemente sobre a mesa. Há uma mordida de raiva em suas palavras que me irrita. A taça bate na mesa antes que ela me olhe nos olhos e me diz com uma

expressão desprovida de qualquer emoção, mas odeio: "Muito obrigada por esclarecer isso para mim."

"Eu aprecio sua luta, Aria. Mas seria prudente não falar comigo desse jeito." Minha própria voz é dura e mortal, mas não faz nada para Aria.

"Eu iria agora?" A simpatia enfeita seus lábios manchados de vinho. "Não tenho certeza se há uma única coisa sensata que eu possa fazer, Sr. Cross? Além de obedecer a *todos os* seus comandos."

Seu desafio é foda e só me deixa duro para ela. Meu pau endurece e se esforça contra o meu zíper quando eu me inclino para trás para levá-la. É como se estivéssemos voltando de onde paramos e eu não poderia estar mais feliz com essa situação.

Minha respiração acelera quando ela olha para mim, me desafiando a discordar dela.

"Você ama estar com raiva, não é?" Eu pergunto a ela, embora não seja uma pergunta. "Há muito mais poder na raiva do que na tristeza." A declaração faz seus lábios franzirem.

"Você não tem ideia do que você é capaz" Eu digo a ela uma verdade que poderia me destruir. "Mulheres como você foram feitas para arruinar homens como eu."

"Oh?" Ela pergunta. "Nós, mulheres que não somos capazes de mudar nada?" Ela parece lembrar de sua luta

quando acrescenta: "Você terá que esclarecer isso para mim. Estou muito bêbada ou estúpida para entender."

"Ou muito cega pelo seu passado?" Eu ofereço a ela. "Tão consumida com a mudança de algo que deveria acontecer. Isso *vai* acontecer, tanto que você não pode ver o que está por vir."

"O que deveria acontecer? Quando?" Ela pergunta quando ela engole visivelmente. Suas mãos seguram a borda da mesa como se ela precisasse segurá-la para se sentar.

"Você sabe exatamente o que eu quero dizer, Aria."

"Se isso acontecer, se o que eu acho que você está se referindo agora acontecer, não haverá futuro para mim. A prostituta disposta do inimigo que não podia fazer nada para salvar as pessoas que ela ama. Que tipo de vida é essa para liderar?"

Meu sangue corre frio com suas palavras. Envergonhado, observo-a alcançar os restos da garrafa mais próxima dela, apenas para encontrá-la vazia.

Ela se mataria? É isso que ela está dizendo? Meu sangue bate em minhas veias com o pensamento dela me deixando, ainda mais me deixando assim. Eu mal posso olhar para ela quando ela cai de volta em seu assento e se vira para me dar sua atenção novamente. "Se você fosse

eu, o que você faria?" Ela pergunta com genuína curiosidade.

Ainda estou me recuperando de sua confissão anterior para responder rapidamente, mas finalmente encontro palavras que tenham um tom de verdade para elas. "Eu cuidaria de mim mesmo e da minha própria sobrevivência."

"Minha própria sobrevivência?" Ela pergunta com um sorriso sarcástico de descrença. "Se eles estão mortos, então quem sou eu?"

Minha respiração se torna irregular, tensa e profunda em sua pergunta. "Você é minha." Minha resposta é imediata, severa e inegável. Cada palavra é dada com convicção.

Mas tudo o que faz é ficar com os olhos brilhantes. "E isso é tudo que eu sempre serei. Uma posse."

A tristeza é o que destrói a minha compostura. Ela me desenrola como ninguém nunca fez. Ela vai devastar tudo o que eu trabalhei, tudo o que sou, mas enquanto eu a tiver, tudo valerá a pena.

"Eu estava destinado a ter você. Eu só vivi pra ter você." Eu nunca falei palavras mais verdadeiras.

Sua respiração é superficial quando seu peito sobe e cai. "Carter?" Ela diz meu nome como se eu fosse salvá-la

do que ela está sentindo, da verdade quebrando cada pedaço de suas próprias crenças.

"Você foi feita para eu possuir. Lutar. Para foder. Para eu cuidar," eu digo quando me inclino mais perto dela, meu aperto atrás de sua cadeira enquanto abaixo meus lábios até que estejam a apenas um centímetro do dela. Meus olhos perfuram os dela enquanto ela olha de volta para mim com uma selvageria que eu desejo domar. "Você entendeu isso, Aria?"

"Você é um homem muito intenso, Carter Cross." Ela fala suas palavras suavemente com lágrimas nos olhos que eu não entendo.

Tudo o que posso fazer neste momento é bater de leve nos lábios dela, para silenciar a dor, a agonia, todas as perguntas que ela tem. O beijo não é gentil, não é suave e doce. É uma tomada brutal do que é meu. O que me foi devido por anos.

No instante em que capturo seus lábios, ela engasga e eu empurro minha língua dentro de sua boca, me empurrando para fora da cadeira e ouvindo-a bater no chão enquanto tomo seu rosto com ambas as mãos. Minha língua acaricia a dela rapidamente e ela encontra minha intensidade com a dela. Seus dedos passam pelo meu cabelo e suas unhas raspam no meu couro cabeludo, me puxando para ficar incrivelmente mais perto.

Ela geme na minha boca enquanto eu me afasto, desesperado para respirar. Em um movimento, eu a puxo para o chão enquanto empurro sua saia até as coxas, manobrando-a abaixo de mim. Sua barriga pressiona até o chão e minha ereção cava em sua bunda exposta.

"Você é uma garota tão safada que não se incomoda em cobrir isso." Eu seguro sua boceta molhada e pergunto a ela: "Você não está?"

Minha outra mão agarra o cabelo na base de seu crânio e se afasta o suficiente para fazê-la se curvar. Seus lábios partem com um doce suspiro de prazer e dor enquanto eu implacavelmente esfrego seu clitóris.

"Você é minha e nada mais. Você deixará tudo, menos o que eu ordeno que você faça e seja." Minhas palavras são sussurradas contra a sua orelha. Elas se misturam com seus gemidos enquanto eu olho para aqueles lindos lábios. Desesperado para levá-los novamente, ceder ao que eu quero. Removendo minha mão de sua boceta, eu agarro sua garganta por trás e bato meus lábios contra os dela.

"Carter," ela solta meu nome no momento em que eu quebro o beijo e sem pensar duas vezes, eu libero meu pau e bato dentro dela.

Sentindo suas paredes quentes e molhadas espasmarem no momento em que eu entro nela me deixa

louco. Ela é tão porra apertada, mas ela leva tudo de mim até o punho com um grito estrangulado.

Meus quadris se movem com um passo firme para reivindicá-la e tudo o que ela é. Tudo o que ela sempre será.

"Minha," eu grunho e solto sua garganta e cabelo para agarrar seus quadris com uma força contundente.

Seus braços mal a sustentam enquanto ela grita seu prazer.

Mais e mais eu a fodo o mais forte que eu posso. E cada um de seus gemidos estrangulados, combinados com o seu desesperado arranhar no chão embaixo dela, só me estimulava a fodê-la com mais força.

"Minha." Eu empurro a palavra através dos meus dentes enquanto ela goza violentamente abaixo de mim. Minha própria liberação segue, minhas bolas esticando-se e meus dedos se enrolando enquanto grossas correntes de gozo enchem sua vagina.

Ela fica lá, ofegando, seu pequeno corpo se curvando enquanto ela tenta desesperadamente se sustentar e respirar ao mesmo tempo. Ambos os esforços aparentemente em vão.

Meu esperma vaza dela enquanto ela repete meu nome de novo e de novo. Apoiando um antebraço em cada lado

dela, eu enrolo meus dentes em seu pescoço e belisco seu queixo antes de beijá-la novamente.

E ela me beija de volta, reverentemente e docemente. Suas mãos encontram meu queixo e seus dedos roçam minha nuca para manter meus lábios presos aos dela.

Meu peito arfa enquanto eu caio no chão ao lado dela.

O ar frio aliviando minha pele aquecida.

O único esforço que Aria faz é aproximar-se de mim, ter sua pele nua e vestida tocando a minha.

"Eu estive esperando por isso," diz ela suavemente enquanto se aconchega ao meu lado, contente em ser segurada.

"Pelo quê?" Eu pergunto a ela, ainda recuperando o fôlego.

"Para você me beijar assim."

Beijá-la. A lembrança de seus lábios quentes nos meus me implora para beijá-la novamente, mas suas palavras me impedem.

"Valeu a pena a espera." As palavras saem facilmente de seus lábios, os mesmos lábios que parecem inchados e avermelhados do nosso beijo.

A realidade volta para mim neste momento.

Isto não é o que isto deveria se tornar.

Eu não sei o que diabos ela está fazendo comigo, mas não pode continuar assim.

Estou estragando tudo.

ARIA

Estou surpresa que dormi tão bem.

Sem terrores, apenas um sono profundo muito necessário. Sempre que Carter me levava para a cama, até quase duas da manhã.

Não há sono suficiente para consertar a exaustão que sinto, mas sou grata por passar uma noite sem ser perturbada.

Ao me deslocar no chão de madeira do escritório de Carter, a dor em meus músculos se intensifica e estremeço. Estou tão dolorida da noite passada. De toda essa semana passada, talvez. Eu não sei se isso é normal ou não, mas eu me machuquei. A cada momento do dia, eu o sinto dentro de mim e me leva ao limite do prazer e da dor.

Tanto fisicamente como emocionalmente.

Não há como negar que Carter é uma alma quebrada e perdida. E não há como negar que quero corrigir todos os erros do passado dele.

Minha mente é um redemoinho do que eu gostaria que fosse desfeito, mas não há respostas que tenham pena de mim e me deem clareza. Tudo o que posso pensar é oferecer-lhe gentileza. Obedecer, ser boa para ele. E talvez

ele sinta algo além da raiva e ódio que obscurece seu julgamento.

Eu só posso imaginar o mundo em que ele cresceu. Os pequenos pedaços que me deu são irregulares e duros.

Eu não deveria ter pena do monstro que ele se tornou.

Eu não deveria amar o que ele faz comigo.

Mas, eu amo.

O pequeno pedaço de giz rola para trás e para frente entre meus dedos enquanto eu estudo o papel no chão. Não me lembro o que desenhei no parque. As perguntas que tive no meu sonho, não ontem à noite, mas na noite anterior, ainda estão vivas e vibrantes em minha mente.

Não posso deixar de pensar que há respostas no meu subconsciente. Respostas nos meus sonhos.

Mas não me lembro o que desenhei naquele dia.

Em vez disso, continuo desenhando a mesma coisa, a casa da fotografia no corredor. É singular e pequena, com características rústicas. Definitivamente é um cenário de backroad mas há outras casas ao lado dessa. Perto uma da outra.

O tijolo era velho e a argamassa parecia ainda mais velha. As ervas daninhas que cresciam ao lado daquilo pareciam como se elas estivessem lá, como se a natureza estivesse pretendendo recuperar a estrutura.

Quem tirou a fotografia captou a beleza da casa perfeitamente, mas por que me chama atenção? Por que continuo desenhando e mudando apenas as flores que crescem em torno dela?

"Existem quatro degraus," a voz de Carter invade meus pensamentos e eu olho para ele, sem registrar suas palavras. Ele demora a enrolar as mangas brancas da camisa. Não posso deixar de admirar os músculos tensos sob sua pele bronzeada e lembrar como suas mãos me agarraram na noite passada, deixando hematomas em meus quadris que ainda doem ao toque.

Ele gesticula para o desenho. "A varanda da frente tinha quatro degraus."

Levei um momento para compreender e ofereci-lhe um pequeno sorriso antes de perguntar: "Esta era a sua casa, não era?"

Ele acena e acrescenta: "Você faz parecer mais atraente do que era."

Meu coração aperta e um pequeno nó se forma na minha garganta quando ele retorna ao seu laptop. Talvez se ele cuidar de mim, tudo pode ficar bem. Pode ser feito certo.

Que pensamento ingênuo.

"O que você está pensando?" A pergunta de Carter me traz de volta ao presente novamente.

"Eu continuo vagando em pensamentos que eu não deveria," eu lhe respondo sem muito consentimento consciente. Talvez eu tenha descansado tanto que o sono se recusa a me deixar, deixando-me sonolenta e enjoada.

"Como?" Ele pede.

"Tipo, me perguntando por que amo tanto esta casa," respondo com cautela, embora meu olhar permaneça no papel.

"Eu odeio essa casa," diz Carter depois de um momento e eu movo meus olhos para os dele. A frieza em seus olhos está sempre presente e isso causa um arrepio na espinha.

"Você odeia tudo," digo-lhe distraidamente.

"Eu não te odeio," diz ele incisivamente, e sua refutação envia um calor fluindo através de mim.

"Como você se sente comigo então?" Eu pergunto a ele e mantenho meus dedos com o pedaço de giz.

Suas palavras são faladas suavemente e é a primeira admissão dele de qualquer tipo. "A própria ideia de que você é minha faz com que eu sinta que não há nada que não possa conquistar. Mas, na verdade, ter você é... tudo."

Eu não sei se ele percebe o quão poderosas são suas palavras. Quão intenso ele é. Apenas estar perto dele é sufocante. Nada mais pode existir quando ele está comigo.

"O que você lembra sobre a noite passada?" Ele me pergunta, e eu pisco para longe o transe que ele segurava em mim.

"Tudo," eu lhe respondo como se fosse óbvio. "Você chegou em casa. Nós tivemos uma conversa e depois mais no chão da cozinha..." Eu paro e meus dentes afundam no meu lábio inferior com a lembrança. "E então você me levou para a cama."

Carter balança a cabeça lentamente como se estivesse avaliando minha resposta. "Você não se lembra do que você me disse quando fomos para a cama? Lembra?" Meu coração pisca uma vez, depois duas vezes enquanto tento lembrar.

Mas eu não sei.

"Adormeci," digo a ele como se fosse uma desculpa.

Está quieto por um longo momento e um desconforto passa por mim. Como se eu dissesse algo que eu deveria, mas não sei o que era. Engolindo em seco, eu me preparo para perguntar: "O que eu disse?"

Mas ele não me responde, ele só faz um tsks em resposta.

Uma batida no meu peito e sangue me faz sentir no limite até que Carter se levanta e se aproxima de mim. Ele se aproxima de mim, me possuindo com sua presença como ele gosta de fazer. Meus olhos se fecham enquanto

ele abaixa a mão no topo da minha cabeça suavemente e depois gira uma mecha de cabelo entre os dedos.

Meu coração dispara com seu toque e não sei se é de medo ou luxúria.

"Tudo o que eu quero fazer é foder você até que não haja dúvida em sua mente a quem você pertence." Sua admissão força minhas coxas a se apertarem e aquela dor tenra retorna.

A tensão e o medo se dissipam com cada pequeno toque que ele me dá.

"Se você se entregasse a mim, todo o resto se encaixaria."

Seus dedos arrastam levemente ao longo da minha clavícula e até meu queixo, em seguida, movem-se para os meus lábios, traçando-os com um toque terno que eu acharia difícil de acreditar que pertence a Carter.

"Isso é tudo? Apenas me dedico inteiramente a você para me usar como uma idiota? Isso resolveria tudo?" Meu retorno é enfraquecido pela maneira gentil como as palavras fluem, o flerte que não posso negar em sua cadência.

Seu pênis está bem na frente do meu rosto, obviamente duro e pressionando contra suas calças. Minhas outras partes e meus dedos coçam para alcançá-lo e levá-lo.

O latejar entre minhas coxas se intensifica e eu luto para me lembrar de que sou cativa dele, sua foda, sua prostituta e nada mais. Tudo o que posso pensar é o quanto eu quero agradá-lo como ele me fez na noite passada.

Eu quero trazê-lo de joelhos e deixá-lo fraco pelo meu toque como se eu fosse dele.

"Eu quero..." Eu tenho que me parar e engolir minhas palavras, me sentindo suja.

Ele se agacha na minha frente, seu olhar penetrando no meu com uma intensidade que me pede para me afastar dele, para fugir da fera de um homem que não está escondendo nada de mim.

Suas palavras sombrias são sussurradas de seus lábios. "Diga-me o que você quer, Aria."

"E-eu," eu gaguejo. Como um desigual insignificante.

É preciso toda a minha coragem para erguer o olhar para o dele, respirar fundo e, ao expirar, confessar: "Quero te chupar."

"Você quer envolver esses pequenos lábios em volta do meu pau até que eu goze no fundo da sua garganta?" Ele pergunta facilmente com uma rouquidão que vem do fundo do seu peito, movendo o polegar para os meus lábios e traçando-os mais uma vez.

Eu aceno, forçando o dedo a alterar seu caminho e roçar contra a minha bochecha. Estou sem fôlego, cheia de desejo, entorpecida de tudo menos dele.

O que ele fez comigo?

O pensamento me atinge quando ele me deixa ofegante no chão para pegar uma das cadeiras na frente de sua mesa e movê-la diretamente na minha frente. Ele não perde tempo, executando a tarefa rapidamente.

Ele não fala enquanto se senta, as duas mãos descansando facilmente em suas coxas.

Minha mão está trêmula quando a levanto até o zíper, mas ele me pega antes de eu tocá-lo. Seu aperto é quente e exigente e rouba minha atenção e respiração da mesma forma.

Estou presa pela luxúria em seus olhos quando ele me pergunta: "Você já fez isso antes?" Ele se inclina para perguntar: "Você fez alguma coisa antes de mim?"

"Sim," eu lhe respondo, embora pareça uma meia-verdade e só de pensar que estou parcialmente mentindo para ele, meu pulso se acelera e o calor do corpo. Não é o mesmo. O que eu fiz com Nikolai não foi nada perto disso. Nós éramos jovens e eu precisava de alguém para me oferecer conforto. Nikolai era o único lá para mim. Eu o beijei primeiro e implorei para ele me tocar.

Eu o amava e sabia que ele me amava. Mesmo que ele só fosse um amigo.

Mas meu pai nunca poderia saber sobre nós e quando Nik subiu nas posições e eu fiquei mais ousada, meu pai ficou desconfiado. Eu não acho que Nikolai quisesse arriscar sua posição por mim.

E eu não queria arriscar nossa amizade.

O que eu tinha com ele não era nada disso.

"Quem foi?" Carter me pergunta. "Mais de um?" Sua cabeça se inclina quando ele solta minha mão e meu coração bate como um tambor de guerra.

"Não é da sua conta," eu digo a ele de brincadeira e agarro seus dois pulsos para mover suas mãos para os braços da cadeira. "Deixe-me brincar," digo a ele como se fosse um comando, mas as palavras saem como se eu estivesse implorando.

Ele não me responde, mas seus dedos envolvem os braços da cadeira e ele não diz nada para me impedir.

Eu me atrapalho com o botão, meus nervos tirando o melhor de mim enquanto eu me movo de joelhos entre as pernas dele. O som de suas calças farfalhando e o profundo zumbido de desejo do peito de Carter me incentivou a ignorar meus nervos.

Ele levanta seus quadris para me ajudar depois que eu desabotoo suas calças e seu pênis se projeta na frente do meu rosto. Choque me pega de surpresa. É mais do que eu pensava. Grande e grosso. Instantaneamente, eu me pergunto como ele se encaixa dentro de mim. Me contorcendo na frente dele, eu sei que ele sabe o que estou pensando. A risada áspera e masculina revela isso.

Eu olho para ele enquanto eu envolvo seu pau com ambas as minhas mãos. Eu não posso fechar meus dedos ao redor dele, mas a parte que me preocupa é como eu vou encaixá-lo na minha boca.

Eu imaginei pegar tudo dele e dar prazer a ele a ponto de ele não conseguir se controlar, mas agora eu questiono se eu posso pegar uma fração dele sem engasgar.

Lentamente, Carter levanta a mão como se pedisse permissão e a movesse para a parte de trás da minha cabeça. "Você pode lambê-lo primeiro," ele oferece baixo e profundo, não escondendo como sua respiração engatou.

A ponta de pré-gozo na sua fenda me seduz para lamber, e assim eu faço. Um rubor e orgulho se elevam para aquecer minhas bochechas quando o homem sentado na minha frente estremece ao meu toque.

Sua grande mão se espalha e me aproxima, implorando por mais. Mas eu lambo ele, agarrando a mão dele e colocando de volta onde ele pertence no resto do braço.

Ele se reajusta em seu assento, mas seus olhos nunca deixam os meus. Eles estão mais escuros do que antes, o que só faz as partículas de prata se destacarem ainda mais. O calor me deixa esperando e me inclino para frente, encontrando meu prazer cobrindo a cabeça de seu pênis com meus lábios.

O gosto salgado do pré-gozo e a sensação das coxas de Carter apertando meus antebraços enquanto me preparo, me fazem gemer com a boca cheia dele.

"Foda-se," ele geme, e seus quadris balançam levemente, empurrando-o ainda mais na minha boca, movendo-se contra o teto e descendo pela minha garganta. E eu o levo facilmente, embora meus dentes raspem ao longo do seu pau.

Usando meus lábios para proteger meus dentes, eu coloco pressão em seu pênis, tomando cada centímetro dele que eu posso.

Meus olhos ardem enquanto me abaixo mais e mais, e cada vez fico mais quente e mais quente para ele. A ideia de subir em cima dele e tirar meu prazer dele passa pela minha cabeça, mas eu resisto. Eu quero mostrar a ele que posso dar prazer a ele como ele me dá.

Minhas unhas cavam nas minhas coxas quando sinto a cabeça do seu pau bater no fundo da minha garganta. É preciso tudo o que não tenho para reagir. Para não me afastar e ofegar por ar enquanto ele me sufoca quando

seus quadris se inclinam para cima e ele se empurra um pouco além do meu limite.

Eu cuspo um pouco, forçando-o para fora da minha boca para que eu possa respirar. Eu me inclino para trás, mas não paro. Mesmo sabendo que há saliva ao redor da minha boca, eu continuo trabalhando seu pênis com a minha mão e rapidamente o levo de volta e tento garganta profunda nele novamente. O profundo e rouco gemido que Carter solta quando eu chupo minhas bochechas me faz sentir como uma rainha. Como uma rainha poderosa capaz de deixar esse homem de joelhos.

Através dos meus cílios, eu olho para ele. Em sua posição rígida e suas unhas ásperas cavando no couro de sua cadeira enquanto ele a segura em vez de estender a mão para mim. Meus olhos se movem para cima enquanto eu o levo mais fundo, tentando engolir. E nesse momento, Carter quebra.

"Chega," ele morde e se levanta, puxando seu pau da minha boca e me deixando na minha bunda na frente dele. Minhas mãos batem no chão com força, mas não me importo. A única sensação no meu corpo que me interessa é o pulsar entre as minhas coxas.

Eu mal consigo controlar minha respiração quando olho para ele. Carter Cross. Desequilibrado e incapaz de desistir do controle. "Eu quero você," eu imploro para ele por baixo dele.

É verdade. Eu o quero, e não estou mais disposta a esconder esse fato por mais tempo.

Ele vira de costas para mim, as calças caídas ao redor de sua cintura até que ele as empurra para baixo, mostrando-me sua bunda apertada e coxas musculosas.

Seu antebraço se contrai contra a mesa e, em um movimento rápido, ele limpa tudo no chão. O telefone, canetas, seu laptop, os papéis. Eles se agitam e caem no chão de uma só vez, mas nada disso importa. A única coisa que posso fazer é ficar vítima da intensidade das necessidades de Carter.

"Eu quero que você monte na minha cara. Eu preciso sentir você gozar na minha língua." Suas palavras fazem a dor entre minhas coxas ainda maior. Minha necessidade de senti-lo desfeito ainda mais forte.

Minhas pernas estão fracas e prontas para ceder enquanto estou de pé, mas isso não importa. Carter aperta meus quadris e força um grito de mim enquanto ele se deita em frente a sua mesa, seu pênis ainda duro sobressaindo enquanto ele me deixa sentar em seu peito.

Antes de uma única palavra ser dita entre minha respiração ofegante, Carter empurra minha saia para cima e rasga minha calcinha.

Enquanto observo a lingerie esfarrapada cair no chão, Carter pega minha blusa, rasgando-a de cima e expondo

meus seios. Ele rasga minhas roupas como se elas não fossem nada. E assim podem ser, a julgar pela rapidez e facilidade com que caem ao seu capricho.

Ele disse que queria que eu montasse nele. Mas Carter é um maldito mentiroso. Seus dedos seguram a carne dos meus quadris e bunda e ele me mantém exatamente onde ele me quer. Ele arrasta a língua da minha abertura para o meu clitóris, onde ele suga ao ponto de eu cair para a frente com um prazer ofuscante que ilumina todas as terminações nervosas em chamas.

Meus seios batem na mesa acima da cabeça e, quando grito, a porta do escritório se abre.

Eu me cubro e tento me esconder, mas Carter ainda está devastando minha boceta quando eu pego a expressão chocada de Daniel.

"Foda-se," é tudo o que ele diz, e ele se vira o mais rápido que pode para alcançar atrás de si para a maçaneta da porta, mas não consegue agarrá-la. Eu riria se não estivesse petrificada, sabendo que estou prestes a gozar. O prazer se transforma em uma tempestade na minha barriga e ameaça atravessar todos os membros, movendo-se para as pontas dos meus dedos em ondas.

"Eu vou gozar," eu grito para o teto enquanto Carter me tira de cima dele, me empurrando contra seu pau duro, onde ele esfrega contra a minha bunda, para que ele possa ver quem diabos abriu a porta.

A porta se fecha finalmente, e Carter se senta, fazendo-me cair de volta contra a mesa enquanto seu pau grosso corre ao longo do comprimento da minha buceta e eu gozo. A sensação de seu pênis mal se encostando na minha entrada é o que faz.

Eu gozo violentamente, com meu rosto e cada centímetro do meu corpo aquecido. Eu posso ouvir Carter pegando suas calças e puxando-as até as pernas, mesmo quando o prazer passa por mim, me paralisando e aquecendo meu corpo de uma vez.

Daniel Cross, irmão do homem mais poderoso que eu já conheci, acabou de me testemunhar no rosto de Carter e tirando meu prazer dele.

Eu estremeço quando minha mão chega para cobrir meus seios. Eu mal posso respirar quando ouço Carter puxar o zíper.

Eu deveria sentir vergonha de algum tipo. Mas eu não consigo fazer isso. Eu não me sinto nada além de saciada, sem fôlego e satisfeita.

"Eu tenho que ver o que Daniel precisa. Deixe um salto de cada lado da mesa," Carter me comanda enquanto agarra cada um dos meus tornozelos e espalha minhas pernas em sua mesa. "Espere por mim."

Ele agarra meus quadris, me puxando para mais perto da borda da mesa enquanto eu aceno. Minha saia está

amarrotada em volta de mim e minhas mãos se movem instantaneamente para minha boceta.

"Se você quiser se tocar, faça isso." Seu comando vem entre suas respirações irregulares. "Goze tanto quanto você quer enquanto eu estiver fora."

Eu deito lá, minhas costas em sua mesa, minha bunda dirigida para o assento em que ele governa e meu peito arfando quando ele me deixa.

Ainda estou recuperando o fôlego quando ouço a porta se fechar.

Toque-se, ouço suas palavras novamente e lamento apenas a partir do comando. Da voz e cadência profundas que só podem vir da voz de um homem cheio de desejo.

Meus dedos percorrem meu clitóris, mas não posso fazer isso.

Estou tão sensível ao menor toque que tenho que parar meus movimentos antes de me empurrar. Eu não posso fazer isso. É tão intenso que simplesmente não consigo me aproximar.

Eu não aperto nada, eu imagino Carter entre as minhas pernas, em cima de mim, me sufocando com seu peso enquanto ele bate em mim e eu tenho que fechar minhas pernas. Minhas mãos voam para o meu cabelo, empurrando-o do meu rosto e tentando me segurar.

Quando abro os olhos, olho para o teto vazio, acompanhado apenas pela respiração pesada e pelo tique-taque do relógio.

Não para de bater, mas a cada golpe minhas necessidades diminuem e minha sanidade volta para mim.

Eu fico ali por horas, e quando vejo o relógio, é preciso. Ao longo de uma hora nossa já passou, minhas costas estão rígidas e o desejo que eu tinha está praticamente acabado, subjugado pela preocupação, substituído por um sentimento de rejeição. Enquanto me sento, tudo dói. Minhas costas, especialmente. Eu olho para a porta, querendo que Carter venha me buscar. Mas ele não volta.

Não esta hora e não na próxima.

Qualquer pedacinho de poder que eu senti, desaparece para nada, que é exatamente o que eu sinto quando eu saio do quarto, me cobrindo com a camisa rasgada.

***

EU NÃO PAREI DE OLHAR para o relógio no quarto e me pergunto se eu deveria voltar para o escritório. Eu não posso ficar lá esperando por ele por horas. Tenho quase certeza de que ele não esperava isso quando me deixou.

Mas a cada minuto que passa me avisa para voltar. Parar de desafiar Carter e mostrar a ele que eu posso ser

o que ele quer, e talvez isso o convença a fazer o que eu quero. Poupar minha família.

O orgulho e a emoção se foram há muito e em seu lugar apenas incerteza.

Tudo que estou fazendo é preocupante enquanto espero incansavelmente na cama de Carter.

No momento em que ouço o clique da porta se abrindo, eu me sento na cama, ficando de joelhos, segurando os lençóis no meu peito.

Carter entra devagar, seu olhar no chão. Ele parece exausto e abatido como nunca o vi. Eu não posso falar nada, chocada com a visão dele nesse estado, mas as desculpas que eu fiz e ensaiei nas últimas horas não importam de qualquer maneira.

Ele pede desculpas. Carter me pede desculpas pela segunda vez em apenas dois dias.

"Me desculpe por ter te deixado esperando tanto tempo. Eu não percebi..." Sua voz desaparece quando ele se dirige para a cômoda, descuidadamente largando seu Rolex em uma gaveta e depois tomando seu tempo para se despir.

Os músculos em seus ombros ondulam quando ele se despe com as costas para mim.

"Está tudo bem?" Pergunto a ele, atrevendo-me a bisbilhotar.

Sua barba está espessa e seus olhos parecem pesados. É só então que me pergunto se ele dormiu a noite passada.

Eu mal durmo, e Carter está sempre acordado quando eu durmo e sempre acordado quando acordo.

"Daniel não está em um bom lugar no momento," ele me diz em uma única respiração prolongada antes de subir na cama.

"Problemas com Addison?" Eu só posso adivinhar.

O olhar de Carter fica curioso, mas também protegido enquanto ele me observa aproximando-me dele. Eu me pergunto o quanto disso é um ato, e quanto dele é realmente o meu desejo de me aproximar de Carter quando eu deixo minha mão cair em seu peito. É estranho no começo para eu colocar minha bochecha em seu peito nu enquanto meus dedos brincam com o punhado de pêlos no peito que leva mais e mais baixo. Mas quanto mais ele permite, mais ele envolve seu braço em volta de mim como se eu pertencesse a ele, mais confortável eu me sinto tomando o que eu quero dele.

"O que você sabe sobre ela?" Ele me pergunta, e eu sinto as palavras ressoarem em seu peito.

"Só que ela está com Daniel," digo a ele e depois me lembro da primeira vez que a vi. Quão chateados ambos estavam por algo que eu não estava a par. Eu acrescento calmamente: "Eu acho que eles se amam."

Eu não tenho que olhar para cima para saber que Carter está sorrindo, mas eu sei. Mas o pequeno sorriso é fraco, a frieza não pode ser escondida nem pelos belos lábios de Carter.

"Ela não está lidando bem com o bloqueio," ele confidencia para mim. Bloqueio. Eu ouvi o termo mais de uma vez. Eu sei o que isso significa, e isso me lembra da realidade. Meu pai costumava me deixar em casa segura por dias a fio, se ele tivesse que sair durante o bloqueio. Era melhor quando ele só iria embora por horas e eu poderia me esconder no meu quarto, o que eu fazia independentemente de estarmos ou não no bloqueio.

As palavras mal são pronunciadas quando meu peito se aperta. "Eu posso imaginar."

"Você ficou na sua cela por mais tempo do que eu pensava que você faria sem se submeter a mim. Você tem uma força mental que a maioria não tem." Eu não sei como levar a declaração de Carter. Não é um elogio, embora pareça.

"Ainda assim, posso vê-la querendo ir embora. Para não ser..." Eu tento pensar na palavra certa, uma palavra que não vai incomodar Carter e arruinar a conversa.

Meus dedos tecem em volta da fina corrente sempre presente em volta do meu pescoço. O colar caro que é verdadeiramente uma coleira.

"Amarrada?" Carter pergunta e eu só posso acenar com a cabeça, minha bochecha roçando seu peito enquanto olho diretamente para frente.

O silêncio dura mais do que eu gostaria, mas tudo que posso fazer é ouvir o ritmo constante do coração de Carter até ele falar.

"Ela está segura aqui. Ela é cuidada." A maneira como diz suas palavras é cuidadosa, mas tensa. Isso, combinado com a maneira como o coração dele agarra seu ritmo, me faz pensar que não estamos mais falando sobre Addison.

"O que você diria a ela então?" Eu pergunto a ele, querendo uma visão dos pensamentos de Carter. "O momento em que ela está sozinha e os pensamentos de sair correm de volta para ela?" Eu tenho que saber o que ele diria. "O que você diria a ela?"

Carter se move pela primeira vez desde que me acomodei ao lado dele. Ele levanta o braço em volta de mim e deixa seus dedos arrastarem lentamente ao longo da minha pele como se estivesse considerando cuidadosamente sua resposta. Ele beija meu cabelo uma vez, depois duas vezes antes de usar a outra mão para

levantar meu queixo e me forçar a olhar para ele. Seu toque é gentil. Tão gentil que poderia me quebrar.

"Eu diria que ela tem alguém aqui que a amava antes mesmo de conhecer os níveis mais sombrios para onde o amor pode levá-lo. E que não há melhor proteção contra a vida de merda que levamos do que isso."

Meu coração para. Sinto que deixa de bater enquanto ele continua a olhar para mim, e não posso desejar que ele se mova novamente. Não há nada além de sinceridade em seu olhar e o último pedaço de guarda que tenho desmoronou.

Amor. A palavra amor quebra algo dentro de mim.

"Eu preciso disso para mim," diz Carter antes que eu possa responder. Ele rola, me prendendo embaixo dele e me fode loucamente, me beija vorazmente e então me segura para ele, de costas para o peito dele. Todo o tempo eu quebro mais e mais. Tanto que sei que nunca mais serei a mesma.

CARTER

"Qual é a atualização?" Pergunto a Jase, encostado na parede do corredor. Meus olhos ficam presos na maçaneta de vidro esculpida com meus pensamentos sobre o que está por trás disso.

"O mesmo de antes." A resposta de Jase fica baixa enquanto nós dois vemos Aria e Daniel vindo em nossa direção. Eles estão longe o suficiente para que ela não seja capaz de ouvir. Seus dedos torcem um no outro enquanto ela caminha rapidamente para acompanhar o ritmo de Daniel.

Eu não sei o que Daniel diz a ela com um largo sorriso, mas ele solta o olhar solene em seu rosto e ela sorri de volta para ele.

"Romano está pronto para atacar quando estivermos. Tanto quanto todos sabem, somos nós dois atacando o Talvery."

"E a droga? E os compradores que acumulam isso?"

"Eles estão todos dizendo Marcus. Mas é apenas um nome. Eu sei o que ele está chegando. Quando um homem está perto da morte, ele lhe dirá qualquer coisa que você queira saber, seja para tornar seu final rápido ou para tentar salvar a si mesmo. Quatro homens agora, cada um acumulando a droga que sabemos ser letal e

cada um dando apenas um nome em seu último suspiro. Esses são os quatro únicos comprando a granel, exceto pela garota que eu vi há uma semana. Eu prefiro não procurá-la, mas nossas opções estão diminuindo."

"Por que não dar mais informações?"

A palma de Jase pressiona contra a parede e eu posso sentir seu olhar em mim enquanto ele se inclina mais perto. "O que ele tem sobre eles que eles mantêm seus segredos mesmo quando morrem?"

"Talvez eles não saibam mais nada," eu ofereço, mas Jase balança a cabeça. Eu só olho para ele por causa de Aria. Ela vê sua expressão e o pouco de felicidade que Daniel lhe proporcionou instantaneamente desaparece.

Jase parece preocupado, com raiva mesmo com uma carranca grudada em seu rosto.

"Nós vamos falar sobre isso mais tarde," digo a ele humildemente, mas ele não para.

"Eles não me deram nada. Não é um ponto de desistência, nem um procedimento ou detalhes." Ele se inclina para mais perto de mim para enfatizar: "Apenas um nome."

Nossos olhares estão trancados por um momento a mais do que deveriam ser.

Daniel pigarreia ao mesmo tempo em que ouço seus passos e Aria param atrás de mim.

"Então nós temos um nome," eu digo a Jase e uma pequena contração se junta no canto de seus lábios.

"Mais tarde," eu lembro a ele. "Conversamos depois." Ele balança a cabeça, empurrando a parede e finalmente cumprimentando Aria.

"Eu espero que você goste," Jase diz a ela, e ela olha entre nós dois, sem saber do que diabos ele está falando.

Enquanto Daniel e Jase se afastam, voltando pelo caminho, Daniel e Aria vêm, ela diz a ele, *obrigada*, ao qual ela deu um sorriso para ambos os meus irmãos.

Seu nervosismo ainda é visível quando ela mal olha para mim e continua a correr os dedos ao longo da costura de sua blusa. Qualquer coisa fora da rotina normal causa essa reação nela.

Eu me pergunto quanto tempo isso vai durar.

O comentário bêbado que ela fez na outra noite não me deixou. Naquela noite, assim que ela dormiu, tomei providências.

Ela disse que vai me deixar um dia. Que ela vai fugir e se esconder em seu quarto até que a guerra acabe. Ela estava bêbada, mas ela disse como se fosse um fato.

Ela não se lembra de dizer isso, mas isso não muda nada.

Eu não vou permitir ela me deixar. Ela nunca tem permissão para me deixar.

Eu perguntei por que ela me deixaria, e ela disse tão simplesmente, que às vezes ela só quer respirar, mas não consegue fazer isso sem pensar demais em tudo.

Não lhe darei um quarto, mas ela pode ter um quarto para onde correr.

Eu posso esconder o que está acontecendo com ela até que suas perguntas desapareçam e tudo o que ela deixou sou eu.

"O que é isso?" Aria pergunta quando a porta se abre.

"Era uma sala de armazenamento," eu respondo com uma mão espalmada em sua parte inferior das costas e uma mão na porta para empurrá-la aberta até onde vai.

"E agora?" Ela pergunta sem rumo quando ela dá um passo para a sala iluminada. Seu rosto está cheio de admiração quando ela se aproxima da sala luxuriosamente decorada.

Além de uma parede cinza estampada à esquerda, onde se poderia imaginar uma cama para sentar, o restante das paredes é de um blush suave, quase branco.

A cadeira na penteadeira é forrada com um tecido listrado cinza e, além dela, há vasos de vidro e uma luz de vidro combinando.

Cinza e blush são as duas únicas cores. O decorador se referiu ao esquema de cores como tons minerais, mas parece feminino para mim. Eu queria que Aria soubesse que este quarto foi projetado para ela, então cada peça de mobília e item contido neste quarto era para garantir que ela soubesse que pertencia a ela.

Tudo o mais, desde o tapete branco de pelúcia no centro da sala até as cortinas transparentes, é branco. Uma mesa de vidro e mesinhas de cabeceira espelhadas permitem que a luz brilhe sem obstruções.

Não demorou muito para a empresa juntar tudo. O quarto dela está do outro lado da minha ala, mais longe do meu quarto. Foi a sugestão de Jase e a única razão pela qual eu concordei foi devido à minha impaciência. Eu precisava fazer isso rapidamente, considerando que estamos a poucos dias de uma guerra total.

"O que você quer em troca?" Aria me pergunta hesitante.

Minha expressão fica difícil como um filho da puta enquanto a observo. "Isso não é uma negociação ou um jogo, Aria. É um presente." Seus belos olhos castanhos se arregalam levemente e seus lábios se separam para se

desculpar, mas eu a interrompo para perguntar: "Você gostou?"

"É lindo," diz ela com reverência enquanto admira os detalhes de cada uma das peças, apenas dando pequenos olhares para mim, para saber como estou avaliando-a quando ela reage ao quarto.

"Não há cama?" Ela pergunta baixinho com um toque de confusão enquanto olha para a parede onde obviamente deveria estar.

"Você pode dormir no meu quarto..." Eu quase acrescento, “ou a cela”, mas eu escolho não fazê-lo. Ela parece ouvir as palavras independentemente, os olhos dela flutuando no chão enquanto ela engole em seco.

"Este não é um quarto que eu gostaria que você considerasse seu quarto." Minhas palavras trazem seu olhar para mim. Escolhendo minhas palavras com cuidado, digo a ela: "Você pertence a mim, mas este é um lugar para você ir se precisar... de espaço."

Ela apenas balança a cabeça, e acho que é toda a reação que vou conseguir até que ela olha para mim, seus dedos arrastando ao longo do papel de parede, e diz baixinho: "Obrigada," a gratidão derrete a tensão entre nós, e acalma uma profunda necessidade dentro de mim para ela querer o que eu posso dar a ela.

Eu assisto Aria andar hesitante para a vaidade, intricadamente esculpida e uma antiguidade, mas impressionante. Basta tocar nos botões de vidro cortados antes de puxar as gavetas e encontrar suas coisas lá.

Não as que ela tinha em casa, mas novas para substituir cada item que ela tinha.

Sua mão paira acima delas por um momento, quase como se ela estivesse com medo de ser mordida por algo dentro se ela se movesse muito rapidamente.

Seu ritmo é mais rápido quando ela se muda para o armário, cheio de todos os tipos de roupas. De vestidos caros e lingerie para camisas de dormir que me disseram que ela prefere.

"Eu gosto de escolher o que você veste," eu digo a ela e prendo sua atenção quando ela se vira para olhar para mim, embora sua mão ainda esteja acariciando a seda de uma blusa vermelha profunda.

"E você escolhe vermelho," diz ela sob sua respiração antes de voltar para o armário. "Há certamente um tema."

"Vermelho complementa você, nós," eu lhe respondo, embora ela não responda. Eu dou um passo em direção a ela, mas ela continua examinando o quarto, tomando cada pedaço com cuidado.

"Se você quiser que algo mude," digo a ela quando abre uma gaveta do criado mudo, "pode ser arranjado."

Ela olha para mim enquanto fecha a gaveta. Há uma vantagem em seus movimentos.

"Como você sabia?" Ela pergunta, e sua pergunta é atada com tensão.

"Sabia o que exatamente?" Eu pergunto a ela, meus músculos se enrolando com o tom de sua voz.

Seu olhar se desloca para a porta aberta antes que seus olhos pousem em mim. Seus dedos brincam com a borda da blusa em uma inquietude nervosa.

"Você tem muitas coisas aqui." Ela lambe o lábio e debate em continuar, mas ela não precisa.

"Eu pedi uma lista," eu respondo a ela antes que ela possa perguntar como eu sabia o que ela queria.

"Há um informante," ela sussurra, e sua postura fica rígida.

"Como você achou que Romano sabia quando e onde adquirir você?"

"Adquirir... é assim que você chama?" Sua voz se eleva quando ela se aproxima de mim. Passos lentos e deliberados e posso sentir a tensão saindo de seus ombros. "O informante lhe disse onde adquirir sua

prostituta e com o que encher seu quarto?" Ela me pergunta com a respiração trêmula e lágrimas nos olhos.

"Eu queria que isso fosse bom para você." As duras palavras permanecem entre nós quando minha garganta aperta. A raiva está escrita no meu rosto. Eu posso sentir isso como pedra, mas não posso mudar minha expressão.

De todos os comentários inteligentes e um pouco de raiva que ela me mostrou, isso é o pior.

A desconfiança é claramente evidente. Eu não ganhei sua desconfiança. Eu não sou o maldito informante.

"Como você esperava que eu reagisse ao ser dito que alguém estava me espionando?" Ela pergunta com genuína angústia enquanto seu lábio inferior oscila e ela pega entre os dentes antes de virar as costas para mim. Eu pensei que ela já soubesse. Ela é uma mulher inteligente, mas eu esqueço o quão confiante ela é. Quão leal.

Seus braços se cruzam e descruzam enquanto ela discute sobre como lidar com a revelação. Ela anda da cômoda para a penteadeira. Já está andando nessa sala. Eu tenho que lutar contra o desejo de sorrir enquanto eu a assisto andar de um lado para o outro sobre o tapete branco, que é exatamente como eu a imaginei aqui.

Mas não tão cedo, e não assim. Este quarto é melhor do que a cela, se nada mais.

"Eu pensei que você teria assumido," eu digo a ela honestamente e nervosismo arrepia minha pele quando ela volta para mim. É inquietante e eu debato sobre deixá-la aqui, mas recuso. Ela não vai tirar sua raiva de mim. Não quando pertence a outra pessoa. "Não deveria te chatear. Eu queria que você tivesse tudo que poderia ter conseguido," eu admito para ela e tento manter minha voz calma e uniforme, mas a raiva em relação a sua resposta ainda perdura.

O nervosismo cresce dentro de mim e estou enojado com isso. Eu pensei que ela iria gostar disso. Eu pensei que ela ficaria animada em ter tudo o que ela tinha antes. Ou pelo menos grata. Eu pensei errado.

Eu deveria me sentir irritado ou chateado, mas não é isso que sinto. Eu fiz isso com ela. Ela não pode aceitar um presente sem ser cautelosa com minhas intenções.

Com um buraco crescendo no meu estômago, eu falo sem encontrar seus olhos. Olho direto para as cortinas que servem apenas para acrescentar beleza às janelas trancadas que nunca se abrirão para ela.

"Eu queria fazer você feliz," digo a ela e limpo minha garganta com um nó. "Eu pensei que isso faria você feliz," eu paro para passar a mão sobre a parte de trás da minha cabeça, sentindo o vinco sempre presente que me lembra como sou uma merda em saber o que ela precisa além de uma boa foda e finalmente olhar para ela olhar pensativo

que já está abrandando, "ou pelo menos lhe proporcionar conforto."

Meu coração bate mais rápido enquanto ela olha para mim com uma gentileza que ela não me deu antes. "Estou tentando ser gentil," confesso para ela.

"Sinto muito," ela sussurra em uma voz embargada. No segundo em que me sinto vacilando e perdendo o homem que sou para essa mulher, ela vagueia em minha direção e envolve seus braços em volta da minha cintura, suas mãos espalmadas em meus ombros enquanto me abraça.

Demoro um momento para segurá-la para mim e quando o faço, beijo seu cabelo e enterro meu rosto nele antes que ela se afaste.

Seus olhos estão vidrados, mas ela não chora, ela soa forte, embora algumas de suas palavras estalem quando ela diz: "É apenas um lembrete... de tudo que eu nunca mais terei." Ela gesticula para o quarto e exala profundamente antes de acrescentar: "É lindo e me dá conforto. Você não tem ideia do quanto eu amo isso. Eu faço." Ela engole com os olhos fechados e, em seguida, passa os dedos pelos cabelos. Eu espero pacientemente que ela continue. "Sinto muito, é só... sempre há algo que acontece que prova que eu não sei nada e estou perdida."

"Você não está perdida." Minha resposta é imediata e meu tom é o que espero de mim mesmo. Não é para ser questionado. "Você pertence aqui, comigo."

Seus ombros se firmam enquanto sua respiração se acalma e sua antiga descontração emocional se acalma mais uma vez, mas é um ato. Ela está transbordando com uma mistura de medo, traição, raiva e confusão.

"Você só está perdida porque você quer estar," digo a ela baixo e profundo, estendendo a mão e puxando seu pequeno corpo para mais perto de mim.

Suas mãos pousam no meu peito e ela ofega um pouco antes de olhar para mim.

"Eu posso te dar tudo. Eu posso te dar o que você nunca sonhou antes. Quero dizer cada palavra. Eu posso e vou."

Seu longo cabelo brilha na luz enquanto ela balança a cabeça, fazendo-o balançar ao longo de sua gola. Ela é complacente, mas seus olhos arregalados estão cheios de perguntas. Perguntas que ela não me faz. Algumas delas sou grato por não ter que responder.

"Se você quer correr, você corre para cá."

"Carter, há coisas que você não pode substituir." Ela olha diretamente para o meu peito enquanto fala e seus ombros estremecem. "O dinheiro não pode substituir..."

"Estou plenamente ciente do que o dinheiro não pode substituir. Nada pode apagar o passado. Nada pode trazer de volta." A ponta afiada das minhas palavras e a dor e a

raiva que eu me recuso a esconder neles apagam seu desespero para implorar-me pelo que eu nunca lhe darei.

"Eu vou te dar o que puder. Tudo que eu sou capaz. Mas às vezes o que mais queremos é impossível de alcançar." Minha garganta aperta de emoção e, assim como acontece, Aria se ergue na ponta dos pés, gentilmente acaricia meu rosto e me beija.

É curto e só um beijinho. Apenas um pequeno beijo. Nada como o que nós compartilhamos antes.

Parece diferente do que antes. Seu toque é hesitante. Um tipo diferente de medo está no controle dela e mostra em seus olhos. O beijo serve para acabar com a conversa. Ela está se escondendo nesse ato.

"Diga-me o que você está pensando," eu lhe ordeno, embora a borda do desespero seja evidente para mim. Eu não acho que ela possa ouvir. Eu rezo para que ela não possa.

Sua resposta não vem rapidamente. Ela tenta me deixar, e eu me agarro a ela, mas ela agarra meus pulsos e puxa meu toque enquanto ela me diz: "Estou com medo."

"Você não tem nada a temer se você me obedecer," eu digo a ela, fixando seu olhar no meu.

"Você não entende," ela sussurra.

As palavras não ditas entre nós estão causando uma fratura no delicado equilíbrio do que temos.

A realidade que ela ainda é minha prisioneira.

A verdade que não vou descansar até que o pai dela esteja morto.

O fato de que ela não vai me perdoar por matar todos que ela já conheceu e amou.

E o fato de eu nunca querer ficar sem ela e acho que ela sente o mesmo por mim. Se ela pudesse aceitar o que está por vir.

Os Talverys serão massacrados. E ela, vai ser a única sobrevivente, pertencendo a mim.

ARIA

É DEMAIS, penso com a unha do polegar entre os dentes enquanto estou deitada na banheira.

Todos os dias, algo muda e nunca sei como reagir ou o que isso significa para nós. O que isso significa para mim.

Como eu poderia não saber que alguém estava me observando?

Deve ter sido Mika.

Ele estava sempre assistindo e provocando e brincando, mas eu pensei que era só porque ele era um idiota em uma viagem de energia.

Eu abaixei minha mão de volta para a água fumegante e tentei me acomodar contra a borda da banheira. Meu pé desliza até a torneira, sentindo o jato de água quente contra ela.

Eu posso sentir minha luta saindo. A vontade de continuar lutando e de me manter firme na garota que eu era antes de Carter me *adquirir,* está me escorrendo dia após dia.

Ele vai matar minha família. Meu pai. Nikolai. Eu sei que Carter vai, não importa o quanto ele se importe comigo.

Essa é a parte mais dolorosa. Eu acho que ele se importa comigo, mas Carter é implacável e não há nada que eu possa fazer para impedi-lo. Não há sentido em tentar.

A desesperança pressiona meus ombros, ameaçando me empurrar para baixo e afogar minhas mágoas.

Eu queria estar entorpecida com tudo isso. Não há nada pior do que estar plenamente consciente, mas não ter como mudar nada disso. Sem lutar, sinto-me uma traidora. Eu não estou apenas sobrevivendo. Estou vivendo, e não sei como posso me perdoar por ter sentimentos pelo homem que é responsável por tantos pecados horríveis.

Assim que eu sinto lágrimas nos olhos, a voz de Carter me assusta. "Você está tensa."

Eu tento esconder o meu fungar e sinto-me patética que estou chorando em tudo. Carter ignora isso, me oferecendo aquele pouquinho de misericórdia enquanto ele desce e lentamente afunda na banheira, me arrastando para frente para que ele possa sentar atrás de mim. A água espirra e sobe mais acima do meu corpo quando ele afunda na banheira.

Seu toque é gentil e não deixo de notar que ele já está duro. Apenas o pensamento de seu pênis faz minhas coxas apertarem e a dor surda que nunca sai envia uma onda de desejo através de mim.

Talvez seja por isso que eu não quero lutar com ele. A única coisa que tira a dor e a raiva é a única coisa que ele me dá constantemente. E isso faz de mim uma prostituta do pior tipo.

A água balança e um arrepio corre pela minha espinha enquanto as mãos grandes de Carter pressionam contra meus ombros, me puxando para seu peito. Seus dedos deslizam pelo meu corpo, sobre as pérolas e diamantes de seu colar que eu sempre uso, porque ele me disse, e o leve toque endurece meus mamilos e deixa arrepios em seu caminho para a água quente.

"O que você está pensando?" A voz profunda de Carter fala assim que eu fecho meus olhos e os abro para olhar para a parede de azulejos e responder sem rodeios.

"Eu estava pensando que não quero mais te matar porque você me fode com tanta frequência." A verdade se espalha facilmente, sem sequer questionar minha resposta a ele.

Sua risada áspera quase me faz sorrir quando ele pega a esponja e mergulha na água fumegante.

"Estou tão cansada," eu digo distraidamente enquanto Carter passa a esponja ao longo do meu ombro e no meu antebraço.

"Está tarde. Mais tarde do que você costuma ficar acordada." Passei horas na sala dourada. Isso é como que

eu estou chamando agora. Isso é tudo. Mesmo que seja lindo, e eu amo que ele construiu para mim e sou grata por ter minhas coisas de volta... ou réplicas delas.

"Quando você dorme mesmo?" Pergunto-lhe. "Você está sempre acordado quando eu vou dormir e acordado quando acordo."

"Eu não gosto de dormir," ele me responde. "Eu posso dormir quando estiver morto."

Seu tom uniforme e falta de humor fazem meu coração ficar tenso. Como se não quisesse bater quando ele fala assim.

Reajustando, vejo a película de óleos de banho se mover na superfície da água e aninhar meu pé sob a panturrilha de Carter.

"Você sabe que nós poderíamos ter começado assim," eu digo fracamente, não tenho certeza se devo abordar o assunto, mas o que eu tenho a perder?

"Qual caminho?"

"Com você me dando um quarto e sendo menos de um monstro." As palavras escapam facilmente e os cuidados de Carter param na última palavra. Mas então ele continua, continuando a me lavar.

"E o que você teria feito? Destruir o quarto e usar os cacos de vidro para me matar?"

Ele não está errado. Eu poderia facilmente ver isso acontecendo e a realidade faz os pequenos cabelos na parte de trás do meu pescoço se levantarem.

O que aconteceu com essa luta? Para essa vantagem, estou plenamente consciente de que teria saído se a situação tivesse sido diferente.

Nada mudou. Carter me roubou, me mantém prisioneira e vai matar minha família.

Nada disso mudou. Ainda aqui eu me deito contra ele, amando seu toque e encontrando meu coração sendo rasgado em dois.

"Devemos falar sobre outra coisa," sugere Carter.

O som da água caindo do meu ombro para a banheira está me acalmando. Que é tudo menos o que eu deveria estar sentindo. A esponja ainda está quente e alivia meus músculos cansados.

"Eu poderia dormir aqui," murmuro distraidamente. Tudo o que eu quero fazer é dormir. Não sei se estou deprimida, esgotada, ou se é isso que você faz quando perde a luta.

"Posso te lavar?" Pergunto a ele, imaginando se ele me deixaria.

Um momento passa e então ele mergulha a esponja de volta; Espero que ele me dê, mas não é o que acontece.

"Eu gosto de lavar você," ele sussurra contra o meu ouvido, seu hálito quente criando uma onda de desejo que flui através de mim. Mas, meus olhos ficam abertos.

Claro, ele não iria querer que eu o lavasse. Ele não podia nem me deixar chupar o pau dele. Um pequeno sopro de humor fingido me deixa, e eu me reajeito na água para que o som dela espirrando abafe o bufo, mas ele ouve mesmo assim.

"O que?" Ele pergunta e se inclina para frente para olhar para a minha expressão, puxando meu ombro contra o dele para me impedir de evitá-lo.

Eu conheço seu olhar escuro, os cinzas e pratas parecendo assumir a luz do banheiro. "Nada, é bom. É bom se sentir bem."

Sem falar, ele se inclina para trás, beija a curva do meu pescoço e move a esponja para o meu pescoço e peito.

"Você achou que seria assim desde o começo?" Pergunto-lhe. Realmente querendo saber o que ele pensava naquela época, apenas algumas semanas atrás. A lembrança da cela, de mim morrendo de fome e morrendo de tédio e medo deveria me deixar com raiva, mas tudo o que faz é me compadecer de Carter.

"Eu não sabia o que esperar de você. Eu só sabia que queria ter você."

"Me ter," eu ecoo e acomodo minha cabeça na curva de seu pescoço. O movimento faz meus seios se elevarem acima da superfície da água por um momento e o frio não é bem-vindo até eu voltar à água.

"Sua escolha de palavras sempre parece me surpreender." Minha voz é plana e gostaria de poder voltar atrás. O silêncio se estende, e eu me pergunto quanto tempo estive na água.

Você não pode lavar tudo, mas eu gostaria de poder.

"Como você achou que isso acabaria?"

"Você está fazendo muitas perguntas esta noite," diz ele, em vez de me dar uma resposta e coloca a esponja de volta em sua prateleira, em vez de me responder.

"Oh, e vejo que encontrei a pergunta que cruza a linha," digo a ele com um sorriso, embora uma dor profunda percorra meu coração enquanto eu olho para os seus olhos. Cada batida se sente mais difícil e leva mais de mim apenas para continuar. Eu só posso imaginar o que Carter queria fazer comigo.

"Tudo mudou quando vi o quanto você me queria. Quando eu vi o quanto você ansiava pelo meu toque... o quanto você precisava de mim." Eu abro meus olhos enquanto os dedos de Carter alcançam meu queixo, a água pingando na banheira enquanto ele me força a olhar em seus olhos.

"Eu preciso que você me queira ainda quando isso acabar." As palavras de Carter mantêm uma margem de sinceridade que é demais para lidar.

Eu quase pergunto por que, mas tenho medo da resposta que receberei. Receio que o que sinto por ele não seja recíproco. Eu fui tola antes, e tenho quase certeza de que sou agora.

"Eu não tenho medo de você," confesso a ele, querendo pelo menos sugerir as profundezas do que sinto por ele.

"Você deveria ter." Ele não tenta fazer suas palavras gentis no mínimo. "Você precisa ter."

Na sua presença, meu corpo se transforma em fogo. Ele acende algo dentro de mim como ninguém nunca fez. Eu duvido que alguém possa me afetar do jeito que ele faz. Em alguns momentos, eu odeio ele e quem ele é, e o que ele fez e fará. Mas a menos que esses pensamentos estejam na linha de frente da minha mente, o ódio desaparece e é substituído por uma luxúria que obscurece meu julgamento e exige que meu corpo se curve para ele. Para mostrar-lhe amor como ele nunca viu e o poder do que pode fazer para curá-lo.

O que mais? Eu anseio mais a cada dia. Eu sou viciada em Carter Cross. E a vergonha desse fato, embora presente, aquietou-se.

Mas a voz ainda está lá e me pega. É implacável, mas também é Carter.

CARTER

Em Alguns momentos, me sinto mais perto dela.

Outros, mais distante.

Eu gostaria de saber o que fazer com ela hoje à noite. Nada foi como eu pensei que seria e isso me deixa no limite.

Ela adormeceu na banheira, e enquanto eu carrego sua pequena forma enrolada em uma toalha para a cama, não consigo deixar de notar o quão tranquila ela está.

Esta noite, foi como saber que você está no olho de uma tempestade. Ela é calma e aplacada, mas abaixo da superfície, tudo o que ela realmente sente é raiva dentro dela. Ela precisa deixar ir.

Eu tenho que colocá-la no chão e puxar o edredom debaixo dela antes que ela possa se enterrar no colchão.

Enquanto ela se aninha nos lençóis, ela acorda calmamente.

Esfregando os olhos, ela vem e pergunta: "É de manhã?" Ela praticamente cantarola as palavras.

Com o cabelo úmido uma bagunça e sono persistente em sua expressão, ela é linda pra caralho.

Eu seguro sua bochecha e planto um beijo suave em seus lábios, para os quais ela levanta a dela e a aprofunda. Eu estou ficando viciado no jeito que ela me beija. Como ela não esconde sua paixão em sua cara.

Ao contrário de seu talentoso quarto hoje. Eu quero que todos sejam assim.

Eu nunca beijei uma mulher antes dela. Nunca me deixei apaixonar por ninguém ou dei a elas essa parte de mim. Então, todo beijo, toda vez que ela aprofunda, significa muito mais do que eu pensava. Eu preciso de mais *disso* dela.

"Ainda não, passarinho." Sussurrando de volta em seus lábios, digo a ela: "Você adormeceu no banho."

Ela lentamente se senta enquanto eu subo na cama ao lado dela.

"Bem, eu não me sinto cansada agora," ela me diz e senta-se de pernas cruzadas.

Esgotamento me varre enquanto me deito e a puxo para perto de mim. "Bom, eu posso ter você então," eu digo a ela, deixando meus lábios se arrastarem contra o pescoço dela para deixar um rastro de beijos de boca aberta. Eu balanço minha ereção em seu quadril e depois a prendo embaixo de mim. "Eu queria você no banho."

Eu tinha planejado colocar um pé dela de cada lado da banheira, apenas o que eu disse a ela para fazer no

escritório, mas suas perguntas eram mais importantes. Mais perspicazes, embora eu não gostasse de onde elas estavam indo.

Parece que ela está escorregando de mim, devagar. Estou perdendo ela e não sei como ou porquê.

Mas eu vou pegá-la de volta. Se ela não tem outro lugar para correr e mais ninguém.

Ela só precisa aceitar isso.

Sua mão varre meu pescoço e ela puxa meus lábios para os dela, tomando e exigindo. "Faça-me esquecer," ela sussurra contra os meus lábios e meu peito dói com suas palavras.

Eu preciso esquecer, assim como ela. É tão fácil me perder nela.

Meus dedos percorrem o mergulho em sua cintura lentamente até encontrar sua boceta. Já quente, molhada e carente, ela se balança na minha palma e eu sorrio contra seus lábios.

Beliscando seu lábio inferior e guiando meu pau até a sua entrada, eu a provoco: "Você está sempre pronta para mim."

"Sempre," ela geme pouco antes de eu bater nela até o punho.

"Porra!" Ela grita quando eu puxo para fora e, em seguida, empurro para dentro dela lentamente, surpreso com o tom de seu grito estrangulado.

Suas palmas pressionam um contra o meu peito, me empurrando para longe enquanto eu beijo a curva do seu pescoço e ela geme um som doloroso. "Carter," ela sussurra meu nome com agonia. Sua testa está gravada com uma expressão de dor.

"Dói," ela engasga, arqueando o pescoço quando eu a puxo completamente. "Dói," ela repete, tentando fechar as pernas. Merda. Meu corpo está preocupado que eu a machuquei. Porra. Assim não.

"Shh," eu sussurro contra seu pescoço e a beijo levemente enquanto meus dedos encontram seu clitóris. Ela precisa se sentir bem comigo. Eu não posso tê-la de qualquer jeito.

Instantaneamente, ela geme aquele doce som de prazer que eu adoro ouvir. "Eu estava me perguntando o quanto eu poderia te foder antes que você estivesse muito dolorida." Ela só responde com uma inspiração rápida e com o peso de seus quadris, que não faz nada além de me dar um leve alívio.

"Olhe para mim," eu comando, e sua cabeça vira instantaneamente para me encarar. Seus lindos olhos cor de avelã queimam os meus. Meu polegar esfrega círculos implacáveis em torno de seu clitóris e Aria morde o lábio

inferior, desesperada para manter os olhos em mim, mas sabendo que o prazer vai se apoderar dela em breve.

Suas costas se curvam levemente e sua respiração se transforma em medo, mas ao invés de deixá-la sair, eu abaixei meus dedos, arrastando-os através de seus lábios e juntando a umidade para trazê-la para baixo.

"Eu sempre poderia levá-la aqui," eu digo baixinho, pressionando meus dedos contra sua entrada proibida.

A resposta de Aria é abrir mais a boca com um olhar de choque, mas mais do que isso, curiosidade pecaminosa.

Um sorriso se estende pelos meus lábios enquanto eu digo: "Não hoje à noite. Eu tenho que brincar com você primeiro." Seus olhos brilham novamente com curiosidade e a culpa que senti há um momento diminui. Eu trago meus dedos de volta para seu clitóris, em seguida, até sua entrada, pressionando-os dentro dela suavemente, mas mesmo isso a faz estremecer.

Eu tenho que puxar as cobertas para trás para olhar suas dobras lisas, ela está vermelha e inchada, bem usada.

Isso não significa que eu não possa lhe dar prazer e que eu não possa ter o meu em troca. Se aprendi alguma coisa sobre Aria, é que quanto mais eu lhe dou prazer, mais complacente ela é.

Seus olhos ficam presos em mim enquanto ela olha para baixo em seu corpo e espera pelo que eu vou fazer com ela.

Eu passo minha língua para cima e para baixo em sua boceta e depois chupo seu clitóris. Ela é tão fodidamente doce. O gosto dela nos meus lábios faz meu pau se contorcer de necessidade. Com as mãos no meu cabelo e os calcanhares cravando-se na cama, ela encontra sua liberação, gritando meu nome.

Ela se enrola de lado enquanto eu me levanto de volta para cima da cama e deito ao lado dela, não esperando para posicioná-la exatamente como eu a quero. Com uma mão em seu peito e a outra empurrando o cabelo para longe de seu rosto corado, ela ainda está se recuperando de seu orgasmo quando eu movo meu pau entre suas coxas.

"Arqueie suas costas," eu digo a ela, e ela obedece instantaneamente, projetando sua bunda para fora. E isso me tenta. A curva de sua cintura e a carne redonda de sua bunda são tão sedutoras. Eu posso apenas imaginar agarrando-a e balançando nela enquanto ela grita em êxtase.

Ela não está pronta para o meu pau tomar sua bunda embora... ainda não.

Eu me acomodo em empurrar a cabeça do meu pau dentro dela, apenas a cabeça e aguardo sua reação. Um

pequeno gemido escapa de seus lábios enquanto ela balança suavemente, achando os tremores prazerosos. Eu sei que haverá um pouco de dor, mas não há nada melhor do que quando a dor e o prazer se misturam.

"Pegue meu pau," eu lhe dou o comando, e ela chega ao redor para pegar meu pau e acariciá-lo. "Mais duro," eu digo, em seguida, coloco minha mão sobre a dela e mostro-lhe como me masturbar. Ela só tem um aperto na base do meu pau, mas seu aperto inseguro e a luxúria em seus olhos são o suficiente para me tirar. Mesmo sem sua boceta apertando em volta da cabeça do meu pau.

"Porra," eu gemo enquanto ela me esfrega e lentamente empurra mais de mim dentro dela. Com a mão em seu quadril, eu a paro de empurrar mais de mim dentro. Mesmo com ela saindo, isso só vai piorá-la e tudo que eu preciso é isso.

"Eu quero você todas as noites, por mais que eu não possa ter você." Minhas palavras estão tensas quando me sento no limite da minha libertação.

O ar entre nós é diferente agora. Há uma qualidade crua que nenhum de nós pode esconder, embora eu nunca admita isso.

Sua pressão é firme, seus golpes são firmes e deliberados, e então sua vagina espasma ao redor da ponta do meu pau enquanto ela goza novamente comigo esfregando seu clitóris.

Mas é como que ela está olhando para mim que me tira. Como se eu fosse dela para brincar. Eu sou dela para foder, usar.

Como ela me possui, enquanto ela acaricia meu pau e eu gozo dentro dela.

Meus olhos me imploram para fechá-los enquanto eu me deleito na doce explosão de satisfação e eu a marco novamente. Mas seu olhar permanece no meu, nossa respiração se misturando, e sou forçado a me perder em seus olhos cor de avelã. Eu ainda estou gozando quando ela me libera, me virando e me beijando com força, batendo os lábios nos meus e me devorando.

Meu esperma vaza dela e sobre os lençóis, mas ela não se importa e nem eu.

Seu coração dispara quando ela pressiona seus seios no meu peito e barriga na minha. Mais uma vez, querendo chegar mais perto de mim, e eu pego pela primeira vez hoje, eu a tenho de volta. Ela é minha novamente.

O dia que eu parar de fodê-la será o dia que eu a perderei. Ela precisa do meu toque como eu preciso do ar que ela respira.

"Eu acho que eu posso dormir agora," ela sussurra e sorri para os meus lábios.

"Durma bem." Eu mantenho minha voz calma, esfregando meu braço para cima e para baixo em suas

costas nuas enquanto ela pousa a cabeça no meu peito, um novo hábito dela. Um que eu aprovo.

Olhando para mim com a cabeça apoiada no braço, ela me diz: "Bons sonhos."

Eu a beijo suavemente enquanto ela adormece em meus braços com o leve gosto de luxúria ainda em seus lábios.

***

Viciados vão ficar chapados em qualquer coisa. As palavras do meu pai soam nos meus ouvidos. As luzes brancas são muito brilhantes. Eu estremeço.

Onde estou? Minha cabeça se inclina para o lado, é tão pesado que não consigo levantá-la. *Tudo dói.*

Lentamente, sinto cada um dos meus membros. Meus pulsos não se movem, presos contra uma cadeira de metal. O mesmo com meus tornozelos e cada centímetro de mim está com dor, mas a pior está irradiando do meu estômago.

Eu suspiro uma respiração que aperta meu peito, tossindo sangue.

Porra.

Meu olho direito está inchado e tento abri-lo, lembrando como as pílulas de minha mãe caíram na

sarjeta. Não, nós precisávamos desse dinheiro.

Meu pai disse que os viciados iriam comprá-los, mas quase nenhum deles os comprou. Fiquei fora o dia todo e apenas dois compradores me pagaram qualquer coisa. E então os homens apareceram. Os homens de Talvery.

"Quanto tempo ele estava lá?"

Eu ouço alguém do outro lado da sala fazer a pergunta e abri os olhos para ver uma luz balançando e um homem em um terno impecável com longos cabelos negros penteados para trás jogando minha carteira sobre uma mesa de metal repleta de ferramentas.

Um gemido rasga de mim enquanto tento me mover. Tento fugir. Eu sei que ele vai me matar. Eu sei isso.

Mas é sem esperança.

"Sinto muito," eu vomito e cuspo mais sangue. "Eu não sabia," eu tento dizer, mas minha garganta está tão seca e se sente machucada. Eu não acho que eles me ouviram, então eu repito, implorando por misericórdia. "Eu não sabia."

"Você não sabia o que, garoto?" Um homem assobia na minha frente. Pontos de dor na parte de trás do meu couro cabeludo quando ele agarra meu cabelo e balança a cabeça para olhar para ele. "Você não sabia que estava lidando no meu território?" Seus olhos são de um azul pálido e gelado. "Todo o lado leste sabe disso agora.

Então você está fodido." Ele cospe as palavras e me deixa, pegando algo da mesa de metal.

Cada estalido de osso, cada rasgo da minha pele, cada engolida profunda me empurra cada vez mais perto até que eu esteja segurando a vida por um fio.

Eu até clamo por minha mãe.

Todos eles riem na sala. Mas ainda assim, eu grito por ela. Rezando para que ela não possa ver isso e o que aconteceu apenas semanas depois de sua morte. Vergonha e arrependimento e dor fazem a minha cabeça sentir-se leve e, lentamente, sinto-me sem peso. Tão perto da morte.

Por favor, acabe com isso. Eu não quero mais viver. Eu não posso.

Bang Bang Bang

No começo, eu acho que são armas que me acordam, me impedindo de cair na falta de vida.

Bang. Outro estrondo na porta tão perto de mim, ainda impossível de alcançar.

"Por favor, eu preciso de você," diz alguém, e sua voz envia um calafrio através do meu corpo, mas ao mesmo tempo, calor. "Eu preciso de você." As palavras são femininas e suaves, mas com um pedido que me pede para ouvir.

Ela precisa de mim.

A dor ainda é vívida a cada movimento dos meus membros, mas posso ouví-la.

A voz fica mais dura, mais fria e o ar fica gelado.

"Eu preciso de você, Carter," diz ela novamente, mas desta vez não há negociação em seu tom. "Eu preciso de você!" Ela grita comigo.

A raiva aumentando e uma tempestade se formando ao meu redor, ela grita para mim, sua voz reverberando na sala. "Eu ainda preciso de você!"

ARIA

Seu braço parece tão pesado. Eu mal posso ouvir meu gemido quando acordo e tento afastar o braço de Carter.

Eu luto, mas ele só aperta mais forte.

Meus ombros torcem e eu empurro seu braço, mas os músculos estão enrolados, e seu aperto é demais. Eu não posso respirar.

Meus olhos se abrem, percebendo que isso não é um sonho.

"Carter!" Eu grito em uma respiração estrangulada, lutando contra o seu aperto e deixando a ansiedade correr através do meu sangue para me fazer chutar para trás, empurrando e levantando para tirá-lo de mim. "Acorde!" Meu coração bate mais forte.

Eu me esforço para respirar. Meus grunhidos e meus pulmões queimam quando eu grito: "Carter!"

Meu peito voa para frente quando ele acorda, instantaneamente me soltando e deixando-me sem fôlego e amassada na cama. O colchão afunda e geme enquanto Carter se levanta. Eu empurro o cabelo do meu rosto e, em seguida, tento estabilizar minha respiração irregular.

Foi apenas um momento - um pequeno momento - talvez um minuto no tempo, mas eu pensei que ele ia me

matar, ele me segurou com tanta força.

"Você assustou a merda fora de mim." Eu mal consigo pronunciar as palavras, meus olhos ainda ardendo.

Sem uma resposta, eu me viro para ele e então vejo que ele está respirando tão forte quanto eu. Com as duas palmas contra a parede, ele se inclina e tenta se acalmar.

Meu sangue corre frio ao vê-lo. "Carter?" Minha voz atravessa o quarto para ele, ignorando como meus músculos ainda estão gritando de lutar contra seu aperto.

De joelhos, rastejo até a beira do colchão. Seus ombros estão tensos e ele não olha para mim.

Cautelosamente, eu saio da cama e vou até ele. "Está tudo bem." Eu tento manter a minha pele calmante, mas meu corpo não entende o fato de que ele precisa de mim. "Eu estou bem," eu digo, tentando tranquilizá-lo.

Com o coração martelando, eu gentilmente coloco a mão em seu braço, mas ele é rápido para arrancá-lo e ir até o banheiro, deixando-me com um medo no meu sangue.

"Carter," eu digo hesitante, mas ele não responde a mim em tudo.

A questão está clara em minha mente, ir até ele ou deixá-lo? Eu ainda estou recuperando o fôlego e

acordando enquanto empurro meu cabelo do meu rosto quente, registrando o que aconteceu.

Se eu já vi um homem que não deveria ficar sozinho, é Carter. Ele está muito quebrado e não há como dizer o que ele fará.

"Foi apenas um pesadelo?" Pergunto inocentemente, querendo que ele me desse alguma coisa. Eu posso sentir o tapete terminar e a madeira começar quando eu ando em direção a ele no escuro.

Ele acende a luz no banheiro e liga a água. E eu ando em direção ao som e tira de luz do banheiro que me guia.

"Carter?" Pergunto-lhe baixinho quando abro a porta do banheiro e vejo as costas dele para mim novamente. Seus músculos ondulam quando ele lava o rosto.

"Por favor, fale comigo," eu sussurro fracamente quando ele ainda não me responde. Mesmo depois que ele secou seu rosto. "Você está bem?"

Eu posso vê-lo engolir no espelho. Eu posso ver a expressão cansada de um homem que levou uma vida horrível. A fadiga em seus olhos. A dor gravada nas cicatrizes fracas nas costas.

Ele pressiona as palmas das mãos nos olhos e respira para dentro e para fora. "Vá para a cama," ele comanda em um tom severo que eu não esperava, embora, eu não saísse como pediu.

Meu coração chia com dor. Eu não vou deixá-lo assim. "Eu não quero," eu digo a ele com quase nenhuma coragem, as palavras saindo tremidas.

"O que aconteceu?" Eu pergunto a ele em um sussurro reconfortante. "Foi apenas um sonho," digo a ele, esperando que elas tenham mais conforto para ele do que aquelas palavras fazem por mim.

Pela primeira vez, ele olha para mim no espelho, e a visão dele envia um arrepio na minha espinha. O poder, a raiva, o homem que governa e não dá misericórdia sem esperar nada em troca, me perfura com seu olhar.

"Não diga nada." Suas palavras são suaves e pairam no ar com uma ameaça. Uma ameaça desnecessária e ridícula.

"Dizer a alguém o que?" Eu questiono sua sanidade neste momento, apenas para perceber que ele não quer que eu diga a alguém que ele teve um pesadelo. "Eu não faria. Eu nunca o faria." Minhas palavras saem rapidamente enquanto lágrimas picam meus olhos. "Não é por isso que estou aqui, Carter."

"Vá para a cama," ele me diz novamente, embora desta vez suas palavras sejam mais suaves.

"Você está bem?" Pergunto a ele, dando outro pequeno passo em direção a ele, mas ainda não tenho certeza se devo tocá-lo. Tudo o que eu quero fazer é segurá-lo, puxá-

lo para perto de mim e dizer-lhe que está tudo bem. Assim como o jeito que ele me segurou nas últimas semanas. Mas eu nem sei o que aconteceu.

Com o aperto na borda da pia e a cabeça abaixada, sua voz sai silenciosa e quase ameaçadora, mas mais do que isso, angustiante.

"Olhe para mim, Aria." Ele fala para mim no espelho, seus olhos injetados enquanto eles olham de volta para mim. "Olhe quem eu sou. Nada em mim está bem."

Eu fico lá tremendo, minhas palavras são captadas pela intensidade do homem à minha frente. Mesmo quando ele apaga a luz, deixando-me na escuridão enquanto ele anda ao meu redor, sua pele quase roçando a minha, eu tremo. Seu ritmo é implacável quando ele me deixa, batendo a porta e eu fico atordoada e abalada. Mais do que qualquer outra coisa, estou entristecida por tudo que acabou de acontecer e tão consciente de quão sozinha estou enquanto choro para dormir.

CARTER

De alguma forma, eu estraguei tudo.

Ela é quem deveria mudar quando eu lhe dei a faca.

Ela é quem deve precisar de mim.

Não o contrário.

Eu não posso agitar a noite passada ou o conhecimento de que todos os dias Aria se aprofunda no meu sangue e em cada pensamento que eu tenho.

Eu estou consumido por ela. Eu não posso negar isso. Ela traz um lado meu que deveria ter ficado morto.

"Você está ouvindo?" Daniel me pergunta, arrancando meus olhos do desenho que Aria fez ontem.

Ele parece tão desgastado quanto eu me sinto. É por causa do Addison. Ela não está bem em estar de volta aqui. Ela não percebeu o que esta família se tornou depois que ela saiu. O tempo trava tudo, mas ela não sabia. Ela não poderia ter. E esse bloqueio não nos deixa nada para nos esconder.

"Ela precisa mais do que isso. Ela não está lidando bem com a transição. Ela precisa... ela precisa não se sentir presa." Daniel se debruça em sua cadeira, tanto na

parte de trás da cabeça quanto nos cotovelos. Quando ele olha para mim, eu sinto que sou realmente o monstro que Aria me chama por colocá-lo nisso. Por colocar os dois nisso. Com lágrimas nos olhos, ele me diz: "Estou perdendo-a. Eu não quero isso para ela."

"Você está protegendo-a," eu lembro a ele. Ela é quem eles foram atrás e tentaram sequestrar, matar, fazer o que quisessem. Ela pode ter estado segura se ele nunca a tivesse perseguido. Se eles não tivessem percebido que ele a amava. Mas você não pode mudar o passado.

"Ela não se importa," ele me diz enquanto passa os olhos com a palma da mão, escondendo sua dor com um olhar de raiva e aborrecimento que eu sei que é apenas um ardil. "Ela achou que no começo eu estava exagerando. Que tudo estava na minha cabeça e no incidente da casa dela." Ele balança a cabeça silenciosamente antes de me olhar nos olhos. "Ela disse que eu estava sendo ridículo. Ela não tinha ideia. Então, eu tive que contar a ela."

"Você disse a ela o que?" Eu pergunto a ele, apenas agora percebendo que ele disse a ela mais do que ela precisa saber.

"Que homens vão morrer e esses homens nos querem mortos primeiro. Eu disse a ela que estamos em guerra. Ela ainda quer sair. Ela não gosta disso. E eu não gosto de mantê-la aqui contra a vontade dela."

Minha voz parece tensa e pega na minha garganta, observando-o com dor por causa disso.

"Ela não concordou com isso. Não era assim quando éramos crianças. Ela não tinha ideia, e eu a trouxe de volta às cegas. "Eu fui egoísta." Suas palavras estão atadas com arrependimento. A última frase sai em um sussurro áspero. "Tão, porra egoísta." A dor irradia dele. "Eu não posso perdê-la novamente."

"Você não pode arriscar sua segurança também," eu respondo e estou mais firme com ele do que eu normalmente sou. Estamos em guerra e Talvery e seus homens nos atacarão no momento em que puderem. "Se eu fosse eles," digo para Daniel, “eu estaria esperando e qualquer chance que eu pudesse dar para atacar primeiro, eu aceitaria."

"Eu sei," ele murmura e abaixa a cabeça. "Eles sabem que são homens mortos, eles não tem nada a perder. E eles a matariam só porque eu a amo."

"Tudo vai acabar em breve," eu digo para tentar oferecer-lhe conforto enquanto ele descansa os cotovelos nos joelhos e agarra os dedos, mantendo-os contra os lábios.

"Eu não sei se ela ainda vai me amar," ele sussurra sua dor.

"Eu sei o que você quer dizer." As palavras escapam e não posso detê-las. Os olhos de Daniel seguram a pergunta, mas ele demora um momento para perguntar. Esperando e alongando o silêncio.

"Você pensou por um momento, que talvez mantê-la trancada a esteja colocando em risco? Há tanta coisa que você pode controlar para alguém até que ela se aponte em você."

"Que escolha eu tenho?" Eu retruco, e seu olhar se move para o chão novamente. "Somos todos prisioneiros de guerra," Lembro-lhe. "Mas vai acabar logo."

"Quando acabar... ela vai ficar? Aria vai ficar com você?" Ele me questiona.

Eu procuro seu rosto pela intenção, por que ele iria considerar ela saindo?

"Ela não vai segurar isso contra você?" Ele me pergunta como se soubesse que eu precisava ouvi-lo dizer para responder.

"Eu não sei. Ela é minha. E ela vai ficar comigo. Perdão virá."

Ele começa a dizer alguma coisa, reajustando o pé, mas depois balança a cabeça.

"Eu vim para lhe dizer outra coisa, embora eu não tenho certeza se você quer ouvir," ele me diz e se endireita

em sua cadeira.

Eu gesticulo para ele continuar. Embora eu não saiba por que estou com pressa. Eu não falei com a Aria esta manhã e não tenho certeza se estou pronto para falar agora, não depois da noite passada.

Espero que ele me diga a mesma merda que Jase tem dito, que Marcus está tramando alguma coisa. Marcus vai atacar. Que temos três inimigos agora, não apenas um.

Sem nenhuma prova além da palavra dos homens mortos. Uma única palavra. Os inimigos cairão em ordem: Talvery, Romano e depois Marcus. Quando tivermos mais provas. Eu não tenho o hábito de começar uma guerra sobre uma única palavra dos lábios de um viciado para-ser-morto.

"Nikolai está perguntando por ela," Daniel me diz e isso me pega de surpresa.

"Isso está certo?" Eu pergunto enquanto meu polegar bate no meu lábio. Ressentimento agita dentro de mim. Ele traz um lado de ciúme em mim que eu nunca senti antes. *Ele a teve primeiro.*

Daniel acena com a ponta de diversão em seus lábios. "Desde que Romano confirmou isso."

"E o que ele está perguntando?"

"Como ele pode recuperá-la." Ele não esconde a emoção em seus olhos de entregar esta notícia para mim.

"Você é um idiota por amar tanto isso."

"Isso certamente adiciona uma dinâmica interessante, não é?" Ele pergunta e uma mistura de curiosidade, ódio e ciúme se misturam no meu sangue.

"Ele não tem nada com o qual negociar, e mesmo que tenha, não há nada que eu queira no lugar dela."

"Ele já foi informado disso e que seria inútil até mesmo perguntar a você, mas ele *exigiu que* lhe dissessem."

"Ele fez?"

Eu não posso culpar Daniel por estar se divertindo. "Ele parece realmente se importar com ela."

"Esta é a primeira ou a segunda vez que eu te disse que eu quero que ele morra primeiro?" Eu pergunto a Daniel e ele ri. Todas as noites na cela em que Aria falava seu nome, meu ódio por Nikolai aumentava. E ela fez isso muitas vezes. Eu estou totalmente ciente de quão *perto* eles eram. Perto demais para ele continuar respirando quando tudo isso acabar.

"Você realmente acha que ela vai te perdoar?" Ele pergunta com uma sobrancelha erguida. Eu não acho que ele percebeu o que a pergunta dele faria comigo.

Ela terá que me perdoar. Não há outra maneira.

***

EU NÃO gosto de deixar Aria ou estar longe da propriedade agora, especialmente sabendo que a cada momento que estou longe é um momento que ameaça fazê-la questionar o que ela deve fazer. Isso é um pensamento perigoso para deixá-la, tudo o que ela deve fazer é o que eu digo, mas tenho que estar presente para isso.

Há momentos em que é necessário ser visto. Este exemplo particular é um desses momentos. Com o cabelo penteado para trás e um terno afiado, Oliver parece mais novo do que eu me lembro dele. Talvez seja o sorriso largo em seu rosto que aumenta a sua aparência jovem. Talvez seja a imagem do que parece ser uísque que ele bate na cerveja de Frank e depois joga para trás quando ele se senta. Nenhum dos dois me vê, mas a segurança e Jared percebem o momento em que entro. Eles ficam tensos quando eu deixo as portas de trás se fecharem facilmente atrás de mim, ouvindo o tapa forte de Frank nas costas de Oliver em felicitação.

Frank está bem, eu acho. Ele é um pouco mais velho que eu, apenas alguns anos, mas ele tem perpetuamente vinte e um. Um garoto punk sem objetivos na vida além de ganhar dinheiro nas ruas e deixar todos saberem que ele tem orgulho disso. Eu não dou a mínima para o que é sua motivação, desde que ele ouça. Eu pego seu olhar

azul claro e ele desliza de volta em sua cadeira com um largo sorriso. "O chefe é ela," ele diz, mas suas palavras joviais são arrastadas.

"Sua mãe está esperando por você, Frank?" Pergunto a ele, escondendo meu sorriso enquanto ando em direção à mesa em que estão sentados no canto direito da sala.

Olhando por cima do meu ombro, noto quem está contando o dinheiro no corredor. Todas as drogas entram e saem da Red Room, a boate de Jase. Como o dinheiro.

"Mamãe pode esperar tudo o que ela quer." Ele apaga meu comentário, não aceitando a dica de que deveria sair.

"Eu acho que há alguns negócios," aponta Jared e gesticula entre mim e Oliver, com a cabeça inclinada enquanto ele tenta transmitir a Frank que ele deveria dar o fora daqui.

O copo soa pesado quando bate na mesa e Frank empurra a cadeira para fora. "Tudo bem, tudo bem, os grandes têm que falar." Ele murmura sem olhar para mim: "Você não precisa me dizer duas vezes." Enquanto ele está colocando o casaco, coloco a mão no ombro dele e espero que ele olhe para mim. Eu fico perto dele, pegando-o desprevenido e criando uma tensão espessa que é inegável. O medo aparece no fundo de seus olhos enquanto eu digo a ele com sinceridade, sem quebrar o contato visual. "Obrigado pela compreensão."

"Podemos arranjar outro?" Oliver pergunta, a felicidade não é de forma alguma umedecida. Ele não vê como Frank tropeça para trás, ele não percebe a mudança no ar. Frank faz, e tudo o que ele diz ao sair é: "Claro, chefe."

Sim, Frank é um cara legal.

Quando eu puxo a cadeira em frente a Oliver, deixando-a arrastar pelo chão, Frank sai, entrando de volta no clube, trazendo a música batendo. É rápido em desaparecer quando a porta se fecha com um clique ressonante.

"Obrigado, obrigado," Oliver agradece a Jared, que está derramando outra dose de uísque na frente dele e depois enchendo o copo vazio que Frank tinha.

"Para finalmente acabar com os porra dos Talverys." A idade de Oliver finalmente mostra quando ele levanta o copo no ar e não esconde o ódio em seu rosto. Ele é novo na tripulação. Não como Frank, que começou comigo há apenas cinco anos. Eu peguei homens enquanto eu tomava a rua pela rua. Dando aos homens que correram a opção de vir comigo ou morrer.

Oliver veio até mim embora. Puto que Talvery não o queria, ele ofereceu seus serviços como músculo na rua. Se não fosse pela palavra de Jared, eu nunca o teria contratado. Muito velho. Muito arrogante. Mais do que

isso, ele é muito ansioso para fazer um nome para si mesmo.

Com um aceno de cabeça, o velho joga a bebida de volta, estalando a língua contra o céu da boca enquanto abaixa o copo e sacode a queima do shot.

"Eu ouvi que todo mundo está pronto para acabar com isso," digo a ele, descansando os dois braços sobre a mesa. Um sorriso astuto levanta os lábios. "Não poderia estar mais pronto, chefe."

Meu próprio sorriso se mostra. Um sorriso assimétrico quando ele me chama de chefe.

O idiota deveria ter lembrado disso hoje cedo.

"Então, o que aconteceu?" Eu pergunto a ele facilmente, apontando com a mão para mais. "Me dê todos os detalhes."

Ele está sorrindo de orelha a orelha enquanto me conta o que eu já ouvi, o que *todo mundo* ouviu.

"Havia quatro deles do outro lado da rua do bar de Dale, na Sixth Street. Eu os vi entrando e sabia que eles estariam lá um pouco."

Na minha periferia, vejo Jared enrijecer. Ele me conhece bem o suficiente para perceber que isso não vai acabar bem para o homem que ele esticou o pescoço para pegar a tripulação. Aposto que ele está se perguntando o

que isso significa para ele. Se eu fosse ele, eu estaria pensando também.

Oliver ainda não pegou. Ele não é nada, mas orgulhoso enquanto ele me diz como ele entrou e atirou em todos os quatro deles antes que eles pegassem suas armas.

"Tudo no território de Talvery? Isso leva bolas." Eu o elogio embora dentro do meu coração esteja batendo a adrenalina se enfurecendo dentro de mim e a tensão aumentando. Eu tenho precisado de uma liberação para toda essa raiva reprimida. Limpar o sorriso do velho rosto de Oliver pode ser exatamente o que eu preciso. Isso, ou cair de novo na cama com Aria.

Apenas o pensamento de tê-la me faz querer acelerar essa merda e voltar para ela.

Eu já fui embora por tempo suficiente.

"Ninguém está fazendo um movimento, mas eles estavam ali," diz ele e enfatiza suas palavras, agitando as mãos no ar. "Ninguém está cruzando linhas, e ninguém fez nada, nem mesmo Nikolai. Mas essa foda idiota pensou que ele poderia fazer isso e se safar."

"Quantas copos você teve até agora?" Eu pergunto a ele, meu pé batendo contra o chão enquanto minha impaciência cresce com cada pensamento de ter Aria sob mim esta noite.

"Este é o meu quinto desde que Jared me trouxe." Ele balança ligeiramente em sua cadeira enquanto ele me diz, mas o sorriso só aumenta.

"Dois para cada um dos quatro," eu digo alto o suficiente para todos me ouvirem e se levantarem. Eu tenho que andar ao redor da mesa para dar um tapinha no ombro dele enquanto lhe digo: "Mais três, tudo por minha conta."

O cheiro de uísque me atinge com força quando ele chega para devolver o tapinha no meu braço. Seu toque é firme com o primeiro tapinha, mas eu não fico no lugar, fazendo o segundo virar uma torneira. Meu olhar está em Jared quando Oliver diz algo atrás de mim. Um obrigado e outro aplauso por matar os Talverys. Eu não me importo com o que o idiota morto tem a dizer.

Parando na frente de Jared, eu mantenho minha voz baixa quando digo a ele.

"Está com você para cortar sua garganta quando ele terminar aqueles três shots."

Na sugestão, Oliver chama para outro. O sangue drena do rosto de Jared, mas ele balança a cabeça e com uma voz baixa, ele responde: "Claro."

Não há uma sugestão de nada além de remorso no rosto de Jared. Ele está tenso, mas ele tinha que saber que estava chegando. "Ninguém faz nada até que eu

diga." Meus ombros endurecem, e a raiva ameaça se mostrar, então eu estendo a mão, endireitando a gravata de Jared e então acrescento: "Se houver qualquer outro idiota fodido que queira se exibir, não espere pelas minhas ordens," eu olho para Jared no olho para dizer a ele. "Não me incomode e me faça vir aqui. Mate os idiotas onde eles estão."

ARIA

A PORTA DA FRENTE ESTÁ ABERTA, nunca está aberta.

As almofadas suaves dos meus pés batem contra o chão de mármore enquanto eu faço o meu caminho até a entrada, seguindo a luz brilhante do dia.

Eu já posso sentir o ar fresco e o calor antes de sair. A grama no jardim da frente é exuberante e, embora seja cortada, o tempo está lindo.

Eu não pisei na varanda. Nem uma vez desde que cheguei aqui, e o pensamento parece estranho demais para ser uma realidade, mas é. Fui levada para dentro, e só olhei pelo vidro gravado das janelas, mas não tento fazer isso com frequência. Parece cruel me provocar assim.

Olho para trás, desço o vestíbulo e depois olho para fora, mas não vejo ninguém. Não no começo. Não até eu dar um passo na varanda de ardósia lisa e depois outra.

Eu o ouço primeiro, Jase. Com um telefone no ouvido, ele caminha pela lateral da casa e depois volta. Há um nó na minha respiração e uma batida no meu peito. Eu congelo, mas apenas por uma fração de segundo.

Eu estou andando lá fora.

Eu não estou tentando fugir. Embora eu tenha que forçar meus membros a se mover, eu faço exatamente isso. Encarando Jase nos olhos, eu ando até as escadas. Elas são grandes e enormes, assim como você esperaria para uma propriedade como esta. Para não mencionar linda. Tudo sobre este lugar parece caro e cada detalhe intrincado, desde os arbustos aparados e os canteiros de flores aparados até a calçada em arco pavimentada com paralelepípedos, reflete a elegância de quem mora aqui.

Eu quase bufei só de pensar em Carter escolhendo todos esses detalhes. Carter é tudo menos decorador.

Eu seguro o olhar de Jase enquanto me sento lentamente nos degraus. Uma grande coluna me impede de vê-lo e imagino que ele venha correndo.

Desculpa interromper o telefonema dele. A prisioneira está fugindo, chame os guardas, chame os guardas!

Uma risada genuína faz com que meus punhos tremam com os pensamentos sarcásticos. Enquanto me inclino contra a coluna, aproveitando o sol que dança em minha pele e a brisa fresca, Jase vem correndo pelo jardim, exatamente como eu previa.

Revirando os olhos, dou-lhe uma careta. Uma cara que diz, *você está brincando comigo?*

"Estou de folga no turno de prisioneira. Eu chamei um substituto temporário," eu murmuro.

Seus lábios se contraem como se ele quisesse sorrir, mas ele não sorri. Ele não diz nada, não para mim e não por alguns minutos. Eu posso ouvir o som de alguém falando do seu telefone, embora eu não consiga entender as palavras. Ele não parece prestar atenção a elas em tudo.

Meu coração bate um pouco mais forte e ansiedade escorre lentamente em minhas veias. Meu pé bate nervosamente nos degraus de pedra, mas eu seguro no chão. Mesmo quando eu começo a me emocionar, sabendo que eu não posso nem sair sem alguém perder a merda, eu fico bem onde estou e aproveito a porra da varanda.

"Eu te ligo de volta," Jase finalmente fala, embora ainda não seja para mim. Meus músculos ficam rígidos e meus dentes se apertam. *Se ele acha que está me levando para dentro...* eu engulo em seco com o pensamento. O que eu realmente vou fazer? Eu posso pelo menos chutá-lo. Um bom chute duro, talvez na canela. Eu aceno com a cabeça levemente com a ideia, mantendo meus olhos em algumas folhas que se transformaram em um belo tom de castanho-avermelhado enquanto balançam no vento suave. Se ele colocar uma mão em mim para me forçar a voltar para dentro, eu juro que vou chutar o traseiro dele.

Um sorriso suave puxa meus lábios. É bom se sentir como uma garota durona pelo menos. Como se eu tivesse uma escolha.

"Você escolheu um bom dia," diz Jase, e eu levanto o meu olhar para vê-lo enfiando o telefone no bolso antes de subir os primeiros degraus para se sentar ao meu lado, mas em um degrau mais baixo que o meu.

Estou quieta por um momento, avaliando como ele parece tão confortável e agir assim é normal. Assim como ele fez na cozinha.

"É legal." Mordo meu lábio inferior antes de acrescentar: "Eu costumava ter uma sacada no meu quarto. Eu gostava de ficar lá fora."

Ele olha para mim por um momento, mas termina com um sorriso quase triste e depois se inclina para trás, apoiando seus antebraços no degrau atrás dele.

Eu acho que meu guarda decidiu fingir ser meu amigo e apenas sentar perto de mim.

"Quem projetou este lugar?" Pergunto a ele, querendo uma distração e pensar em algo que não seja a noite passada.

Eu acordei sozinha e é exatamente assim que me sinto o dia todo. Miserável e sozinha.

Eu poderia me sentar em silêncio sozinha, mas Jase interrompeu isso. Se ele vai tomar conta de mim, então ele vai ter que falar comigo. Uma punição por uma punição. Eu sorrio com a observação maliciosa em minha cabeça e penso em juntar todas as boas linhas que tive

desde que eu saí daqui. Eu acho que estou com um humor mal-intencionado. *Boa sorte aos meus adversários.*

"Nós fizemos," ele responde com um sorriso que não esconde o seu orgulho.

"Não, você não fez." Eu nem hesito em chamá-lo de suas besteiras.

"Por que você acha que não?" Ele me pergunta, com um olhar intrigado no rosto.

"Você está me dizendo que escolheu lilases e peônias para o jardim da frente?" Eu o questiono, desafiando-o a dizer que qualquer um dos irmãos Cross queria essas plantas.

A expressão de Jase fica guardada e ele limpa a garganta enquanto olha em direção aos próprios arbustos que me dão meu argumento.

"Nossa mãe queria lilases e peônias." Sua admissão é falada simplesmente, sem rodeios. "Ela as pediu para o Dia das Mães, mas ela morreu pouco antes," ele me diz, e sua voz escurece para o fim.

"Sinto muito," eu digo e mantenho meu tom gentil. "Eu não quis dizer..."

"Está tudo bem," diz ele e me acena. "Eu entendo o que você quer dizer, mas sim, nós projetamos isso. Há alguns anos atrás." Uma rajada de vento sopra, varrendo meu

cabelo na frente do meu rosto e um pouco atrás das minhas costas, deixando um calafrio em seu rastro e me lembrando que, de fato, é outono.

"Bem, é lindo," digo a ele genuinamente. Eu ignoro o frio no ar e envolvo meus braços em volta de mim. Arrepios ameaçam, mas eu não estou pronta para voltar atrás e o sol parece quente. Eu poderia me deitar ao sol o dia todo, mas parece que mal tenho uma hora antes que as árvores na beira da propriedade me escondam.

"Você não está planejando correr, certo?" Jase me pergunta e se vira para olhar para mim com um olhar tão sério no rosto. "Eu gostaria de manter minhas bolas, e tenho certeza de que Carter as aceitaria se eu deixasse você sair."

Risos surgem de mim apenas por causa de quão sério ele parece. Sua expressão muda para uma de humor e me surpreendo com ele novamente. Sacudindo minha cabeça, meu cabelo fazendo cócegas em meus ombros eu digo a ele: "Daniel me disse que é inútil com os guardas." Eu dou de ombros como se fosse tudo uma brincadeira.

Isso é o que meu cativeiro é aparentemente, uma porra de piada. No entanto, há apenas uma pontada modesta de desespero com esse pensamento.

Jase bufa e olha para o lado direito do quintal. E o jeito que ele faz me faz pensar que Daniel estava mentindo. Como o Jase está escondendo algo de mim.

"Há guardas?" Eu questiono ele. "Não estão lá?"

Ele me olha de cima a baixo por um momento como se estivesse pensando em me dizer alguma coisa.

"Sim," ele balança a cabeça e me diz: "Nós temos alguns ao longo das cercas."

Eu reconheço o que ele disse com um pequeno aceno, mas não respondo. Em vez disso, penso em dar um passeio para limpar a cabeça, mas tenho certeza de que Jase me seguiria como um cachorrinho perdido e eu não seria capaz de pensar de qualquer maneira.

"Nós dissemos a eles que apenas tomassem as lindas morenas, no entanto."

Dou uma risadinha na brincadeira de Jase e me inclino para frente para passar a mão pelas minhas pernas antes de considerar se ele estava sendo sincero. "Você está brincando?" Eu pergunto, e ele encolhe os ombros como um idiota com um sorriso de merda no rosto.

"Você está de bom humor hoje," murmuro sarcasticamente.

"Logo volta."

O tempo passa facilmente por um momento, mas para meu espanto as nuvens entram e capturam o sol antes que eu esteja pronta para o calor me deixar.

"Você quer um cobertor?" Jase me pergunta, e eu olho para ele, observando enquanto ele se levanta, esticando as costas e estremecendo quando ele segura sua bunda. "Você pode querer trazer uma cadeira para fora também se você ficar mais tempo," ele me diz, e eu não posso deixar de sorrir.

"Eu posso entrar. Eu não sei," eu digo a ele e é quando meu coração idiota me lembra que eu vou ter que ver Carter e que ele está sendo estranho e distante... e estúpido e protegido e sendo um idiota. Minha garganta seca e deixo escapar um suspiro angustiado. Eu não posso olhar para Jase quando eu faço. Eu sei que ele viu, no entanto.

"Você sabe que ele sente algo por você, certo?" Ele me pergunta e a secura na minha garganta percorre mais alto, fazendo-me sentir como se eu fosse engasgar se eu falasse, então eu não faço.

"Não o machuque," Jase me diz, e eu encontro meus olhos nos dele, esticando o pescoço desde que ele está de pé agora.

"Eu?" Pergunto incrédula. "Primeiro de tudo, eu não magoo as pessoas. Em segundo lugar, ele não me deixa perto o suficiente para sequer pensar em machucá-lo. O que temos é muito unilateral e..." Tento continuar, mas minhas palavras estalam e odeio isso. Eu odeio que eu sou emocional sobre isso. Eu odeio estar perto de admitir

o quanto eu sinto por ele e que o que ele sente por mim não é nem perto de ser o mesmo. Eu entendo porque a Bela se apaixonou pela Fera, mas isso não muda quem é Carter. Não há nenhuma rosa ou beijo mágico que o torne um príncipe. Tudo o que Carter sempre será é uma fera.

Aquela respiração irregular volta, e eu me levanto, pronta para fazer uma xícara de chá e me esconder no cativeiro, ou talvez o novo quarto, o quarto branco, o lindo quarto com as réplicas do que eu costumava ter nela. Seja qual for o inferno que o quarto dourado é. Meu quarto de refúgio.

"Ei, ei," a voz de Jase é reconfortante, e ele dá um passo para perto de mim, mas não me toca quando diz: "Ele teve um tempo difícil."

"Sim, bem, eu também." Eu mordo as palavras e, surpreendentemente, mantenho a amargura em minha voz ao mínimo.

"Ele teve uma década de dificuldades, de pessoas que ele amava morrendo, seu único amigo e irmão deixando-o, e depois outra merda fodida. Foi um ciclo interminável até ele se tornar a pessoa que ele é agora."

Eu olho para Jase, mas apenas por um segundo, porque eu não quero chorar. Ele parece simpático, pelo menos, e genuíno, mas agora eu preciso saber que algo vai mudar. Eu não preciso de desculpas, elas nunca são boas para nada.

"O que você está fazendo aqui fora?" A voz aguda de Carter me faz pular e quase caio para trás nas escadas, mas me contenho. Meu coração bate e pela primeira vez sinto muito medo desde que saí.

"Você está chorando?" Carter me pergunta com descrença e depois se vira para Jase com um olhar que poderia matar.

"Ela estava falando sobre você, na verdade," Jase responde Carter lentamente, e os dois se encaram por um longo e duro momento.

"Eu queria um pouco de ar fresco por um minuto," eu digo para quebrar o seu *momento*, não segurando a minha raiva enquanto eu continuo. "Eu tive sorte o suficiente para que a porta da minha jaula estivesse aberta." Com essas palavras de despedida, eu passo por ambos, roçando Carter e odiando que eu respire seu cheiro, sinta seu calor e ame os dois.

Preciso de uma xícara de chá, um bom livro, se puder encontrar um em meu novo quarto, meu quarto de refúgio e algum tempo para ignorar o mundo.

Mas Carter não me dá isso. Eu dou dois passos dentro da porta antes que ele pegue meu cotovelo. Eu puxo meu braço e ele olha para mim como se não entendesse. Como se fosse eu aquela que está agindo estranho.

"O que há de errado?" Ele me pergunta, preocupação em atender a demanda para respondê-lo.

"Você está falando sério?" Eu não contenho minha indignação, embora eu deva. Os olhos de Carter se estreitam e escurecem, mas eu não deixo que isso me pare. Meu coração dispara e dói mais forte a cada pancada. "Você está sendo um idiota. Um ainda maior do que o habitual."

"Seja gentil," eu ouço Jase dizer baixinho enquanto ele fecha a porta da frente, escondendo o último pedaço do dia e deixando-nos com o som de seus passos. Parte de mim se pergunta se ele está falando comigo ou com Carter.

"Sinto muito," diz Carter com os dentes cerrados, quase como se essas palavras não devessem vir dele neste momento. Ele desloca seu peso da esquerda para a direita e olha para mim com um olhar que provoca tanto medo quanto aquele desejo sombrio que não posso negar.

Um estrondo de baixa irritação se instala em seu peito quando ele me diz: "Cuide do jeito como você fala comigo."

"Você deveria fazer o mesmo," Eu respondo sem pensar. Mas é verdade. Seus olhos brilham de raiva, mas ele não fala. Sua mandíbula está firme e aposto que se ele apertasse os dentes mais apertados, eles quebrariam. "Você me trata como uma criança," eu digo a ele e, em seguida, engulo em seco, sentindo a bola crescer mais na

minha garganta. "Você não me quer perto de você, você não fala comigo. E ontem à noite..." Eu não posso terminar porque novamente eu sinto que vou chorar, e eu juro que não vou. Aqui não.

Ele não me deixa amá-lo. Mas é porque sou sua prostituta. Eu já sei que essa é a resposta. É por isso que ele não me beijou durante um tempo. Eu estou destinada a ser sua prostituta e nada mais.

Um momento passa onde estou apenas respirando. Olhando nos olhos de um homem que pode me fazer sentir tanto, mas agora tudo dói. Eu quero que ele me abrace e me deixe segurá-lo. Eu quero dar um tapa nele e dizer que ele é um idiota e que eu odeio ele. Eu quero que ele me diga que ele me ama, e ele pensa em mim como eu acho que ele ama.

Em questão de segundos, passo por uma fantasia onde tudo ficará bem.

"Dê-me sua mão," Carter me comanda. Eu sobressaio meu queixo, empenhada em mandá-lo se foder, mas ele me puxa. A profundidade da dor nas cavidades de seus olhos escuros me faz dobrar a sua vontade. Lentamente, eu bato minha mão para ele pegar. Mesmo que eu seja apenas sua prostituta, obedecendo ao seu comando.

Eu vejo quando ele aperta minha mão em seu telefone, achatando-o e então vira as costas para mim, caminhando para um painel perto da porta da frente.

Eu posso sentir minhas sobrancelhas juntas.

Carter já disse que sente muito uma vez. Eu duvido que ele fale novamente. Neste ponto, nem sei o que quero que ele diga. Suas palavras não são o problema, são suas ações.

"Se você está voltando para fora, pegue um casaco." Suas palavras são severas, mas há um traço de mim lá. *Pressione sua mão aqui*, ele demonstra. Ele me deu acesso. Meu coração pisca para a vida e eu odeio isso. São as coisas assim que me fazem questionar o que sou para ele.

"Eu não estava fugindo hoje à noite," digo a ele fracamente. Querendo mais dele, mas sem saber o quanto empurrá-lo. Meus olhos se lançam dele para a porta. Carter é um homem duro e talvez tenha tido uma vida difícil, mas eu preciso mais do que o que ele me deu na noite passada e hoje.

Não sei se estou em condições de pedir, de exigir, ou se Carter é capaz de me dar mais do que isso. E se ele continuar com seus planos, tudo isso será em vão.

"Bem, você sempre volta," Carter me diz, mas quando meus olhos alcançam os dele, ele volta sua atenção para seu telefone.

Eu olho para o que ele está fazendo apenas para encontrá-lo sair do que quer que fosse e é quando eu vejo

a data de hoje.

E é aí que essa pequena trégua não importa mais.

Nada importa.

CARTER

QUANTO MAIS EU DOU A ELA, menos eu a tenho.

No momento em que deixei que ela tivesse acesso ao exterior, ela se afastou de mim. Não com a raiva que eu esperava dada a sua explosão, mas com uma mágoa que é inexplicável.

A cor sumiu do rosto dela e ela correu de mim. Literalmente correu para longe de mim e direto para o quarto branco. Ela me ignorou quando eu a chamei e tentei abafar seus gritos.

Tudo se quebrou na minha frente. Não havia sinal nem aviso.

É minha culpa, ela não estava pronta. Eu não posso forçá-la a se mover mais rápido quando a ação final ainda tiver que ser feita.

É a única coisa em que consigo pensar que a faria fugir de mim como ela fez.

Sua porta está trancada, uma característica que considero excludente, mas sei que poderia derrubá-la se precisasse.

Eu não movi meus olhos do monitor no meu celular, mas assisti-la chorar histericamente no chão foi brutal. Foi uma maldita tortura.

Já faz quase uma hora desde que ela parou, mas ela não se moveu do chão. Sentada de pernas cruzadas e cutucando as unhas, ela está sentada ali, balançando de um lado para o outro, cantarolando e chorando. A única coisa que tenho a poupar é que o meu colar ainda está no pescoço dela. Ela não tirou isso desde que eu coloquei nela.

Eu lhe disse para ser gentil, a mensagem de texto de Jase interrompe o feed e eu clico nela. Ele é a única razão pela qual eu não perdi minha merda. Embora eu esteja à beira de arrancar a porta das dobradiças daquele quarto e exigir que ela me diga o que a deixa de fora.

Eu porra fui. Eu rapidamente respondo a minha resposta e acrescento: *Quanto tempo tem que passar antes que eu possa ir lá?*

Você não pode. Ele responde imediatamente e mesmo que uma parte de mim saiba que ele está certo, uma parte maior de mim sabe que ela precisa de mim. Ela precisa de alguém e eu quero ser alguém assim.

E se nós ficarmos do lado de Talvery? Sobre Romano? Estou me agarrando a palhas só para mantê-la.

Será um sinal de fraqueza. A resposta de Jase é rápida, e a próxima pergunta é rápida em minha mente. Eu sei que ninguém vai entender ou respeitar porque eu deixo Talvery viver. Não, a menos que esteja claro o porquê. E inegável.

E se eu me casasse com ela? Eu digito as palavras, mas não posso enviá-las. O pensamento dela como minha verdadeira, em todos os sentidos, envia um fio de esperança passando antes do meu alcance. Tão perto e tão delicada, assim como o colar em volta do pescoço dela. E acho que talvez ela fizesse isso. Ela concordaria se eu concordasse em poupar sua família.

Mas ser uma esposa para um monstro só a torna vulnerável. A esperança morre tão depressa quanto a chama de um incêndio significava apenas ter uma brasa.

Ela não é temida, não é respeitada. Meus inimigos matariam na primeira chance que tivessem, apenas para me machucar. Eu sei que eles iriam. Assim como eles tentaram tomar Addison de Daniel.

Jase me envia outro texto. *Ela precisa te dizer o que aconteceu.*

Ele tem razão. Eu preciso de algo para consertar. Alguma maneira de controlar o que deu errado.

Se for a família dela, você está fodido. Jase me manda uma mensagem novamente antes de eu mandar uma mensagem de texto para ele e eu quase jogo o telefone na parede quando ele aparece na minha tela. Em vez disso, eu ligo para o monitor dela, mas ela não está lá.

Ela se foi.

Assim que eu me levanto abruptamente, pronto para caçá-la onde quer que ela foi, eu a escuto andando pelo corredor e lentamente ela aparece.

A adrenalina dispara através de mim e eu tento ficar parado. Porque se eu me mexer, ela pode mudar de ideia. Ela pode voltar para aquela porra de quarto, mas não posso deixá-la. Juro por Deus, não posso deixá-la.

Ela entra na cama com olhos injetados, os cabelos do lado do rosto úmidos de lágrimas e o rosto avermelhado. Porra, eu nunca senti dor assim. Mesmo na cela, ela não chorou assim. Ela nunca chorou assim.

É como se ela estivesse de luto.

Eu mal posso respirar, mas eu engulo a dor quando ela entra no quarto, recusando-se a olhar para mim e então olhando para o banheiro.

"Não há banheiro no outro quarto. O quarto de refúgio," ela diz, e suas palavras são faladas, mas ela não chora.

"Venha aqui." O comando é suave, uma tentativa de consolá-la. Eu sei que ela gosta de ser segurada e eu posso fazer isso.

Eu posso segurá-la melhor do que qualquer outra pessoa pode.

Ela anda entorpecida e quando eu envolvo meus braços ao redor dela, ela não reage. Ela não me segura nem se inclina. Ela também não acredita. Ela está apenas lá. Seu corpo inteiro se sente congelado sob o meu toque e eu imediatamente a pego, embalando-a em meus braços para colocá-la na cama, para forçá-la a descansar e deitar-se comigo. Tudo ficará bem de manhã.

Mas no segundo que eu dou um passo em direção à cama, Aria sacode e bate as palmas das mãos no meu peito, chutando ao mesmo tempo e deliberadamente caindo dos meus braços e caindo no chão.

"Foda-se," eu rosno e estendo a mão para ajudá-la, mas ela foge para trás, rastejando para longe de mim antes de levantar-se novamente e de frente para mim como um animal enjaulado com intenção de correr.

Mil cacos cortam cada pedacinho de mim. Em minha pele entorpecida, abrindo caminho pelo meu sangue e pela minha garganta.

"Aria, me diga o que está errado," eu exijo, mas ela só balança a cabeça, empurrando o cabelo para longe e, em seguida, esfregando a mão contra a bochecha manchada de lágrimas.

"Você já sabe o que está errado," diz ela tristemente, e sei que falhei com ela.

"Você vai me perdoar," falo baixinho, minhas mãos fechando em punhos.

Seus olhos reaparecem e eles se encobrem quando ela choraminga: "Eu sei," ela funga uma vez e se vira para ir ao banheiro, mas não posso deixá-la.

"Diga-me uma coisa," eu digo, levantando a minha voz, mas ela para e, em seguida, se vira lentamente. "Pergunte-me qualquer coisa," acrescento.

Um momento passa onde ela só balança a camisa até o joelho que ela vestiu. Ela quase diz alguma coisa duas vezes, mas no final, ela só balança a cabeça.

Finalmente, ela me pergunta algo que eu odeio, mas sei que mereço.

"Será que vou ter permissão para sair?" Sua pergunta reflete sua falta de esperança.

"Sim." Eu quero contar mais a ela, que vou levá-la aonde ela quiser, mas tenho medo de falar muito, ela vai desmoronar novamente. Cada palavra tem que ser falada com cuidado.

"Quando?" Ela pergunta.

"Depois que a guerra acabar," digo-lhe com firmeza. "Não há exceção a isso."

"E quando isso acontecerá?" Suas palavras são baixas, quase insignificantes, refletindo exatamente como ela deve

se sentir.

"Em breve." Eu tento ser calmo, não querendo machucá-la mais do que ela já está, mas também não querendo mentir.

"Eu gostaria de pelo menos dizer adeus," ela choraminga e sua voz racha.

"Ele sabe onde você está. Se ele quisesse dizer adeus, ele poderia."

"Ele sabe que eu estou aqui?" O choque em sua voz é inesperado e me sinto como um idiota. Ela vai ter a mesma reação que fez ontem quando soube que eu tinha alguém espionando ela.

"Sim." Eu engulo em seco, mas pelo menos ela está falando comigo.

"E ele não veio para mim?" Ela pergunta com tanta tristeza, mas isso só me enfurece. Ela não conhece o homem que o pai dela é realmente? Ele não arriscaria a vida por ninguém. Nenhuma maldita alma. "Quão mais?" Ela visivelmente engole e endurece a voz quando pergunta: "Há quanto tempo ele sabe?"

"Desde o jantar," digo a ela e depois conto os dias. "Quatro dias."

O rosto de Aria se contrai e ela cobre a boca com a mão, parecendo impossivelmente mais abatida de alguma

forma.

"Quando você está em guerra, você as eviscera primeiro. Tenho certeza de que ele tem planos..." Eu quero mentir para ela, para dizer que ele tem planos de pegá-la depois que ele me matar. Mas eu não acredito nisso. Talvery teria nosso estado, matando-a comigo, se ele achasse que poderia se safar.

"Onde é que isso me deixa?" Aria pergunta em um sussurro fraco.

"O que você quer dizer?"

"Você vai *eviscerar* os Talverys... onde isso me deixa?" Ela pergunta com surpreendente força e tenacidade.

"Você pertence a mim." É a única resposta para essa pergunta. E a verdade ela já sabe. Ela já aceitou isso. Eu sei que ela tem.

"O que você faria se eu te dissesse não? Que eu não te quero?" Ela estabiliza a respiração da melhor maneira possível e endireita as costas. "Que eu não quero mais ser sua prostituta?"

"Eu saberia que você estava mentindo. E você não é minha *prostituta*." Meu coração bate, acompanhado por um formigamento ao longo da minha pele.

Espero que ela volte com alguma piada perguntando o que ela é para mim então. Mas ela não faz. Em vez disso,

ela tenta destruir a pouca bondade que ela me deu.

"E se as coisas mudassem e eu não te quisesse nada?" Ela me pergunta com cada palavra clara e tão afiada quanto a faca.

"Por que você faria isso? Por que você *mentiria*?" Eu desafio ela a me dizer que é a verdade. Que ela não me quer mais.

"Você teria me mandado de volta depois do banho se eu tivesse dito 'não', não é?" Ela me pergunta e eu tenho que tomar um minuto para perceber o que ela está se referindo.

"Nossa primeira noite? Você não dormiu comigo porque queria ficar fora da cela," eu praticamente cuspi as palavras para fora da minha boca, cheias de indignação. "Você nem sabia que não ia voltar." Minha voz se eleva e sinto que raspo minha garganta. "Seus pés cavaram na minha bunda naquela noite, me estimulando. Você me fodeu porque me *queria*." Eu enfatizo cada palavra, dando um passo firme e dominador cada vez mais perto dela até que eu esteja tão perto dela, que eu possa sentir a tensão irradiando dela. "Você queria saber como seria sentir meu pau dentro de você." Abaixando meus lábios aos dela, eu sussurro: "Ou eu estou errado?"

Ela olha nos meus olhos e eu olho para os dela. A mistura de verdes e azuis e dourados é vibrante e viva entre os fragmentos de vermelho e branco manchados.

"Você queria ou não?" Eu endureci a minha pergunta, assim como meu intestino torce com nojo e eu começo a questionar se ela nunca me quis de verdade. Se eu estava tão obcecado por ela que eu estava errado todo esse tempo.

"Sim, eu queria você!" Ela grita para mim, embora sua última palavra desmorone antes de sair de seus lábios. "E eu ainda não deveria querer você." Ela não esconde a dor quando me diz: "Eu deveria odiar você."

Alívio, alívio doce, é curto e minúsculo, mas há muito alívio em sua admissão.

"Por que isso?" Pergunto-lhe baixinho, querendo que ela continue. Para resolver isso, em semanas, essa luta não terá sentido. Ela vai me perdoar. Ela já sabe que vai.

"Porque você vai matar minha família e todos que eu amo. É por isso." A luta a deixa com a última frase.

"Sim." Eu mantenho minha voz forte, embora eu não saiba como. "Eu vou."

"Por favor, não," ela sussurra seu pedido e eu gostaria de ter feito isso. Eu gostaria de já ter atirado no bastardo, então ela iria parar com isso.

"Seu pai é um bom homem?" Eu pergunto a ela, sabendo que isso vai machucá-la, mas ela já está tão triste, não há muito menos que um pouco mais de verdade pode levá-la. "Você acha que os homens que o

protegem merecem viver muito tempo para que eles possam tentar me matar?"

"Eles não vão," ela tenta me dizer, balançando a cabeça vigorosamente e estendendo a mão para pegar minha mão com a dela, mas eu solto-a. Eu não vou deixá-la implorar por sua vida.

"Eles já tentaram," eu digo, e minhas narinas se inflamam enquanto eu digo a ela. "Logo depois que seus viciados em drogas mataram meu pai. Eles o assassinaram por quarenta dólares e um pacote de comprimidos. Eu me lembro como meu pai parecia na mesa de metal no necrotério. Como seus dedos estavam machucados de lutar de volta."

"E seu pai estava chateado por eu ter ousado entrar em seu território para matá-los. Para se vingar. Ele os protegeu!" Eu grito com ela e desejo que não tivesse. Lágrimas a inundam novamente e ela ofega por ar. "Seu pai enviou quatro homens para nossa casa. Nosso pedaço de merda. A casa em que minha mãe morreu. A casa que você tanto ama." Não posso deixar de zombar do pensamento. "Nós não estávamos lá. Obrigado, porra, nós não estávamos lá."

Ela mal está respirando através de suas mãos que estão cobrindo seu rosto como se elas pudessem protegê-la da dura verdade enquanto eu digo a ela, "ele os fez incendiá-la. Eu deveria tê-lo matado então, mas não

consegui chegar até ele. Tenho certeza que posso fodê-lo agora."

"Eu sinto muito," ela choraminga, e tenta se acalmar. E eu quase a alcanço, para abraçá-la, porque eu quero. Agora eu preciso segurá-la também. Mas então ela fala.

"As coisas mudaram," ela oferece fracamente, enxugando as lágrimas dos olhos, embora não parem de fluir.

"Como você ainda pode defendê-lo? Depois de tudo isso?" A dor não vai parar. Eu estou sangrando a dor. "As chances de eu permitir que seu pai viva são quase nulas. Mesmo se eu quero que você seja feliz, você sabe por que ele tem que morrer. Eu aposto que você até acha que ele merece isso," eu digo a ela. "Uma pequena parte de você tem que pensar que ele merece."

"Você disse que vai matar todos eles, mas todos eles não merecem isso," ela continua a implorar comigo, não me oferecendo qualquer conforto enquanto eu tento não quebrar lembrando a fuligem e cinzas que ficaram no lugar da casa em que eu cresci. "Não é só meu pai quem vai morrer. Nikolai era meu único amigo. E minha família vai ficar com meu pai. Você não pode matar todo mundo que já amei."

"Se eles estão contra mim, eles merecem morrer."

"Nem todos eles..."

"Como quem? *Nikolai?*" Eu zombo do nome dele com desdém e ela recua.

"Por favor?" Ela me implora, mas a perda já está clara em seus olhos.

Eu viro as costas para ela, me sentindo mais solitário do que senti desde que ela veio a esta casa, enquanto eu digo: "Você pode fazer novos amigos."

ARIA

É MEU ANIVERSÁRIO, mas não foi até que vi o telefone de Carter que eu sabia qual era a data.

Ninguém aqui sabe que é meu aniversário, por que eles iriam? Eles também não sabem que ontem foi o aniversário da morte da minha mãe. O dia antes do meu aniversário.

E pela primeira vez não fui ao túmulo dela.

Eu sou capaz de chorar de novo, e não sei se estou chorando por minha mãe, por minha família, ou por Carter e pelo garoto que ele costumava ser. Eu poderia chorar para sempre, e isso não seria suficiente para a tragédia que nossas famílias juntas sofreram.

Minhas costas se encostam na parede do banheiro. À minha esquerda, a porta está fechada e na minha frente, o chuveiro está correndo para abafar os sons de mim chorando. Eu queria um banho para lavar tudo. Um banho quente e escaldante.

Em vez disso, estou agachada no chão perto da porta. Eu mal posso ficar de pé, estou tão tonta e exausta. Eu não confio em mim mesma no chuveiro. Eu não confio em mim ou em mais ninguém.

Eu sei que meu pai é um homem horrível. Um homem maravilhoso condenado ao inferno. Eu não sabia o que ele fez com Carter. Eu não fazia ideia. "Eu não sabia," eu digo para ninguém. Eu estava tão cega por tanto tempo e gostaria de poder voltar. Eu odeio tudo isso. Eu odeio toda a dor. Eu odeio que não há como voltar atrás.

Eu já posso aceitar a morte do meu pai, por mais cruel que pareça. Pelo que ele fez, não há piedade em sua morte. Mais do que isso, ele viveu quando minha mãe morreu. E ele sabe que estou aqui, mas ele não fez nada. Nada foi feito para o assassinato de minha mãe. Tenho certeza de que meu pai não faria nada para honrar minha morte.

Chamas ao longo do lado da casa que eu desenhei passam como flash diante dos meus olhos. Eu não posso perdoá-lo. Não posso perdoar meu pai e nem quero saber quando ele se foi. Eu não quero dar a ele a honra de lamentar ele.

Mas não é só ele.

É o Nikolai também. Por que ele não veio para mim? Por favor, ele não pode ser o mesmo homem que meu pai é. Uma respiração desconcertante me deixa. Eu sei que ele não é, e eu não posso aceitar isso.

Eu não vou.

Eu nunca me senti tão dilacerada - não, tão dilacerada.

Mas estou cansada de chorar. Estou farta de lidar com a morte, uma e outra vez. Eu sou filha do meu pai. Vivo num mundo onde os apegos são limitados e o luto apenas alimenta o ódio. Eu permaneci escondida e quieta, tentando passar despercebido por anos e ficar fora do caminho e, portanto, fora das vistas dos homens que me veriam como uma moeda de barganha. No entanto, aqui estou eu, nas mãos de um homem infernal em assassinato e vingança.

Mas enquanto pensava em como todos os aniversários da morte de minha mãe, Nikolai me levou ao túmulo dela, comecei a me desesperar. Como todos os aniversários, eu acordei encontrando uma mensagem dele e uma nota dizendo que ele me levaria para onde eu quisesse ir.

E como isso não aconteceu desta vez.

E como nunca acontecerá de novo, e não havia como parar.

Não há como salvá-lo.

Eu lamentei a morte de um homem que ainda respira. Não ser capaz de ouvi-lo nem falar com ele e deixá-lo saber como eu sinto falta dele e desejar poder fazer algo para parar tudo isso, é uma morte em si. E em seu lugar

está o que aprendi para sustentar minha vida inteira. Ódio.

É como se Carter já o tenha matado, ele pegou meu único companheiro neste mundo longe de mim. E a raiva nessa percepção cresce a cada segundo. Endurecendo meu coração.

Talvez no próximo ano, quando eu visitar o túmulo de minha mãe, Nikolai estará perto.

O pensamento e as visões de uma antiga lápide ao lado de uma recém entalhada trazem uma nova torrente de lágrimas.

Isso é tudo que posso fazer. Chorar por eles.

Para lamentar a todos nós. E me apegar ao meu ódio por um homem que estou amando.

Um clique suave faz meus olhos se erguerem até a maçaneta e eu a vejo girar devagar. Furiosamente enxugando os olhos, eu lentamente me levanto, encostando-me na parede enquanto Carter abre a porta. O vapor que enche o cômodo vai para o espaço aberto e o ar quente faz meu rosto aquecido parecer muito mais quente.

Carter para depois de um passo no cômodo, olhando para o chuveiro vazio por um instante antes de se virar para mim quando eu solto um suspiro pesado e quebrado.

O olhar em seus olhos mostrou verdadeiro medo até que se estabeleceu em mim.

Eu vi medo nos olhos de um homem que não faz nada além de deleitar-se com isso.

Ainda assim, não sinto nada por baixo dele enquanto ele olha para mim. "Eu pensei que você estava no chuveiro."Seus olhos vagam pelo meu rosto, procurando por algo.

Eu tento engolir, mas não posso. Em vez disso, eu balanço a cabeça suavemente e rezo para ele sair. Eu deveria ter ficado no quarto do esconderijo.

"Eu não gosto de ver você assim." A afirmação de Carter parece genuína, mas tudo o que posso lhe dar em troca é um riso doentio e sarcástico. Ele coaxa de mim e mal posso respirar depois. Alcançando a pia, eu viro de costas para ele. Meus ombros ainda estão estremecendo com a bagunça da tristeza que pesa sobre mim.

Sua grande mão pousa no meu ombro, cuidadosamente, gentilmente, e ele tenta me puxar para perto dele. Para me segurar como ele fez antes. Com meio passo à frente, ele tenta me abraçar por trás, ele até fecha os olhos e abaixa os lábios para beijar meu ombro nu.

Mas eu sou rápida em me virar, afastá-lo e sair do seu abraço. Ele não pode me segurar e pensar que isso tudo vai embora. Não mais.

O tecido está enrolado no meu punho enquanto eu o empurro de novo, empurrando-o para longe.

Ele não me deixa consolá-lo, então não vou deixar que ele faça o mesmo comigo. Para usar minha dor contra mim. Então, ele pode fazer o que quiser, independentemente das consequências que elas têm para mim.

"Não, você não pode me tocar." Minhas palavras saem bruscamente com uma ferocidade que eu não sabia que ainda tinha em mim. Raiva aquece em seus olhos escuros enquanto sua expressão endurece e ele ainda está onde ele estava, sua mandíbula tensa e os ombros rígidos.

"Diga-me agora que você não quer me jogar de volta na minha cela." Mais uma vez, a emoção quebra minhas palavras. Eu olho de volta para ele, esperando por uma resposta. É difícil não ver a tristeza e o medo em seu olhar que ele me mostrou antes.

"O único lugar que quero te jogar é na minha cama para te lembrar do que posso te dar." Ele fala baixinho, em um tenor profundo que soa cru para meus ouvidos. "Você ainda pertence a mim," ele me lembra.

Meus lábios se contorcem em um sorriso triste. Triste por ele achar que poderia me ter como quiser. Isso nunca vai acontecer.

Um lampejo de raiva, a pontada de sua língua, um passo em minha direção, e Carter se transforma de novo no homem que reconheço de semanas atrás. Frio e calculista.

"Mas você não pode voltar." Ele, de todas as pessoas, deveria saber melhor.

"Ajoelhe-se," ele ordena, mas eu posso ouvir o desespero em sua voz. Ele pode querer fingir, mas ele sabe que não pode me controlar quando estou assim. Eu mal posso me controlar.

"Mande-me de volta para a cela." Minha demanda sai forte e com desafio, ninguém poderia negar.

Eu serei melhor na cela. Melhor lá do que o refúgio onde estou simplesmente evitando ele. A cela não me oferece opções. Eu preciso disso. Eu preciso me afastar do homem parado na minha frente.

Se Carter me tocar, vou ceder. Eu sei que vou. Eu vou esquecer a dor e a raiva. Eu vou esquecer de chorar. Não haverá nada de mim, a não ser o que ele quer que haja.

Eu sou fraca para ele. "Eu preciso ficar longe de você," eu sussurro com raiva na minha língua.

"Não." Sua negação do meu pedido só deve fortalecer minha decisão de desobedecer. Mas meus membros estão fracos e eu preciso desesperadamente ser segurada. Eu quero que ele seja o homem a fazer isso.

"Eu preciso tentar correr?" Eu pergunto a ele com uma respiração obstinada, sem ousar olhar nos olhos dele.

"Como se você pudesse ficar longe de mim." Sua resposta sai mais suave do que deveria. E com mais conforto do que posso resistir.

"Foda-se," eu cuspi para ele em um último esforço.

"Você realmente quer voltar para o sua cela, não é? Eu sempre poderia manter a porta aberta, se você preferir. Então você pode fingir que sou o monstro que você quer que eu seja."

Eu sempre poderia manter a porta aberta. As palavras forçam lágrimas aos meus olhos. Ele levaria embora. Tirar a pretensão de que não tenho absolutamente nenhuma escolha. Instantaneamente, eu o odeio por fazer isso comigo.

"Eu te odeio," eu cuspi para ele, cada raiva e tristeza se misturando em uma mistura mortal.

Os olhos de Carter brilham com o calor na mistura de tudo isso quando ele se aproxima de mim. Com cada passo à frente, ele toma, eu tomo um no sentido inverso até a parte de trás dos meus joelhos baterem na borda da banheira.

"Admita," ele sussurra tão perto de mim que eu posso sentir o quão quente ele é. A água quente jorra atrás de mim, enchendo a sala com ruído branco e calor. Eu não

posso tirar meus olhos de Carter quando ele se inclina para mais perto. Seus ombros me enjaulam e sua mandíbula angular não tem nada além de dominância quando ele me diz: "Admita que você entende, e você sabe que isso tem que acontecer. Admita," ele afirma.

"Há sempre uma escolha." Eu mal consigo pronunciar as palavras quando ele me toca. Quando ele coloca um dedo, um único dedo na minha clavícula e deixa viajar mais baixo. Seu toque é fogo na minha pele. E eu serei amaldiçoada se não quiser mais. Quando meus olhos alcançam os dele novamente, meu coração se torce com uma dor insuportável. A tristeza transmitida em sua expressão reflete seu tom baixo quando ele diz: "É reconfortante pensar que temos escolhas."

Quando seus olhos se afastam da minha garganta, onde seu dedo sobe e desce em um golpe de sossego, a dor em sua expressão desaparece e mais uma vez o homem endurecido me ordena: "Admita. E admita que você é minha."

Tapa! Eu não posso explicar porque eu fiz isso, mesmo quando minha mão pica com dor severa, meus pulmões se recusam a se mover, e o medo toma conta do meu corpo. Uma marca vermelha brilhante marca o rosto de Carter e lentamente ele inclina a cabeça para me encarar.

Eu dei um tapa nele. Eu acertei Carter Cross.

Um suspiro e ele agarra meus pulsos e os empurra acima da minha cabeça.

"Carter." A maneira como eu digo o nome dele é como um apelo, embora eu não saiba o que estou implorando. Estou em cima da minha cabeça, sentindo tontura e cheia de nada além de medo. Medo dele, do que está por vir. De tudo.

"Aria," a voz de Carter é estrangulada e reflete exatamente como me sinto. Abro os olhos para implorar-lhe perdão, para pedir desculpas, mas seus olhos se fecham e ele bate os lábios nos meus.

Pressionando-os profundamente nos meus com uma selvageria que eu preciso sentir, beliscando meu lábio inferior, me devorando até meus próprios lábios se separarem e minha língua procurar a dele.

Porra. Eu preciso disso. Eu preciso dele.

Seus dedos apertam meus pulsos e ele os estica mais alto enquanto sua outra mão percorre meu corpo.

Eu não sei em que ponto o luto e o desafio mudaram para isso. Para a absoluta necessidade de ser fodida por ele, adorada por seu corpo. A sensação de sua força poderosa e seu toque brutal que se torna suave no instante em que preciso, é viciante.

É pior que qualquer droga.

Sua mão esquerda quase solta meus pulsos, mas no segundo em que tento me mover, ele os aperta de novo. "Carter," eu digo, e seu nome é um gemido estridente quando me contorço contra a parede dura enquanto sua mão direita encontra minha calcinha e rasga a renda. O tecido fino cai pela minha perna, fazendo cócegas em mim e, durante tudo isso, todas as terminações nervosas do meu corpo estão no limite.

"Aria," Carter geme meu nome, sua barba coçando meu ombro enquanto ele respira contra o meu pescoço. Eu estou tão quente. Tudo está quente e pronto para ser aceso.

Seus dedos grossos arrastam ao longo da minha boceta, a umidade ali auxiliando na facilidade com que eles viajam até o meu clitóris, em seguida, de volta para a minha entrada. Pausando cada vez para me provocar e me trazer mais perto da borda.

"Diga-me que você não me quer, que acabou comigo e eu vou parar," sussurra Carter e, em seguida, cai a cabeça na curva do meu pescoço. Tudo o que posso ouvir é a mistura de nossa respiração pesada e o ruído branco do chuveiro atrás de nós.

Meus olhos se abrem enquanto eu estremeço e tento respirar, para entender qualquer coisa, e é quando eu nos vejo no espelho. Uma garota triste e esfarrapada de olhos vermelhos e nada além de dor refletida neles. Presa na

parede por um homem construído para consumir e criado por este mundo para odiar.

E meu coração se parte.

Isso quebra para nós dois.

Eu não quero mais chorar. "Por favor," é o único gemido que posso dar, e não sei por que estou implorando.

Talvez apenas para afastar a dor, mesmo que por pouco tempo.

O peito forte de Carter pressiona forte contra o meu, me prendendo e me dominando enquanto ele enfia os dedos dentro de mim enquanto assola cada centímetro de pele exposta com seus lábios.

Eu suspiro em uma respiração, meu pescoço se curva e meu corpo balança com a pressão imediata se acumulando no fundo da minha barriga. Isso balança através de mim como ondas. Tão perto e ameaçador.

Meus mamilos endurecem e meus dedos se curvam, meus quadris ameaçam se afastar, sabendo que o impacto pesado está chegando. Mas com Carter, não há onde arruinar. E o prazer é um ataque, uma felicidade implacável em que estou submersa.

Meu corpo está paralisado pelo prazer ofuscante, e é só então que Carter me libera. Ele não me deixa cair contra a

parede, ele imediatamente agarra meu corpo, me abraçando até que ele possa me abaixar no chão e empurrar suas calças para baixo.

Ele me fode como se fosse a única coisa que ele sempre quis.

Ele toma seu tempo, embora cada impulso seja punitivo.

Eu agarro suas costas e ele morde meu ombro.

Eu grito seu nome e ele grita o meu.

Nenhum de nós respirando, salvo o ar dos pulmões um do outro.

O calor, a paixão, a necessidade... é tudo inegável. Eu posso admitir isso. De tudo que Carter quer que eu admita, posso admitir que ele tem uma parte de mim que eu não sabia que existia e uma parte de mim que ninguém mais teria.

"Como posso te odiar e amar você ao mesmo tempo?" Eu pergunto a ele em palavras cambaleantes enquanto luto para respirar. Meus olhos se arregalam, percebendo o que eu disse, mas Carter ou não ouviu ou não se importa quando ele sai de cima de mim, seu esperma vazando de mim enquanto eu deito no chão frio, ofegante.

Uma parte de mim quebra quando ele está de pé e passa a mão sobre o rosto e depois para a parte de trás de

sua cabeça. De costas para mim, uma parte de mim se despedaça. Eu sou uma tola. Uma garota tola ao sabor de um monstro. Perdida em minha dor até que ele possa dominá-la com prazer.

***

Ele me levou para a cama. Sem palavras.

Ele limpou entre as minhas pernas com um pano quente e úmido e, em seguida, levou-me para sua cama. Não posso olhar para ele. Eu não posso fazer nada além de mentir aqui. E cada vez que o relógio me faz pensar se eu deveria sair e ir dormir no chão do esconderijo.

Meu coração dói demais.

Pelo menos ele não está me tocando. Toda vez que a cama geme e as cobertas se movem sobre o meu corpo nu eu fico tensa, pensando que ele vai me matar, mas ele não faz.

Eu repito as últimas vinte e quatro horas de novo e de novo.

"Por que você parecia assustado quando eu não estava no chuveiro?" Eu finalmente pergunto a ele, quebrando o silêncio e a pretensão de que eu poderia até tentar dormir. "Eu não entendo." Eu dou a ele o raciocínio para a pergunta como surgiu do nada. São as únicas palavras

que foram faladas entre nós desde o tapa, além da confissão que não foi ouvida.

"Jase teve uma amante uma vez," Carter responde-me, suavemente falando, mas áspero e profundo. Eu posso ouvi-lo respirar pesadamente, senti-lo mesmo com o mergulho da cama e, em seguida, ele acrescenta: "Ela se matou no chuveiro."

Meus lábios abrem, embora eu fique deitada de lado, de costas para ele. Mais dor. Mais tragédia. Eu me pergunto o que Jase fez com ela que ela se matou. Eu não achei que ele fosse capaz de tal coisa. A questão está na minha língua, mas eu não pergunto.

Carter tinha medo em seus olhos quando eu não estava em pé no chuveiro, porque por um momento, por um breve momento, ele pensou que eu estava deitada morta na banheira.

CARTER

Eu me pergunto se ela realmente me ama.

Eu nunca vou esquecer o jeito que ela disse isso. Isso me estripou. Ela pode crescer em me amar, mas sempre vai me odiar.

Não posso culpá-la por isso, mas quero ouvir as palavras separadas do ódio. Então, posso fingir que vem sem uma ressalva.

Eu quero que ela diga de novo, e desta vez para dizer isso. Essas palavras não deveriam ter caído tão imprudentemente quanto eu a empurrei para a beira do prazer. Elas são viciantes e fizeram algo para mim que não posso descrever.

Ela está tão lenta hoje. Deitada na frente do fogo, ela só está trabalhando em uma pintura. Uma única obra de arte nas últimas três horas. Eu ainda não tenho certeza do que é, tudo que eu posso entender é um campo de flores, mas há algo além das manchas negras de pétalas.

Eu não tenho tempo para questioná-la sobre isso. Outras perguntas são preciosas demais para serem desperdiçadas por outro momento de silêncio.

"O que você quer mais do que tudo no mundo?" O fogo crepita quando minha voz profunda rompe o vazio do

silêncio entre nós. A tensão ainda está lá, mas não pode existir para sempre. Eu não vou deixar isso.

Os olhos castanhos de Aria se erguem, e ela me espia por entre os cílios escuros, sem se incomodar em não se deitar nos cotovelos. Ela olha de volta para o desenho e possivelmente engole antes de encolher os ombros e olhar para mim como se não tivesse que responder.

Neste ponto, ela não faz. Eu não me importo com o que ela faz ou como ela me trata com a porta fechada, contanto que ela não corra ou se machuque.

"Eu quero que minha família seja intocável," confesso a ela.

"Isso é uma grande ambição," ela responde, cruzando os tornozelos e ainda olhando para o caderno de desenho na frente dela. Ela ainda está com frio.

"Não é isso que você quer também?" Eu pergunto a ela. "Isso parece ser especialmente desejável, dado o ambiente atual." Eu não posso manter o tom presunçoso da minha voz para encobrir a dor de sua reação. Se ela falasse comigo, ela veria. Ela tem que ver que há apenas uma maneira para isso terminar. E uma vez terminado, tudo será melhor. Eu vou fazer melhor para ela.

"Eu quero que todos se fodam e me deixem em paz," ela responde com uma mordida que inclina o canto dos meus lábios em um meio sorriso. Eu amo a luta nela. Ela

vai viver, ela vai sobreviver. Uma garota como ela sabe como sobreviver se não for outra coisa.

"Raiva é algo que eu não esperava. E alguém como você não deveria ficar sozinha," digo a ela.

"Eu não quero chorar hoje. Então, vou me contentar com raiva."Sua resposta vem com irritação silenciada. Ela joga o pedaço de carvão sobre o papel e depois encontra o meu olhar para perguntar: "Por que eu não deveria ficar sozinha?"

"Uma coisa é dizer que você quer ficar sozinha. E outra é realmente ser isso. Você finge que não existe no mesmo mundo que eu. Bloqueando-se e agindo como se isso fosse o que você quer. Mas você pertence aqui. Você nasceu para esta vida. Você precisa aceitar isso. E a solidão neste mundo deixa você vulnerável e essa é uma vida que nenhum de nós pode pagar."

"Eu estava sozinha na cela," diz ela solenemente. Não acho que ela tenha dormido a noite passada. Eu sei que não fiz. "Eu sobrevivi."

Um bufo melancólico me deixa. "Você não estava sozinha. Na primeira noite em que você dormiu, eu droguei seu jantar para ter certeza que você faria. Então, eu poderia cuidar de suas feridas e dos cortes nos seus pulsos."

"Você fez?"" Seus olhos estão cheios de choque. "Por quê?"

"Você era minha para cuidar." Meus ombros endurecem, assim como o meu olhar e ela deixa cair o dela, voltando para as manchas de carvão. "Eu sabia que você viveria. E você iria quebrar rapidamente. Tudo precisava acontecer rapidamente."

"Por quê?" Ela me pergunta, e eu não sei como ela não pode saber neste momento.

"Eu pretendia mostrar o quanto você estava disposta a ser minha para todos que estavam assistindo. Então, não haveria dúvidas sobre onde você estava na guerra."

Seus olhos se fecham e ela mastiga o interior de sua bochecha com a minha admissão, tentando manter suas emoções sob controle. Eu sei que a verdade da situação é crua para ela. Uma ferida aberta. Mas ela precisa ver tudo. Ela tem que aceitar tudo pelo que é.

"Em vez disso, não há dúvida de onde eu estou quando se trata de você. Eu gostei de Stephan. Uma vez traidor, sempre traidor. Mas dando sua morte para você, permitindo que você tenha vingança? Isso falou mais palavras do que eu percebi que faria."

Seu rosto se contorce com a dolorosa lembrança e então ela abaixa a cabeça, evitando meu olhar e esfregando sua bochecha contra seu ombro. Ela empurra

o cabelo para fora do rosto e quando ela fala, ela não olha para cima.

"Mas você ainda vai..." Ela não se incomoda em terminar sua pergunta. Eu sei que ela já sabe. Ela vai aceitar isso.

"Seu pai não merece o que ele tem. Ele não é metade do homem que Romano é. E Romano é uma desculpa patética para o seu título. Eles vão morrer. Junto com todos que lutam por eles."

"Por favor. Nem todos. Eu farei qualquer coisa." Suas palavras são ditas com convicção e ela levanta seus olhos avelãs para encontrar o meu olhar escuro. "Você quer que eu me ajoelhe a seus pés? Eu vou me ajoelhar."

Ela ainda não entende. E meu coração dói por ela.

"E se eu quisesse que você ficasse ao meu lado?" Eu pergunto a ela, meu coração disparado no meu peito. É um risco dar a ela mais tempo. Toda vez que faço, ela não consegue lidar com isso. Mas preciso que ela saiba o que eu realmente quero dela. O que eu desejo mais que tudo.

"Você se elevaria sobre mim," ela responde.

"Não é assim que funciona, passarinho. E não é o que eu quero. Você só teve asas quebradas, mas eu posso te mostrar o que é a verdadeira liberdade."

"Você ainda vai matar minha família?" Ela me pergunta como se essa resposta fosse o fim de tudo.

"Eu vou fazer uma série de coisas que você desaprovará. Você precisa aceitar isso." Minha resposta é dura, não deixando espaço para qualquer intolerância. "Eu não sou um bom homem."

"É assim que seria ficar do seu lado? Não ter controle e simplesmente aceitar o que você faz?" Estou surpreso com a resposta dela, mas ansioso para discutir os termos.

"Em alguns assuntos, você nunca terá controle e terá que aceitar o que eu escolher. Se você quer ou não saber sobre eles, é uma decisão sua." Eu sei que parte de seu desespero é porque ela sabe de tudo, mas é uma vítima com pouco recurso.

"Sinto muito que você saiba tão pouco," eu digo a ela e então quase retiro, pensando que ela vai levá-la ofensivamente e não é isso que eu pretendia.

Ela não faz, embora. Em vez disso, ela quebra, mostrando-me o lado dela que eu amo. A vulnerabilidade bruta.

"Eu não quero essa vida," ela sussurra, empurrando lentamente a arte para que ela possa descansar a cabeça contra o tapete. A luz do fogo lambe sua pele.

"Nós não podemos escolher," eu a lembro. Eu já disse a mim mesmo tantas vezes que eu gostaria que as coisas

fossem diferentes, mas você vive a vida que você construiu.

"Você está errado," ela me diz como se ela tivesse outra opção.

"Você ama o que eu faço para você? Como eu fodo essa linda boceta e te forço a gritar meu nome?" Eu sou rude e duro com a minha pergunta.

Ela não me responde, mas ela não precisa.

"Não, você não tem escolha. Eu tive uma escolha uma vez. Eu escolhi errado."

"Você vai se cansar de mim," ela sussurra, seus olhos aparentemente vazios, mas as profundezas deles abrigam a dor. "Um dia não serei um brinquedo novo e brilhante. Um dia, você vai querer alguém para lutar com você e eu não terei mais nada em mim." Lágrimas se acumulam nos olhos dela. "Um dia, a ideia de empurrar seu pau dentro de mim não vai te interessar nem um pouco."

Ela não tem ideia de como está errada. Eu só estou ficando mais obcecado por ela. Quebrando todas as regras para satisfazê-la.

Arriscando tudo para curar os pedaços quebrados dela, que ela se recusa a reconhecer.

Eu nunca vou deixá-la ir porque ela não é um brinquedo. Ela não é um desafio. Ela não é a droga que

ela acha que é e ama secretamente ser.

"Você vai me deixar ir então?"

"Nunca."

Ela se vira para encarar o fogo e eu sussurro para ela: "Você está tão errada, Aria. Se você não estivesse tão determinada a me odiar, você veria."

"Você me dá todos os motivos para te odiar," ela me diz. No reflexo do espelho acima da lareira, vejo o fogo dançando em seus olhos.

Ela nunca saberá o quanto suas palavras me magoam. Ou talvez ela faça, e é isso que ela procurava.

"Por que você está fazendo isso comigo? Por que eu?" Ela me pergunta em um único suspiro e eu ofereço a ela uma verdade singular em troca.

"Seu pai colocou uma série de eventos em movimento," eu respondo, lembrando da noite em que seus homens me tiraram da rua.

Lembro-me de como as pílulas se derramaram na sarjeta, enquanto batiam os punhos no meu queixo e caí no cimento frio. Com ela, só vejo o que vem pela frente. Mas ela foi pega no passado. E é isso que vai nos destruir.

"Então, é culpa do meu pai?" Ela me pergunta com uma tristeza nos olhos, como se eu tivesse roubado alguma fantasia.

"Não, é minha." Minha confissão confunde-a por um momento, mas antes que ela possa dizer qualquer outra coisa, continuo.

"Eu pensei que eu te amava," Eu digo a ela com uma dureza amarga que obriga as palavras a soarem violentas na minha língua. Seus olhos se arregalam quando ela se vira para trás e olha para mim. Sua postura muda para de uma presa, percebendo que tropeçou em seu pior inimigo. O choque em seus olhos me estimula a empurrá-la mais longe. Para ela perceber o homem que eu realmente sou.

"Por um longo tempo depois que eu saí de casa, quando eles me chutaram de volta para a rua depois de me brutalizarem, eu pensei que amava quem pertencia à doce voz que impediu que ele me matasse." A expressão de Aria muda para medo e conhecimento.

Eu digo a ela para quebrar todos os pensamentos que ela tem de amor. E quaisquer pensamentos que eu tenha sobre isso. A fraqueza me esmaga quando digo a ela o que costumava pensar. O que eu esperava que isso acontecesse quando apunhalei a faca em sua foto e disse a Romano para trazê-la para mim.

"Eu sabia que odiava seu pai e acabei odiando tudo. Eu te odiava por me deixar viver." Aria está em silêncio, esperando ansiosamente para ver o que mais direi.

"Estou condenado ao inferno. De todos nesta terra, Deus sabe que eu mereço queimar. E é porque eu fui autorizado a viver. É por causa de você."

"Não tem nada a ver comigo. Meu pai..."

"Tem *tudo* a ver com você," eu digo a ela, sentindo a raiva do memorando assumir. "Você foi a única que bateu na porta e implorou ao seu pai. Eu fui tão tolo. Por um longo tempo, eu pensei que quando você estava chorando, 'eu preciso de você', que de alguma maneira fodida, você estava chamando por mim."

Quando eu dou outro passo para mais perto dela, a selvageria retorna aos olhos de Aria, o medo que eu conheço e o amor gira dentro deles. Sua boceta ainda está sentindo o prazer que eu dou a ela, enquanto seu coração bate com o medo de mim.

"Eu não..." Ela começa a protestar, e eu a paro.

"Você é o passarinho que atraiu a criança para fora da segurança até que ele caiu em um buraco negro do qual ele nunca poderia sair. E ainda, o pássaro canta tão lindamente, provocando a criança quando ele se torna um homem duro e odioso, preso em um inferno que ele não sabia que estava chegando. Você sabe o que esse homem sonha mais do que tudo?" Pergunto a ela, lembrando-me do momento em que minha gratidão mudou para ódio pela garota que está sentada na minha frente.

Ela mal balança a cabeça, sem tirar o olhar de mim.

"Primeiro por sair, por mais tempo, procurar apenas uma maneira de sair. Mas quando ele percebe que não pode, que não há como mudar quem ele é e onde ele está condenado, ele procura pelo passarinho. Ansioso para capturá-lo. Apenas para silenciar a música para sempre. É por isso que eu queria você."

Eu me inclino para frente, prendendo-a com o meu olhar quando digo a ela: "Aria, isso foi antes de eu segurar você. Não importa o quanto você escolha me odiar, eu juro que nunca vou deixar você ir. Você significa muito mais para mim do que eu ousaria admitir para qualquer um."

ARIA

Batida na porta.

O fogão funciona com a chama lambendo do queimador e eu o viro para médio antes de colocar a panela de água sobre ele.

Eu não posso superar a confissão de Carter.

Eu nunca iria para a propriedade onde meu pai faz o seu negócio. Minha mãe morreu no segundo andar naquela casa e eu juro que ainda posso senti-la lá.

Tudo o que ele acha que aconteceu, não aconteceu.

Nunca interrompi o trabalho do meu pai nem tentei estar perto de seus negócios. Eu nunca bati na porta. Eu nunca chamei que eu precisava de alguém para qualquer coisa.

Eu não ousaria.

Carter escolheu errado. A mulher que chamou por ele e o salvou... ela não era eu.

Eu não sou seu passarinho atraindo-o para a floresta. Eu não sou a garota que ele achava que amava, mas que cresceu odiando.

Nunca deveria ser eu.

O vazio que senti desde que ele me deixou lá na sala sozinha, é inexplicável. Eu deveria estar feliz. Eu deveria dizer a ele como ele estava errado em me levar. Devo confessar que a voz que ele ouviu não me pertence. Em vez disso, engulo o segredo sombrio e deixo-me sufocar quando vejo a panela de água ferver.

"O que você está fazendo?" Daniel me pergunta e interrompe meus pensamentos. "Porra, você parece um inferno," diz ele, coçando a parte de trás de sua cabeça. De pés descalços, jeans desbotados e uma camiseta branca simples, ele parece relaxado, mas não consegue esconder o esgotamento em sua expressão.

"Idem," digo a ele e coloco as batatas na panela. Já cortei tudo o que preciso para fazer salada de batata. Agora, eu apenas espero. Minha mãe costumava fazer a melhor salada de batata. Eu juro que é melhor no dia seguinte, uma vez que fica na geladeira por uma noite inteira.

Eu não estou com fome em tudo. Estou simplesmente passando pelos movimentos, fingindo que a verdade da minha situação não destrói cada fibra dentro de mim.

Daniel abre a geladeira enquanto eu pego os últimos pedaços. Com a porta aberta e seu rosto escondido de mim quando ele pega algo, ele me pergunta: "Quer falar sobre isso?"

Um sorriso genuíno, mas triste, puxa meus lábios.

"Você quer falar sobre *seus* problemas?" Eu pergunto de volta.

"Eu perguntei a você primeiro," diz ele com uma pitada de humor, fechando a porta e revelando um jarro de suco de laranja.

"Você soa como seu irmão," digo-lhe distraidamente.

"Bem, merda," ele me diz, puxando um copo. Ele bate no balcão enquanto ele sorri para mim. "Não me ofenda e vá embora, Aria," ele brinca, e eu deixo a pequena risada borbulhar, embora soe subjugada e fútil.

Eu agito as batatas duras mesmo sabendo que não preciso. Mas eu esqueci completamente o temporizador, e a realização me faz inclinar para frente para iniciá-lo.

Com o sinal de que está sendo definido, e os números em contagem regressiva, eu dou um passo para trás e me inclino contra o balcão.

"O que ele fez desta vez?" Daniel me pergunta, espelhando minha posição enquanto ele se inclina do outro lado.

"Nada de novo," digo a ele e a honestidade nessas palavras é o que mais magoa.

O sorriso suave que permaneceu em seus lábios desaparece com a minha resposta, e então eu me

concentro nos números, observando-os como se eu pudesse acelerá-los se eu olhasse com força suficiente.

"Por que ele não me deixa sair?" Eu pergunto a ele em um sussurro.

Porque ele acha que você é outra pessoa. Alguém que o salvou.

Minha garganta seca e minhas palavras racham quando digo a ele: "Isso não está certo."

Ele fica em silêncio por um longo tempo, com apenas o som da água começando a ferver novamente.

"Porque ele se importa com você," Daniel finalmente diz, e eu o olho nos olhos, deixando-o ver o efeito real que Carter Cross tem em mim.

"Que maneira de mostrar isso. Matar minha família é apenas a cereja no topo." Minha resposta sarcástica faz a expressão de Daniel endurecer.

"Eu tenho algumas opiniões sobre seu pai," ele me diz baixinho, em um tom que eu não ouvi dele ainda. Meu coração bate uma vez e sou forçada a olhá-lo nos olhos. "Eu vou mantê-las para mim mesmo," ele me diz e, em seguida, abre a geladeira para colocar o suco de laranja de volta.

Sem dúvida, ele pode me deixar. Então ele não precisa tolerar minha auto piedade.

"E quanto a todo mundo? Todos que eu já conheci e amei?" Eu mal posso respirar enquanto eu o empurro para justificar.

"Se você soubesse a verdade," ele me diz, olhando para mim depois de fechar as portas da geladeira, "você não vai culpá-lo." Há tanta sinceridade nele que quase questiono minha determinação.

"Não é só meu pai. Então, posso e vou culpá-lo," respondo desanimada, embora esteja indecisa sobre se acredito ou não em minhas próprias palavras. Quando olho para Daniel, meu coração dispara caoticamente e meu corpo congela.

Addison entra lentamente na cozinha, olhando de Daniel para mim antes de me oferecer um pequeno sorriso.

Não consigo respirar e não sei o que fazer. Ansiedade fica na minha pele quando ela me aceita. Meu cabelo está molhado do chuveiro e estou vestindo uma camisa de dormir. Eu sei que meus olhos mostram a falta de sono e eu pareço uma bagunça.

Mais do que isso, sei que Addison não sabe quem eu sou. Ela é normal. Ela não é forçada a ficar aqui como eu. Não da mesma maneira, pelo menos.

Daniel joga muito melhor do que eu, envolvendo o braço em torno de Addison e dando-lhe um beijo suave

que força seus olhos de volta para ele.

Deslocando meu peso, eu olho para o cronômetro e considero apenas sair. Eu não sei o que eu diria a ela se eu pudesse olhar nos olhos dela agora.

Oi Addison, eu sei tudo sobre você e sei que você não sabe nada sobre mim. Eu sou a prostituta do Carter e ele vai matar toda a minha família em breve, então eu não tenho permissão para sair. Prazer em conhecê-la.

Embora isso não seja verdade. Ele admitiu que eu significo mais para ele. *Mas é porque ele pensa que sou outra pessoa.* Eu nunca senti mais vergonha do que agora. Toda vez que me lembro de suas palavras, quero chorar. Porque ele nunca irá me querer e no momento em que ele descobrir a verdade, ele me jogará fora.

"Addison," a voz de Daniel quebra meus pensamentos rancorosos quando ele diz: "Esta é Aria. Ela está com o Carter."

Ela está com o Carter.

Suas palavras ecoam em minha cabeça enquanto Addison sorri docemente, empurrando uma mecha de cabelo atrás da orelha e me dando um pequeno, mas amigável sorriso, enquanto permanece onde está. "É bom conhecer você," ela diz gentilmente, embora ela olhe para Daniel, sem dúvida, se perguntando o que há de errado comigo.

"Oi," eu ofereço uma única palavra e murmuro. Eu não estou *com* Carter. Eu estou contra ele. Exceto, é claro, quando estou me contorcendo debaixo dele.

"Ela está tendo um dia difícil," ele diz a ela suavemente. Meu coração bate do jeito que dói. A maneira que faz parecer que é uma bola apertada que precisa de ar e sem ela, só fica mais apertado.

"Desculpa." Eu engulo e digo a ela: "Geralmente não sou tão estranha." Eu rolo meus olhos e forço uma gargalhada para aliviar a tensão.

"Você não é estranha," diz ela e balança a cabeça com as minhas palavras. "Parece que você está tendo um dia difícil. Isso é totalmente razoável," ela acrescenta com as mãos balançando na frente dela. "Nenhum julgamento aqui."

Eu tenho a sensação de que Addison está solitária em seu tom, em sua falta de jeito. Ou talvez eu esteja apenas projetando o que eu sinto.

"Vamos voltar," diz Daniel e a tensão na minha garganta cresce. Pelo menos eu consegui conhecê-la e ele disse que estou com Carter. É respeitável. Bem... para alguns. Tenho certeza que ela é.

"Claro," ela diz a ele suavemente, com uma resposta tão baixa que é só para ele, mas então ela levanta a voz e fala para mim.

"Você quer vir comigo para a academia amanhã?"

Eu pisco com a pergunta dela. Estou surpresa com isso e não sei o que dizer.

"Eu acabei de tomar um banho, então..." Ela começa a dizer e então balança em seus calcanhares, envolvendo seus longos cabelos ao redor do seu pulso nervosamente.

Não sei se posso falar com ela sozinha. A raiva aumenta dentro de mim. Eu não preciso de permissão. E um dia ela saberá o que sou e porque estou aqui. Eu não posso esconder isso para sempre. Então o que ela vai pensar de mim?

"Eu não sei," eu ofereço a ela. Meu olhar cintila para Daniel, mas ele se posiciona facilmente como Addison como se nada estivesse errado. Como nada disso fosse anormal. A maneira como os meninos Cross fazem.

"Vamos, podemos beber vinho enquanto fazemos. É bom," ela diz brincando. "Eu nem gosto de malhar," ela diz e então olha para Daniel enquanto eu procuro permissão, mas não estou esperando por nenhuma. "Mas estar trancada aqui está me matando e é pelo menos algo diferente para fazer."

Eu assisto a felicidade drenar dela e o sorriso só ficando onde está porque ela está forçando isto. "Se você quiser companhia, eu realmente poderia ter um tempo de menina," diz ela suavemente e, em seguida, revira os

olhos como a emoção joga em seu rosto. "Desculpe," ela bufa, balançando a cabeça e se inclinando para Daniel enquanto ele a abraça. "Estou tendo um dia ruim também."

"Eu posso malhar," eu digo a ela imediatamente, dizendo o que ela quer ouvir só para tirar sua dor. Eu mordo meu lábio enquanto meu coração dispara, me perguntando se Carter vai me impedir de ir.

"Eu não sou uma corredora," eu a aviso, tentando aliviar o clima e forçar um pequeno sorriso aos meus lábios.

Uma felicidade genuína ilumina seu rosto e ela acena com entusiasmo. "Oh, sim, com certeza." Ela ri um pouco e respira facilmente. "Se você me ver correndo, você deve começar a correr também porque tem alguém atrás de mim tentando me pegar," brinca e não vê como Daniel responde. Como seus lábios se abaixam e, em seguida, pressionam em uma linha fina. Ela é alheia a isso, mas quando ela olha para ele, ele é rápido para esconder isso. Para lhe oferecer um beijinho e depois me dizer, embora ele ainda esteja olhando para ela. "Estou surpreso que ela esteja usando a academia."

Ela encolhe os ombros e aponta: "Não há muito o que fazer."

"Nós poderíamos apenas beber na adega?" Eu ofereço, agarrando de uma maneira para torná-lo mais aceitável.

Carter sabe que eu vou para a adega, então se Addison por acaso for para lá, ele não poderia me culpar por isso. Bem, ele poderia. Ele provavelmente encontrará um jeito de impedir que isso aconteça.

"Isso soa perfeito," ela me diz com um largo sorriso. Daniel a arrasta para longe assim que o cronômetro apaga no fogão.

Com um sorriso genuíno e um aceno curto, ela diz docemente: "Vejo você amanhã."

É meigo da parte dela, mas não tenho ideia se vou.

Vendo o quão cega ela é para tudo, lembro-me de quão pouco eu sabia na casa do meu pai. Mesmo sendo alheia a todo o resto, ela ainda tem um sorriso triste. Eu acho que não há muita diferença entre saber a verdade e ser cega para isso. O efeito ainda é o mesmo.

CARTER

Ela está tão perdida, minha Aria. Eu não posso tirar meus olhos dela enquanto ela olha para o edredom, as pontas dos dedos mal o roçando antes de puxar os lençóis para trás. Sua expressão é uma mistura de emoções. Tristeza, confusão, o mais leve indício de raiva. À medida que os segundos passam, seu peito se libera, e a luxúria de saber o que está por vir toma conta. Mas sua sobrancelha permanece franzida enquanto a cama geme com seu pequeno peso e os lençóis rangem.

Eu não acho nem por um segundo que ela tenha superado a raiva dela, mas não é tão crua como há horas atrás, deixar tudo em que ela estava ontem. Eu ainda não sei o que a colocou na porta da frente, mas vou descobrir. Ela não pode se esconder de mim para sempre e eu não compro essa besteira de que não havia nada em particular. Eu assisti as câmeras de vigilância e voltei novamente. Algo aconteceu. Eu só não sei o que.

Eu solto minha pulseira, sentindo a escova de metal escorregadia contra o meu pulso antes de colocá-lo de volta em seu lugar na gaveta. Meu olhar ainda está preso em Aria, que está olhando para qualquer lugar, menos de volta para mim, seu dedo mexendo no colar dela. Outro segundo, outro suspiro pesado.

A guerra interna está diminuindo, mas a guerra deixa vítimas, e eu sei que ela está registrando tudo que perdeu e o que restou da mulher que ela foi uma vez. Eu vejo como ela engole, seu peito subindo e sua respiração acelerando.

Ela está tão perto de dar tudo para mim. Tão, porra perto.

Ela nem vê isso.

"Você não pode ficar com raiva de mim para sempre," digo a ela enquanto eu puxo minha camisa sobre a minha cabeça, agarrando-a pela parte de trás do colarinho.

Eu chuto minhas calças e me preparo para me juntar a ela na cama, imaginando se ela vai ficar tensa quando eu envolver meus braços ao redor dela. É justo que me ofereça toda noite quando ela faz isso. Tenho mais do que certeza de que mereço uma punição mais dura.

"Você sabe que Addison falou comigo hoje?" Ela me pergunta com uma ponta de ansiedade em vez de reconhecer o que eu disse. Ela não parece ter assumido minha confissão no coração mais cedo, mas ela está mais protegida agora do que antes. Talvez ela não se lembre, mas eu acho que isso mudaria algo entre nós. Para o melhor.

Meus lábios se contraem com a sugestão de um sorriso fingido. "Eu sei," eu digo a ela, e ela finalmente olha para

mim com uma expressão suplicante.

"E?" Ela pergunta com uma curiosidade clara, mas o desespero pesa mais.

"E o que?" Eu pergunto a ela como se não pudesse compreender sua linha de questionamento. Addison sabe quem eu sou, e eu concordo que esta situação é menos que moral, mas se ela soubesse a verdade, ela ainda amaria meu irmão. Ela ainda seria da família. Ela vai me perdoar. Os pecados de Daniel foram substanciais e ela o perdoou principalmente.

"Você vai me deixar ir?"

Seu lábio inferior oscila, mas ela espera pacientemente enquanto eu deixo cair a minha mão na dela, pensando cuidadosamente nas minhas próximas palavras.

"Você vai gostar de Addison," digo a ela genuinamente. "Eu não vou parar você e não vou estar lá para controlar você. Eu também não tenho interesse algum nisso."

"Então, você não se importa?" Ela questiona.

"Eu me importo, mas não da maneira que você pensa. Por que eu iria querer impedir vocês duas de se conhecerem?" Eu pergunto a ela e acrescento: "Meu irmão também não quer. Vocês duas devem se conhecer." Não percebo como estou ansioso para ouvir o que ela diz a Addison e se ela confia nela ou não.

"Eu poderia dizer a ela que você está me fazendo refém, que você me prendeu em uma cela por semanas..." Ela me responde com uma sobrancelha levantada, embora ela não possa esconder a tristeza que ainda perdura em sua expressão. Eu posso ver tão claramente que a própria ideia de como nos tornamos o que somos agora a tortura.

"Você realmente quer trazê-la para isso?" Eu pergunto a ela incisivamente. "Ela está tendo dificuldades, e você e eu sabemos que ela não reagiria bem a isso."

"E se eu disser algo que eu não deveria?" Ela sussurra baixinho com preocupação genuína. Observo enquanto ela pega o cobertor, claramente no limite com a prospecção de dizer algo que causaria mais problemas à nossa situação já delicada.

"Não," é a única resposta que tenho para ela. "Tenha cuidado com o que você diz."

O silêncio se estende por um momento e eu a considero.

"Talvez seja melhor que você esqueça tudo isso por um momento, e apenas fale com ela como você faria com qualquer outra pessoa há um mês."

Eu tenho que ser tão delicado com ela... Sempre tão delicado. Ela não responde, embora o cuidado na ponta dos pés em torno de suas palavras escapa enquanto ela se ajusta sob as cobertas.

"Temos outros assuntos para discutir," digo a ela enquanto meu polegar corre ao longo do restolho da minha mandíbula.

Embora ela acene com a cabeça, um suspiro pesado a deixa de um jeito desconcertante, o sono aparecendo em sua expressão. Ela está sobrecarregada e exausta. Nenhum de nós dormiu na noite passada. Mesmo depois de chorar metade da noite, ela acordou a cada hora.

"O que aconteceu ontem não pode acontecer novamente. Você tem uma escolha. Você pode tomar sua punição agora, ou pode tê-la depois do encontro com Addison."

Seu corpo fica tenso e ela se esforça para formar palavras, seus lábios se separando e estrangulando a respiração tomando o lugar de qualquer que seja sua pergunta.

"Você não vai me mandar de volta para a cela então?" Ela finalmente pergunta, sua voz tão tensa quanto seu corpo está rígido.

"Isso não faria bem a você." Eu envolvo meu braço ao redor dela, reconfortando ela e deixando um pequeno beijo no alto da sua cabeça. Eu sussurro: "Eu te disse, você não deveria ficar sozinha. Essa punição é para nos beneficiar. Eu prometo a você," eu digo a ela e sinto o peso de tudo que aparece em meus pensamentos.

Eu posso vê-la engolindo suas palavras. Praticamente lendo sua mente, posso ver como ela quer me dizer que seria melhor se eu deixasse essa guerra ou a deixasse ir, mas ela não se atreve a falar.

"O que é isso?" Ela me pergunta.

"Eu ainda não decidi," digo a ela honestamente.

"Amanhã então," ela me diz suavemente com a derrota em sua expressão e isso me despedaça, mas amanhã ela vai ver.

"É assim que sempre será?" Ela pergunta. "Eu faço algo que você não gosta, e eu sou punida por isso e depois fodida até que eu esqueço que eu te odeio?"

Eu não digo que ela quis dizer que sua pergunta é engraçada, mas uma risada curta faz meu peito tremer. Correndo meus dedos pelo seu braço, eu decido lhe dizer mais, para estabelecer limites. Mas com eles vem novas regras.

"No quarto, quero que você obedeça. Em qualquer outro lugar," meu sangue bombeia mais e mais quando eu termino, "eu quero você como minha."

"Há uma diferença?" Ela pergunta fingindo sarcasmo. Essa boca dela vai colocá-la em apuros. Sua desobediência não deveria me tornar tão difícil quanto isso. Por mais que eu ame, amanhã ela será punida. Não há dúvidas sobre isso.

"Você já sabe que existe," eu digo e, embora minha voz saia profunda e agourenta, tento aliviá-la. "É hora de um novo jogo, Aria."

"Sem jogos." Sua voz se eleva, e ela tem que abaixá-la antes de acrescentar: "Eu terminei de jogar com você, Carter."

"Você nunca vai acabar comigo." Minhas palavras sussurram contra sua pele. "Você já sabe disso."

Suas unhas se enterram nos lençóis, puxando-os com mais força enquanto ela continua a evitar olhar para mim. Eu sei porque ela não quer conhecer o meu olhar aquecido. Isso fará com que ela se encha de desejo também. Ela não pode negar o que sente por mim e quanto poder está na tensão entre nós. O empurrão e puxão que me deixa louco faz o mesmo por ela. A diferença é que posso admitir isso. Mesmo que isso me destrua, eu posso admitir o que ela faz comigo.

"O que você quer?" Ela me pergunta, embora ela olhe para frente, sua expressão plana e indiferente. "Diga-me o que você quer de mim," diz ela, e um pico de raiva toca em seu tom. "Diga-me o que significa ser sua," ela pergunta com os dentes cerrados e eu apenas olho para ela. Ela já sabe. Nós dois sabemos que ela sabe exatamente o que isso significa.

"Aqui você me fode... você me pune como você fez antes." Eu não perco como o olho dela escurece enquanto

ela olha ao redor da sala, olhando para onde eu a espancava, fodi a garganta, a fazendo gozar mais do que ela já teve antes.

"Sim," eu digo a ela e vejo suas pupilas se dilatarem e suas pernas se deslocarem para aliviar um pouco do calor que cresce entre suas pernas.

"E o que você espera do lado de fora desse quarto?" Ela pergunta e quando ela faz, sua voz vacila. Ela sabe o quanto está em jogo.

"Que eles temam você." Seus olhos piscam para os meus e de repente meu passarinho está muito interessada. Eu continuo: "Da mesma maneira como eles me temem."

Ela ri um som triste e patético, rasgando o olhar de mim enquanto balança a cabeça. Seus lábios macios se separam, mas nenhuma palavra sai e, em vez disso, ela continua a sacudir a cabeça e olha para a maçaneta da porta do banheiro do outro lado da sala. Olhando para qualquer lugar, menos para mim.

"O medo é fácil de alcançar," digo a ela o simples fato. E isso é verdade. Mantê-lo é a maldição que nunca se desvanece. Mas eu posso suportar o peso desse fardo. Ela só precisa desempenhar o papel. Eles têm que acreditar.

Ela balança a cabeça suavemente como se eu não entendesse. Ela me diz: "Eu quero desenhar. Talvez tenha

um estúdio um dia. Essa é a minha ambição. Ou vender algumas das minhas peças para pessoas que as amariam do jeito que eu gosto. Quero que eles sintam o que sinto quando olham para elas." Eu posso ver a luz de esperança em seus olhos enquanto ela me conta seu sonho, eu nunca saberia do contrário. Eu posso dar isso tão facilmente. Tudo o que ela tinha que fazer era me dizer. "Essa é a única coisa que eu sempre quis além de ser feliz. Ter uma família e fazê-los felizes."

Uma família.

Eu posso dar-lhe isso também, e o pensamento dela inchada com o meu filho me faz forçar um gemido de desejo na minha garganta. Fechando meus olhos, eu me lembro que ela precisa de tempo. Tudo em bom tempo. Quando a guerra acabar, tudo vai mudar.

Abrindo meus olhos, eu pergunto ela, "E o que isso tem a ver com o que eu pedi de você?" Minha pergunta a pega desprevenida. "Você esquece o mundo em que vive." Uma família, uma galeria. Tudo é tão facilmente atingível. Mas só quando tivermos controle. E isso requer medo. Eles *devem* temê-la.

Eu pergunto a ela: "Você quer aquele estúdio? Uma galeria? Crianças, Aria? Acha que só o seu nome não colocaria um alvo nas suas costas?" Ela recua com a pergunta e eu posso ver a dúvida e preocupação brincando em seu rosto. Seus lábios se abaixam quando a

respiração dela aumenta. Não importa se Aria está ao meu lado ou não. No minuto em que ela recebeu o nome de Talvery, toda a sua vida estava em risco.

"Qualquer coisa que lhe dê orgulho ou felicidade é uma fraqueza esperando para ser explorada. Mas só se alguém se atrever a atravessar você. E Aria, se você não notou, a façanha que eu fiz na outra noite vai levar sussurros do que você significa para mim. E isso faz de você uma fraqueza muito maior para explorar do que você jamais foi para seu pai."

"Então, é isso que eu sou? Uma fraqueza?"

A tensão cresce entre nós enquanto sua expressão se suaviza, mas permanece crivada de curiosidade. Ela sussurra uma pergunta que eu sei que a tortura. Eu vejo seus lábios macios quando ela pergunta: "O que eu significo para você? *Eu não sou a garota que você pensou que eu era.*"

Eu repasso as palavras dela que uma de suas maiores ambições era fazer sua família feliz, sentindo meu batimento cardíaco lento como se o tempo fosse forçado a parar para eu pensar em como responder a ela.

A mera ideia de garantir a felicidade dela está se tornando uma ambição maior para mim do que qualquer outra coisa jamais foi. Se eu falasse essas palavras para ela agora, ela riria na minha cara. Ela não vê o que vejo. Ela não sabe o que eu sei. Eu nunca poderia dizer a ela.

Eu não tenho as palavras mesmo se ela estivesse pronta para elas.

Ela não tem o perdão para me oferecer pelo que eu a fiz passar e pelo que eu vou colocá-la.

Ela não acreditaria em mim se eu dissesse a ela que isso é para ela. Isso é tudo para ela. E se ela fizesse, ela ainda usaria isso contra mim. Ela nem percebe a mulher que ela pode ser. O desafio e teimosia que faz sua perfeição em meus olhos.

"Eu vou te mostrar o que você significa para mim, Aria." Minha voz é áspera e profunda, mas contém apenas sinceridade. "Até então, o novo jogo começou. Esse quarto é para te foder, te punir e te dar prazer além da imaginação. E fora desse quarto, você será minha e exigirá respeito e ganhará o medo que lhe é devido."

Seus olhos verde-avelã se enchem de algo que eu ainda tenho que entender.

"Carter Cross," ela sussurra meu nome. "Eu não sei se sou a mulher que você pensa que sou." Suas palavras são gravadas com tristeza, como se ela realmente acreditasse no que ela diz.

Eu me inclino mais perto dela, descansando meus lábios contra seu ombro e correndo a ponta do meu nariz ao longo de sua pele. Meus lábios acariciam sua

mandíbula, onde a beijo rapidamente e, em seguida, belisco o lóbulo de sua orelha.

Eu sussurro ao longo da sua orelha, observando arrepios formados por seu ombro e por seu peito, lambendo seus mamilos. "Você tem muito a aprender e muito a aceitar, mas Aria," eu abro meus olhos para olhar para ela antes de continuar. "Eu sei que você não vai me decepcionar."

Meu olhar focado em seus lábios, eu falo mais para mim do que para ela: "Está tudo levando a isso."

ARIA

Eu tenho três horas e uma única garrafa de vinho. Eu deveria ter pegado uma segunda garrafa, sabendo que Carter estará esperando por mim em seu quarto quando este encontro terminar.

Há uma tensão no meu peito, um leve brilho de vida no meu coração com os nervos do que está esperando por mim.

A ideia de correr de volta para a sala de refúgio flutua em minha mente de vez em quando. Carter sustentou sua palavra de que ele não viria para mim na primeira vez que eu fugi para lá, mas quais são as chances de ele fazer isso de novo? Se eu tentar evitar o castigo e ele, tenho a sensação de que tudo só vai piorar. Há uma única coisa que agradeço embora. Alguém para conversar e alguém que não sabe o que estou passando. Sou grata a Addison, mesmo que ela não tenha ideia. Na verdade, sou grata por ela não ter ideia.

Tirando a rolha da garrafa, eu paro de fingir como me esconder faria qualquer coisa. Eu posso temer Carter às vezes, junto com os pensamentos de punição, mas há um pedaço mais escuro da minha alma que anseia por isso.

Eu não posso negar a ideia de ser fodida na garganta ou amarrada pelo homem mais poderoso que eu já

conheci, tem todas as terminações nervosas no meu corpo acesas como um fusível esperando para sair.

Mesmo enquanto eu sirvo o vinho, ouvindo o som disso, penso em todas as maneiras pelas quais Carter já me puniu antes. Quão quente e ansiosa ele me deixou por mais enquanto ele tocava meu corpo contra minhas emoções. Mesmo assim, estou entorpecida com tristeza.

Isso não faz sentido. Salvo o fato de que meu coração está realmente rasgado e em desordem.

O líquido escuro se agita quando eu coloco a garrafa no chão e levanto o meu copo para os meus lábios, respirando a mistura escura para encher meus pulmões. Talvez eu realmente tenha perdido tudo. Talvez eu esteja louca neste momento.

Eu preciso de algo para dar. Tudo está prestes a desmoronar diante dos meus olhos e fora do alcance. Mas como faço para mudar alguma coisa? O que eu realmente preciso é de misericórdia de um homem sem coração morto em vingança.

"Aí está você," eu ouço Addison antes de vê-la e meu coração tenta pular na minha garganta, batendo caoticamente como se estivesse em um ato indescritível.

"Hey," eu suspiro e minha voz vacila. O vinho no meu copo balança de ser empurrado e para estabilizá-lo, eu seguro a haste com as duas mãos.

"Esse tipo de coisa parece um encontro às cegas, não é?" Addison brinca com um sorriso genuíno. Seu humor melhorou muito desde ontem. Ela quase parece uma pessoa diferente do que eu já vi antes.

Despreocupada e animada. Há uma doçura nela e o ar ao redor dela quando ela entra no cômodo. Sem hesitar, ela pega uma taça e enche.

"É o tipo," eu concordo com uma risada seca e um meio sorriso e o constrangimento diminui. Minhas mãos estão úmidas enquanto ela levanta o copo para as mãos e eu faço o mesmo.

"Por novos amigos." Ela inclina a cabeça com o mesmo sorriso em seus lábios, mas é mais suave quando o vidro bate.

Suspirando, ela se acomoda no sofá, fazendo-se confortável. "Eu só estive nesta sala uma única vez," Addison começa a falar, embora ela não esteja olhando para mim. Ela coloca as pernas para baixo enquanto coloca a taça na mesa e olha para uma foto em preto e branco emoldurada à direita da lareira. "Carter queria me mostrar que ele tinha pendurado minhas fotos," ela diz baixinho e depois olha para mim. "Eu acho que ele só queria me fazer sorrir e me sentir bem-vinda, sabe?"

Minha sobrancelha levanta em surpresa. "Estas são suas?" Pergunto a ela, achando a conversa uma distração maravilhosa para o bem da emoção que constantemente

me puxa para a maré de depressão que estou sentindo. A ideia de Carter fazer qualquer coisa por ela apenas para fazê-la feliz tem perguntas à deriva na minha mente, mas eu as afasto. Nenhum pensamento de Carter ou qualquer outra coisa. Eu provei a mim mesma que sou incapaz de processar tudo.

A cada poucos minutos, meu humor mudou hoje. Se eu penso em Nikolai e sua execução iminente, meu pai e o que ele fez com Carter e os irmãos Cross, o fato de que ele não veio para mim, ou o próprio Carter e as coisas cruéis que ele diz e os assassinatos que ele planejou.

No entanto, a perspectiva de cair em seus braços para acalmar todas as torções e reviravoltas dolorosas que esta semana me deu, de alguma forma obscurece meu julgamento e é aí que quero ficar. Aceitando um compromisso e virando as costas para a realidade.

Talvez seja por isso que estou começando a me odiar. Sim, eu realmente acho que estou ficando louca. E eu culparia Carter se eu pudesse lembrar o que ele fez e o que ele planeja fazer quando ele me beijar e tirar toda a dor.

"Todos eles, exceto esses dois," diz ela e aponta duas pinturas abstratas de aquarela atrás de nós que ficam na entrada da adega. Puxando minha saia para baixo, limito minha garganta e sorrio. O tipo de sorriso que eu dei aos outros antes, quando sei que é isso que eles esperam ver.

Às vezes esse sorriso se transforma em um genuíno, e é isso que eu espero que isso se transforme. Eu oro que seja assim.

"Você é muito talentosa." Eu tenho que admirar o trabalho dela novamente. Não é a primeira vez que os noto. "Eles são impressionantes."

Ela está corada e seus ombros afundam um pouco enquanto ela me afasta e diz brincando: "Ah, ora bolas," fazendo-me soltar uma risada gentil. "Isso é gentil de sua parte."

"Eu amo arte," digo a ela e, por algum motivo, a afirmação genérica me faz apertar o nariz. "Eu amo as que fazem você sentir." Minhas mãos gesticulam no ar em direção ao meu peito para fazer o meu ponto. "Como com a sua." Minhas palavras me falham, e tenho que fechar os olhos, sacudindo a cabeça por um momento, para poder colocar as palavras certas para saber exatamente o que quero dizer. "Parece tão simples, mesmo com o preto e branco tirando ainda mais do que veríamos normalmente. Mas na simplicidade, há muito mais lá que fala com um lado cru de sua alma como você pode sentir o que o fotógrafo sente, ou qualquer artista, concentrando-se em um objeto que teria tão pouco significado se você o visse de passagem. Na arte, implora para contar uma história e você já pode sentir sobre o que é a história."

"Eu sabia que você era uma menina do meu próprio coração," diz Addison e me oferece um sorriso gentil. "Eu tenho que admitir," ela se inclina para frente, acalmando a voz: "Eu vi seus desenhos e eu poderia dizer o mesmo para você."

"Obrigada," eu digo a ela, sentindo a felicidade de um interesse comum, mas também percebendo que o gelo foi quebrado e as perguntas que ela tem para mim são provavelmente semelhantes às que eu tenho para ela. As perguntas imploram para entrar e me trazer de volta à linha de pensamento que eu estava em momentos atrás.

É muito fácil ser apenas amigável, sentar-se na superfície do mundo em que vivemos e fingir que está tudo bem.

"Então, de onde você é?" Addison me pergunta, tomando outro gole, seus lábios já estão manchando do vinho, e então ela pega o cobertor. Eu finalmente tomo um assento na poltrona que eu tenho me inclinado novamente. O couro geme enquanto eu afundo nele e me sento de pernas cruzadas para ficar confortável.

"Perto daqui," eu digo a ela e ignoro como meu coração bate mais forte, meus dedos traçando ao longo do meu tornozelo para mantê-los ocupados enquanto eu cuidadosamente evito detalhes. Não posso olhá-la nos olhos enquanto me pergunto se ela sabe de onde eu venho e quem é minha família. Minha garganta seca, mas antes

que possa causar minhas palavras, eu rapidamente pergunto a ela: "E você?"

Olhando para ela, sinto a ansiedade correr mais forte em minhas veias, mas a expressão dela é casual e fácil. Tenho a impressão de que Addison é mais descontraída do que eu. Mais difícil de agitar. Mais forte de várias maneiras. E por alguma razão, esse pensamento pesa contra o meu peito pesadamente quando ela responde.

"Eu cresci por aqui, mas saí e viajei no passado, como cinco anos, quase seis anos agora?" Sua voz é leve enquanto ela continua. "Eu vivi tudo."

"Isso é incrível," eu digo com admiração. Eu nunca saí de casa. Eu nunca me aventurei fora dos parâmetros que me foram dados.

"Você morava sozinha?"

Addison acena com um sorriso malicioso e, em seguida, chupa a língua. "Eu estava meio que fugindo no início," diz ela, e sua voz é mais baixa quando ela encolhe os ombros e, em seguida, toma um gole pesado de vinho. Ela lambe o lábio inferior e olha para o copo enquanto diz: "Era muito difícil ficar," ela espreita para mim e seus penetrantes olhos verdes ficam com os meus quando ela diz: "Era muito fácil simplesmente seguir em frente, sabe? Em vez de ficar parada e ter que lidar com tudo isso."

O ciúme que senti apenas momentos atrás instantaneamente se transforma em compaixão. Seu tom é muito cru, aberto demais e honesto para não sentir a dor de sua confissão.

"Sim, eu entendo," eu digo a ela e sento-me mais no assento. "Eu realmente faço."

O tempo passa em silêncio enquanto eu lentamente escolho as perguntas, uma que não abre uma ferida crua, a menos que ela queira ir até lá sozinha. "O que te trouxe de volta?" Eu pergunto.

"Daniel." Ela revira os olhos quando diz o nome dele, mas não consegue esconder enquanto o sorriso dela cresce, quando suas bochechas ficam vermelhas e ela puxa as pernas para si mesma, como se o nome dele fosse o único lar em seus lábios. "Nós nos deparamos em algumas cidades e ele me trouxe de volta."

Meu sorriso combina com o dela enquanto ela continua sua história. "Nós crescemos juntos - mais ou menos. Eu meio que cresci com ele e seus irmãos, eu acho. É uma história complicada," ela diz quando acena, copo de vinho na mão, embora ela demore um longo minuto antes de beber novamente, olhando por cima da lareira.

"Este é delicioso," diz ela antes de terminar.

"Eu amo os vinhos tintos." Minha declaração é dita como distraída enquanto ela fala a dela.

"Eles são os melhores," diz ela com os olhos arregalados e, em seguida, pega a garrafa por outra taça.

"Vocês duas estão se dando bem?" A voz de Daniel atravessa a adega antes mesmo de ele entrar no cômodo.

Minha pele fica cheia de desconforto, sendo revivida para a realidade quando eu estava entrando em um esconderijo da história de Addison. Eu mantenho meu sorriso estampado no meu rosto enquanto ele olha entre nós duas.

Eu me pergunto se ele acha que eu diria a ela porque estou aqui e o que aconteceu. Que eu iria avisá-la para ficar longe de Daniel e expor que ele sabia. Que eu imploraria para ela me ajudar e assustá-la.

Meu coração parece que desmorona sobre si mesmo enquanto os dois vão para frente e para trás em brincadeiras despreocupadas, embora um toque de tensão seja óbvio.

"Sempre pairando," Addison diz, embora haja uma reverência quieta lá que Daniel não parece entender. Ele suspira e passa a mão na parte de trás da cabeça antes de dizer: "Eu só vim para ver se vocês duas precisavam de alguma coisa."

Addison divertidamente dá um tapinha no braço dele quando ele para atrás do sofá onde ela está sentada. "Mentiroso. Você veio para escutar."

"Você me pegou," diz ele e a deixa espantá-lo com um simples. "Saia," mas não sem um beijo.

Addison levanta de seu assento, fazendo o cobertor em torno de sua cintura cair enquanto sua bunda se levanta. "Amo você," ela diz e então lhe dá um beijo. Então outro e outro. Três em rápida sucessão.

Com a ponta do nariz roçando a dela, ele diz com os olhos fechados: "Também te amo."

E não há uma gota de mim que não acredite nos dois. Meu sorriso cai e não há como eu fingir um neste momento. O amor existe em sua troca, respira no ar entre eles.

É inegável e nada como o que me liga a Carter. Não é luxúria, é um encontro de almas, os dois precisando um do outro e reconhecendo essa verdade.

"Você precisa de alguma coisa?" Daniel pergunta novamente enquanto meu olhar se dirige para a mesa lateral. A borda da madeira esculpida me concede uma pequena fuga de sua exibição.

"Aria," a voz de Daniel é levantada quando ele fala comigo diretamente. "Você precisa de alguma coisa?" Ele me pergunta, e seus olhos carregam sua verdadeira pergunta, *você está bem?*

"Eu estou bem," eu digo a ele, o máximo que posso e, em seguida, limpo minha garganta antes de pegar minha

taça novamente.

Demora um longo tempo para mudar o ar tenso depois que ele saiu.

"Então, você e Carter?" Addison me pergunta, levantando uma sobrancelha para ser cômica. Ela bebe o vinho, mas mantém os olhos em mim e a expressão em seu rosto me faz rir.

"Sim, eu e Carter," eu digo a ela com força, mas com humor.

"Ele está mantendo você presa aqui também, hein?" Ela pergunta e a interação fácil que existia antes se torna nítida.

"Você poderia dizer isso," eu respondo, mas minha voz é plana. Mastigando o interior da minha bochecha, eu considero dizer a verdade por uma fração de segundo, mas de jeito nenhum eu faria. Não porque eu não confie nela, mas porque estou realmente envergonhada neste momento.

Eu desisti. Eu estou deitada na cama com o diabo. E, por mais que Addison pareça gostar de mim, não há como ela me respeitar se soubesse a verdade. Eu nem sequer me respeito.

"Eu estou supondo que ele te perseguiu?" Ela pergunta especulativamente. "Os meninos Cross tendem a perseguir."

"Mais uma vez, você poderia dizer isso."

"Quando conheci Carter pela primeira vez," Addison começa a me contar uma história, percebendo que eu não estou aberta a compartilhar meu próprio conto com Carter, enquanto seu dedo magro flutua sobre a borda da taça de vidro, correndo círculos ao redor da borda. "Ele era diferente dos outros irmãos."

"Como assim?" Eu pergunto, observando o dedo dela enquanto a minha vergonha diminui.

Ela olha para mim por um momento com uma expressão comprimida. "Ele não estava por perto com tanta frequência e sempre ficava quieto quando estava por perto, mas você sabia que ele estava em casa. Ele *era* a autoridade."

"O que você quer dizer?"

"Como o pai deles não era o melhor, você sabe? Depois que a mãe deles morreu, ele foi muito duro." Ela engole como se uma memória dolorosa ameaçasse sufocá-la se continuasse, mas ela continua. "Então, se alguém precisava de alguma coisa, era Carter quem perguntava. Carter que fez as regras. Carter que conseguiu o que fosse necessário."

Eu vejo sua expressão enquanto ela me conta sua história.

"Uma vez, foi tão estúpido." Seus olhos ficam vidrados, mas ela balança a cabeça e escova o cabelo para trás. "Essas crianças roubaram nossas bicicletas," ela me diz, forçando à sua voz.

"Tyler me levou para a loja da esquina e nós deixamos nossas bicicletas do lado de fora, e esses babacas roubaram elas." Ela ri o tipo de risada que você faz quando quer se libertar da necessidade de chorar.

"Você conheceu Tyler?" Pergunto a ela, sentindo um calafrio percorrer minha pele, arrepiando-me ao longo de seu caminho. Nikolai me disse uma vez que quando você tem esse sentimento passando por você, significa que alguém caminhou sobre seu túmulo.

Ela apenas balança a cabeça, os olhos refletindo um triste segredo, e então continua. "Tinha que ser esses caras, eles eram mais velhos e eram como seis deles. Homens adultos que não tinham nada melhor para fazer do que roubar bicicletas de crianças do ensino médio." Ela respira fundo antes de alisar o cobertor sobre o colo e me dizer: "Nós voltamos para casa e choveu todo o caminho. Ficamos ensopados quando voltamos."

"Daniel não estava lá, Tyler foi para ele primeiro porque ele não gostava de incomodar Carter. Nenhum dos meninos gostava de incomodá-lo com coisas mesquinhas, sabe?" Ela me pergunta, e eu não sei como responder, mas ela não me dá tempo para isso.

"Então, Carter estava lá e perguntou o que aconteceu. Ele era rápido em se irritar naquela época, muito diferente de agora," ela me diz, e eu olho para ela como se ela fosse louca, mas ela não vê. Ela pega o cobertor e continua. "Ele e Tyler saíram juntos no caminhão, Carter me disse para ficar para trás e dentro de horas, ambas as bicicletas estavam na parte de trás da caminhonete, seguras, em casa. Tyler nunca foi uma pessoa que lutava. Ele era um amante e uma alma velha e gentil, mas ele disse que esses caras não iriam mais se meter com a gente. Eu gostaria de ter visto o que Carter fez." Ela diz as últimas palavras como um pensamento falado que acabara de chegar a ela. Tudo o que posso pensar é que ela provavelmente está melhor sem ter testemunhado o que Carter fez com aqueles homens.

"Eu acho que não é a melhor história," diz ela e encolhe os ombros. "Desculpe, eu meio que sou horrível em contar histórias."

Ofereço-lhe um sorriso suave e digo: "Gostei."

"De qualquer forma, é o que Carter faz. Ele pega o que quer e não aceita nenhum prisioneiro ou atura qualquer besteira."

Suas palavras me atingem de uma maneira que não posso explicar e as mesmas lágrimas que ela apagou ao acaso no começo de sua história, ameaçam cair da minha.

"Você está bem?" Ela me pergunta, embora a julgar pela maneira como o sorriso dela oscila, eu poderia perguntar a ela o mesmo.

Meus lábios estão prontos para fazer o que sempre fiz, para dizer a todos que estou bem. Para fingir que nada está errado.

"Só se você quiser conversar," ela acrescenta rapidamente, praticamente tropeçando em suas palavras. Até as mãos dela surgem em protesto. "Eu normalmente não sou tão esquisita, ultimamente tenho estado no limite e é tão bom poder falar com outra pessoa. Alguém que não é..." Ela para e prende a respiração, procurando as palavras certas, mas nenhuma vem. Eu posso ver nos olhos dela que ela está sofrendo como eu. Algo está errado e só posso imaginar que é porque ela está presa aqui. Presa como eu estou, mas por razões tão diferentes.

"Eu estou bem, e eu entendo... eu faço." Minha tentativa de tranquilizá-la cai. Ela me oferece um meio sorriso fraco que não alcança seus olhos.

"Eu gostaria de poder te falar alguma coisa," ela sussurra e depois balança a cabeça como se estivesse perdendo a cabeça. Talvez eu não seja a única louca nessa sala. Enxugando-se sob os olhos, ela olha para a porta e exala uma respiração áspera. "Eu devo ir." Talvez ela também tivesse um toque de recolher. Ou talvez ela só não queira quebrar na frente de uma estranha.

Olhando para o relógio, vejo quase três horas já passou. Eu sinto que apenas nos sentamos.

"Sim, eu também deveria." Limpo minha garganta e tento pensar em algo para dizer que é reconfortante para ela, embora eu mal a conheça. Um pedaço dela embora, seu coração e alma, eu conheço bem. "Eu estou aqui se você quiser uma amiga de bebida," eu ofereço.

"Ou assistir algo de bom na Netflix?" Ela oferece, e a felicidade genuína ilumina sua expressão.

"Claro," eu ofereço-lhe um sorriso com a minha voz tremendo e imagino a perda que já sinto que não existe.

"Isso pode soar estranho," Addison me diz enquanto pega sua taça de vinho e engole o último líquido restante antes de me olhar nos olhos, "mas você parece que poderia precisar de 'alguém'." Ela coloca a taça no chão, o tilintar do vidro quebrando o ruído branco que me afoga quando Addison olha para mim, levantando-se para ir embora. Ela empurra o cabelo para fora do ombro e me diz solenemente: "Eu não tenho 'alguém ' há muito tempo. E eu sei como se sente."

É difícil descrever a dor e o vazio de ter uma estranha parecendo ver através de você e quando eles olham para lá, eles querem ajudá-la, estar lá com uma gentileza genuína. Quando você olha para eles, você também vê. É tão óbvio, mas falar a verdade tornaria real, e é muito

mais reconfortante correr e se esconder ou fingir que está tudo bem por pelo menos um pouco.

Eu tenho que limpar minha garganta seca e áspera antes de dizer a ela: "Eu posso aceitar isso."

CARTER

O RANGIDO DO PISO me alerta que ela está chegando. A luz do banheiro ainda está acesa e a luz amarela suave entra no quarto, projetando uma sombra onde ela está. Aria nunca pareceu tão tentadora e radiante. Lambendo os lábios em desafio, embora haja medo e derrota em seus lindos olhos cor de avelã. Nua, com a pele corada pela perspectiva do que está por vir, ela fica parada no meu olhar.

Eu nunca fiquei tão duro na minha vida. Eu sei que ela precisa disso. Nós dois precisamos disso. Os últimos dias foram grandes passos atrás com apenas poucos passos adiante.

Ela está diante de mim como minha igual, ousada e implacável, embora no lado oposto de onde estou.

"Venha," eu ordeno a ela enquanto me sento na cadeira e corro minha mão pela minha coxa direita.

Ela entra no banheiro hesitante, seu corpo rígido, mas ainda assim ela vem até mim, parando na minha frente e esperando.

"Sente-se," eu digo a ela, e ela instintivamente alcança minha mão enquanto eu puxo sua bunda para aninhar-se na minha virilha. Ela endurece as costas e continua

fingindo que não precisa disso. Ela sabe melhor se só ela abrir os olhos.

"Eu pensei muito sobre o que está causando tensão entre nós." A declaração sai profunda e rouca, incapaz de negar o meu desejo por ela. Eu deixo meu dedo médio deslizar ao longo de seu ombro e vejo como ele faz seus mamilos cheios. Sua linda pele flui e ao mesmo tempo se arrepia.

"A primeira coisa que vou fazer é punir você." Seus lábios se separam com uma respiração rápida, mas ela balança a cabeça em compreensão. "A segunda é dar a você algo que você quer, e algo que você precisa..." Eu paro o meu movimento e espero por seu belo olhar verde avelã para encontrar o meu antes de acrescentar: "Se você levar a punição bem."

Sua respiração acelera, e posso ver como o sangue dela bombeia mais forte nas veias do pescoço dela, ela balança a cabeça em obediência. Seus olhos continuam a piscar nos meus com perguntas, mas ela não faz.

"Deite no meu colo," digo gentilmente. Não há necessidade de ser firme, sabendo o que está por vir. Nervosa, ela obedece, mas tenta segurar a pia sem seu equilíbrio e as pernas balançando sem rumo.

Eu a ajusto, então ela está perfeitamente posicionada, o quadril na minha coxa direita e ela engasga em protesto, mas tem vida curta.

"Mãos atrás das costas," eu ordeno a ela, e ela obedece, embora ela esteja desajeitada no meu colo, tentando se equilibrar. Não importa, no segundo que eu aperto os pulsos dela na minha mão esquerda e pressiono-os até as costas dela, ela está firme. E é assim que ela vai ficar até eu decidir que essa punição acabou. Sua boceta já está escutando, a mistura de medo e desejo é uma coisa poderosa.

Minhas unhas pontudas rasgam sua bunda pálida e flexível enquanto dou a ela um comando simples. "Diga-me porque você correu de mim quando eu lhe dei acesso à porta da frente." Meu peito está apertado de preocupação que ela nunca verá. Não permitirei que ela questione meu controle. De novo não. Nunca mais. Ela precisa saber em cada fibra de seu ser, que eu posso assumir o controle dela, mas que mais do que isso, ela precisa disso.

"Eu preciso saber o que te desencorajou, Aria," eu digo claro o suficiente para ter certeza que ela entende o quanto isso significa para mim quando ela não responde.

"Eu não sei," ela me diz com uma voz tensa antes de soprar uma mecha de cabelo do rosto.

A mentira chegará ao fim em breve.

Tapa! Minha mão pica todo o caminho até o meu pulso quando a marca brilhante pousa em sua bochecha direita e Aria grita, seus quadris se contraindo inutilmente enquanto eu a seguro com firmeza e faço o mesmo com a

outra face. Movendo-me para o centro dela, eu a bato lá e depois novamente na bochecha direita. Tudo ao mesmo tempo, ela se contorce no meu colo e grita com gritos abafados de protesto.

Meu coração martela e meu pau endurece quando meus dedos caem para baixo até sua boceta. Sua respiração falha, e sua entrada aperta na ponta dos meus dedos, mas ela não recebe recompensa por mentir para mim.

Eu falo suavemente enquanto gentilmente coloco minha mão em sua bochecha quente, esfregando carícias suaves sobre as marcas sensibilizadas. "Diga-me a verdade." Meu comando cai no silêncio que se mistura com seus gemidos estrangulados quando a dor e o prazer se combinam. Eu mergulho meus dedos em sua boceta, deixando-os correr através de suas dobras lisas. Meu dedo médio desce até seu clitóris e eu círculo uma vez, tentando-a e recompensando sua obediência enquanto ela fica onde está, onde ela pertence no meu colo. "Diga-me, Aria."

Com uma respiração trêmula, as costas de Aria tentam se curvar e suas coxas se apertam. Ela visivelmente engole, e eu sei que ela vai gozar, então eu paro. Meu dedo ainda está pressionado contra ela, mas sem o movimento, ela levanta os olhos para os meus, respirando pesadamente com os lábios entreabertos.

"Eu não sei," ela responde, seus olhos castanhos hipnotizantes me implorando para acreditar nela. Eu não espero que ela se prepare. Eu bato na outra bochecha dela e, em seguida, volto para a direita antes de voltar para a esquerda repetidamente, sentindo uma queimação que sobe pelo meu braço enquanto minha mão fica dormente.

O grito de Aria ecoa no quarto enquanto seu corpo endurece no meu colo. Ela ferve, sugando o ar através dos dentes cerrados enquanto lágrimas picam seus olhos. Minha própria respiração se enfurece quando dou o último golpe e a mantenho firme onde ela está.

Engolindo o fôlego e abaixando a cabeça enquanto tentava lutar contra a necessidade de lutar contra o controle que tenho sobre ela, ela vira a cabeça para longe de mim. Mas, eu vejo as lágrimas.

Instantaneamente, eu coloco minha mão sobre sua pele aquecida, ignorando como ela pula e aplico pressão suficiente para aliviar a dor. Meu coração pula uma vez, depois duas vezes enquanto ela luta para manter a compostura, as lágrimas caindo livremente enquanto seu rosto fica vermelho.

"Eu tenho você," eu sussurro para ela e ela se vira para olhar para mim, um olhar de puro ódio em sua expressão. "Diga-me o que aconteceu, e isso para," eu ofereço a ela

novamente, e vejo como seu lábio inferior oscila. "Eu não vou deixar você ir até que você me diga."

Seu rosto se contrai e ela soluça: "É estúpido," antes de deixar as lágrimas caírem novamente.

Eu continuo esfregando círculos suaves, ocasionalmente apertando sua bunda para manter o sangue fluindo e as terminações nervosas na borda. As endorfinas que fluem no sangue dela farão o prazer dela muito maior. Tanto o corpo como a mente sempre preferem o prazer à dor.

E eu vou dar a ela os dois. Embora ela me odeie agora, ela vai me amar quando isso acabar.

Meus dedos derivam para seu núcleo desta vez, pressionando dentro dela e eu sou instantaneamente recompensado com ela arqueando seu pescoço, seus olhos fechados enquanto um pequeno gemido de prazer flutua de seus lábios avermelhados. Suas bochechas estão manchadas de lágrimas e algumas gotas ainda permanecem nos cílios.

Sua boceta aperta na ponta dos meus dedos, implorando por mais.

Um gemido estrangulado enche o ar quente enquanto meu pau endurece ainda mais e pressiona contra sua barriga. Porra, eu quero ela. Eu *preciso* tê-la hoje à noite e

reivindicá-la novamente. Para lembrá-la do quanto ela pertence a mim.

"Diga-me agora, Aria," eu exijo, minha voz profunda e retumbante com a necessidade que eu sinto viva em cada célula do meu corpo.

Ela apenas choraminga e, em seguida, desafiadoramente balança a cabeça. "Eu não sei, eu juro que..."

Antes que ela possa terminar, eu bato na bunda dela o mais forte que posso. A dor que entorpeceu ilumina a vida. Sob as nádegas dela, na bunda dela, na sua boceta. Eu a espanco em um novo lugar a cada vez, girando entre eles, mas o ritmo é cruel, os tapas implacáveis. Minha mandíbula aperta e a dor rasga meu braço enquanto ela grita.

"Pare de mentir para mim," eu mal consigo falar o comando através dos dentes cerrados quando eu paro o castigo, forçando-me a respirar e instantaneamente acalmar sua pele avermelhada.

Ela solta um suspiro e depois outro. Um arrepio percorre seu corpo que transforma seus soluços em gemidos. Ela está perto disso ser muito mais. Mas o que eu quero são respostas e ela não vai gozar até eu tê-las. Eu vou me certificar disso.

O cabelo do lado do rosto dela, molhado das lágrimas, está preso à sua pele quando ela diz: "Eu vi a data."

Sua parte superior do corpo balança e ela tenta se afastar de mim, gemendo com uma expressão de dor antes de me dizer: "Eu vi a data em seu telefone." Suas palavras são espasmódicas, na melhor das hipóteses, mas sei que a ouvi direito.

Minha respiração ainda está irregular, minha mão ardendo de dor e meus pulmões recusando-se a se mover enquanto percebo o que ela está me dizendo.

Meus dedos soltam seus pulsos lentamente enquanto eu envolvo meu braço ao redor de sua cintura, com cuidado para não tocar sua bunda até que eu esteja pronto para colocá-la no meu colo.

Ela faz uma careta e se agita, sem mexer os braços, embora ela possa livremente.

Trazendo-a no meu peito, deixei-a desabar em meus braços. Suas mãos levantam para os meus ombros enquanto as lágrimas penetram na minha camisa. A sensação de seu corpo no meu ombro enquanto ela enterra a cabeça na curva do meu pescoço já é um bálsamo para mim.

"Você viu a data?" Eu digo a ela para me contar mais. Para explicar isso para mim enquanto eu a reconforto.

"O dia anterior foi quando minha mãe..." Ela engasga, não terminando e eu corro minha mão para cima e para baixo nas costas, deixando-a se agarrar a mim.

Eu a silencio, deixando meu hálito quente sussurrar ao longo de seu cabelo e espero que ela se acomode.

"Você perdeu o aniversário da morte de sua mãe?" Eu pergunto a ela, sentindo uma dor dentro de mim amassar toda a força que tenho.

"Sim," ela coaxa e tenta subir mais perto de mim como se ela já não estivesse pressionada contra mim. "Foi a primeira vez," ela diz entre respirações, "que eu não fui ao túmulo dela."

Segurando-a enquanto ela chora, sabendo que a dor que ela sente poderia ter sido evitada tão facilmente. Eu poderia ter feito algo para ajudá-la, mesmo que isso significasse reunir dezenas de homens para protegê-la enquanto ela visse o túmulo de sua mãe. Eu poderia ter feito algo se soubesse.

"Eu sinto muito." Eu tento colocar cada grama de compaixão em minhas desculpas. "Por favor, acredite em como eu sinto muito," eu digo e beijo seu cabelo, seu ombro e, em seguida, puxo-a para beijar seus lábios vermelhos inchados.

Ela se enterra de volta na curva do meu pescoço e depois grita enquanto sua bunda roça minhas calças.

"Obrigado por me dizer," eu digo enquanto eu manobro ela no meu colo, então eu tenho acesso a sua boceta. "Segure-se em mim," eu comando, e ela faz instantaneamente. Ela precisa de alguém para segurar e alguém para segurá-la, eu nunca tive mais certeza disso.

"Isso fará com que a dor vá embora," digo a ela, embora minhas palavras sejam vazias. Prazer pode esconder apenas um tipo específico de dor. Eu esfrego seu clitóris primeiro, deixando a intensidade do prazer único que vem depois da dor e do luto fluir através dela.

Ela morde meu ombro, suas unhas cravando na minha pele através da minha camisa. Ela se contorce no meu colo, tão perto da borda, embora cada vez que sua bunda roça no tecido das minhas calças, sua voz engata, e seu aperto em mim aumenta.

Pressionando meus dedos dentro dela, acaricio-a implacavelmente e bato minha palma contra seu clitóris. Suas costas se curvaram e eu tenho que segurá-la mais perto de mim, colocando minha mão contra seu ombro.

"Goze para mim," eu sussurro em seu ouvido. Meu pau está duro e desesperado para ser envolvido em sua boceta quente, mas eu não posso tirar o meu prazer dela assim.

É tudo por ela.

"Carter," ela ofega meu nome enquanto seu corpo balança de prazer e sua cabeça cai para trás. Eu não paro

até que ela esteja tremendo, e seus gritos pararam completamente.

Meu coração dispara contra o dela, o suor cobrindo minha pele e cada músculo do meu corpo enrolado.

O tempo passa devagar enquanto espero até que ela esteja calma e coerente. E a cada segundo, seleciono cuidadosamente as palavras que ela precisa ouvir.

Com o equilíbrio fraco, ela finalmente levanta a cabeça para me olhar nos olhos. Sua expressão aperta quando ela se inclina para trás, sentindo seu traseiro cru roçar minhas calças mais uma vez, mas desta vez seus lábios se separam e outro orgasmo ameaça o toque fraco.

"Eu preciso de mais de você," eu digo a ela, quebrando seu momento e forçando seus olhos castanhos a olhar para os meus.

"Eu tenho você aqui," eu digo quando deixo meus dedos caírem em sua boceta e depois a coloco, observando enquanto ela engasga, jogando a cabeça para trás e se balançando na minha mão. Meus lábios caem para sua garganta, sussurrando contra sua pele: "Tão carente."

Antes que ela possa sair novamente, eu paro e espero seus olhos alcançarem os meus, escuros de desejo e iluminados com luxúria. "Eu estou chegando até você aqui," eu digo a ela e aliso o cabelo dela de volta no topo da cabeça dela.

Um momento passa com uma batida tensa no meu peito antes de eu cair meus dedos no peito, entre os seios nus e perguntar a ela: "E aqui?"

Meus olhos piscam entre onde eu estou tocando-a e seu próprio olhar, agora girando com uma desesperança e tristeza que eu gostaria de poder tirar.

O aperto sempre presente aperta meu coração quando ela me pergunta em um sussurro: "Se eu te desse isso, o que eu teria deixado?"

Aperta mais e meu coração se recusa a bater. A resposta é tão óbvia. "Você me tem." Eu vejo sua expressão permanecer inalterada e tenho que desviar o olhar.

Respirando profundamente, eu ignoro tudo o que estou sentindo, todo o resto, sabendo logicamente, ela está perto. Eu sei que ela está.

Ela vem e vai, e isso é por causa do pai dela. Se ele não estivesse em jogo, ela seria minha completamente. E o Nikolai...

"Você sabe o que eu preciso, Carter," Aria finalmente fala e quando ela faz sua voz racha. Lágrimas perduram nos olhos dela. "Para você ter meu coração, você não pode destruí-lo. Você não pode matá-los."

Eu cedo. Sabendo o que isso poderia ser, eu ofereço-lhe algo, só para ter a chance de romper a parede que

guarda seu coração. "Eu vou ligar para ele, mas você ficará em silêncio."

Com um olhar de choque e gratidão, ela se inclina para mais perto de mim e começa a falar, mas eu pressiono meu dedo contra seus lábios, silenciando-a e parando seus movimentos.

O medo é poder. E todos os dias, temo que ela nunca me ame mais do que no dia anterior. Eu dei a ela o poder e não sei como deixei isso acontecer.

"Eu chamarei seu pai e você só ouvirá. Está claro?"

Embora ela acene, ela não fala até que eu afaste meu dedo. "Sim, Carter."

Ocorre-me quão pouco ela obedece, a menos que tenha esperança. Eu imediatamente me arrependo de dizer a ela que eu o chamaria de idiota.

Eu preciso dar a ela esperança em outra coisa. Porque quando esta guerra acabar, o pai dela estará morto, e ela terá que encontrar perdão ou ser infeliz e me odiar para sempre.

ARIA

Eu não sei como dormi.

Eu continuo me perguntando se ele realmente vai fazer isso. Se Carter vai ligar para meu pai e se ele ligar, o que ele dirá? Quase pergunto a Carter se posso ligar para Nikolai só para dizer que estou segura, mas não sei como Carter reagiria e não quero empurrá-lo quando ele me der essa esperança.

Se meu pai sabia que Carter me deu Stephan para matar, literalmente forçada a ficar com uma faca na minha mão, isso não ofereceria algum tipo de trégua entre eles?

Minhas mãos tremem tanto pela antecipação e ansiedade do que dizem que a imagem à minha frente está em branco, não por falta de inspiração, mas pela incapacidade de criar até mesmo uma linha simples.

Passou-se uma hora sentada no chão do escritório de Carter, ouvindo as batidas das teclas e o constante tic-tac do relógio. Todo o tempo, não consigo me concentrar em nada. Não é uma maldição, exceto quando Carter vai chamá-lo como ele disse que faria.

Olhando para Carter, eu pego seu olhar e sei que o olhar em meus olhos é implorante e expectante.

"Você precisa de mais." A voz de Carter é profunda e baixa, e cresce pelo escritório. Ou talvez seja apenas porque estou em alerta máximo e tudo está vibrando enquanto espero o que está por vir.

Minha garganta se aperta, sentindo o desânimo mais uma vez pela única coisa que poderia mudar tudo, mas fico de pé com as pernas trêmulas e vou até ele.

Não me escapa que ele me controla novamente. Que meu único desejo é obedecê-lo, então ele me dará o que ele alegou que faria. Ele pode ter me dado falsas esperanças.

Meu coração pisca como uma vela tão perto de sua chama saindo. Ele não faria isso comigo. Eu me recuso a acreditar. Eu sei que ele sente algo por mim. Ele mostrou. Eu posso sentir isso na minha medula.

Carter empurra o telefone para mais longe dele, um velho telefone de mesa, e eu olho para ele quando o ouço empurrando o laptop e pilhas de papéis para fora do caminho.

É logo ali. *Apenas ligue para ele*.

Pat, *pat*, ele dá um tapinha no topo da mesa e eu entendo a dica, deitada na minha barriga, sabendo que ele vai levantar o chiffon vermelho escuro do vestido até as minhas coxas e meu traseiro nu para ele.

Minha bochecha pressiona contra a mesa dura e eu posso sentir meu coração martelar contra ela. Agarrando a borda da mesa, espero o gel fresco bater na minha bunda dolorida. Não há hematomas desta vez, mas de alguma forma dói mais. Esta manhã quase chorei acordando com a dor até que Carter usou o medicamento.

Sugando uma respiração profunda, meus olhos se fecham e eu faço Carter esfregar o bálsamo na minha pele quente. Ainda é tenro, mas ainda mais, me faz desejar mais de seu toque.

Um leve zumbido de gratidão e desejo deixa meus lábios, e é recebido com uma risada áspera de Carter. Abrindo meus olhos, eu olho para ele, embora eu tenha que empurrar a mecha de cabelo do meu rosto.

Meu coração faz isso cintilando novamente.

"Parece muito melhor do que como estava ontem à noite e esta manhã."

"Está melhor agora também," eu digo a ele facilmente, observando sua expressão enquanto ele presta muita atenção para onde ele está esfregando o bálsamo.

"Você não me contou toda a verdade na noite passada," diz Carter antes de abrir uma gaveta e depois fechá-la. Meu coração bate uma vez, pensando no que deixei de fora, mas não tendo nada em mente.

Eu não sei se ele acabou de colocar o gel de volta ou se ele tirou outra coisa.

Antes que eu possa responder, Carter me diz: "Você esqueceu de mencionar seu aniversário."

Ele finalmente encontra meu olhar e há uma suavidade lá que eu quase nunca vejo nele, mas é o lado que eu mais gosto.

"Eu não achei que fosse importante," tento falar, mas minhas palavras são sussurradas. De todas as razões pelas quais estou me separando, esse fato não tem sentido e até mesmo falar isso como se pudesse contribuir para essa dor é desrespeitoso com as tragédias que nos cercam.

Ele é gentil e me reposiciona na mesa, mas não puxa meu vestido de volta. Está em meus quadris e é isso que eu estou pensando quando ouço o primeiro punho aberto e olho para a sensação do metal roçando a pele em meus pulsos.

"Sua outra mão," comanda Carter e eu dou a ele, embora eu esteja privada de um leve medo.

"Carter?" Seu nome aparece como uma pergunta quando ele me algema a duas alças de metal ao lado de sua mesa. Mais uma vez, ele me reposiciona, deslizando meu corpo para baixo, de modo que estou esticada sobre a barriga na mesa.

"Eu não tenho um presente para você no momento," diz ele distraidamente enquanto se afasta de mim, deixando o ar frio para bater na minha bunda que ainda está muito exposta a ele. "Mas vou ter que encontrar algo legal para você."

A cintilação se transforma instantaneamente em um tremor com um leve medo do desconhecido.

Eu tento me virar e olhar para ele enquanto ele brinca com algo na prateleira. Eu não vejo o que ele tem, mas seja o que for, ele tem na mão.

"Carter, me desculpe." Meu primeiro instinto é implorar meu caminho para sair de outro castigo. Minha bunda ainda está tão dolorida. Mas mesmo quando a adrenalina surge através de mim, não consigo imaginar que ele faria isso. Que ele me puniria por não dizer a ele que era meu aniversário. "Por favor," eu choramingo.

"Silêncio," diz ele, e sua voz é calmante quando ele coloca uma mão para baixo em minha parte inferior das costas. Seu toque é uma pomada instantânea para meus nervos. As almofadas ásperas de seus polegares esfregam círculos calmantes e isso só me acalma. "Isso é por prazer, passarinho."

Um óleo escorregadio chuviscando entre a minha bunda me faz pular, mas estou sendo segurada pela mão dele e pelas algemas. Mais uma vez, ele ri, profundo e baixo em mim, sempre divertido, mas eu adoro isso.

Eu amo esse som.

"Eu preciso espalhar você, e então você precisa retroceder," Ele comanda, e eu me forço a engolir, sentindo a pressão de um objeto de metal frio pressionando contra o meu buraco proibido. Estou instantaneamente quente e tensa. As terminações nervosas ganham vida e o calor se espalha como fogo através do meu corpo e ao longo da minha pele.

A vibração intensifica, meu coração batendo e luxúria consumindo a grama de medo que perdura.

Um arrepio de prazer e uma pontada de dor pungente me fazem apertar tudo, mas no segundo a tensão se vai, Carter empurra o plug mais fundo dentro de mim. Oh. Meu. Deus.

Eu mal posso respirar quando a nova sensação toma conta. Meus mamilos se retorcem e esfregam contra a mesa enquanto eu me contorço sob seus cuidados. Ele me fode com o plug anal, empurrando-o para dentro e para fora, mais e mais.

"Carter," eu lamento e depois choramingo, me sentindo perto de gozar tão cedo. Eu me sinto tão cheia. Tão quente. Os pequenos pelos na parte de trás do meu pescoço ricocheteavam.

"Sua boceta está apertando em torno de nada," observa Carter, e sua voz profunda força meus olhos abertos.

Assim como eu sinto a necessidade de levantar minha bunda mais alto, Carter empurra o plug mais fundo e para tudo, deixando-me sentindo cheia e quente e no limite do desejo.

"Arqueie suas costas," Carter exige enquanto ele pressiona os dedos contra a parte interna da coxa, espalhando minhas pernas para ele, mesmo que eles tremam com a ameaça de um orgasmo tão perto.

Eu juro que posso sentir isso na minha buceta. A excitação está lá, embora eu esteja tão ciente de que nada está dentro de mim... não está lá.

O metal dos punhos se cava na minha pele, minha bunda está no ar e cada pulso preso à mesa. Um gemido suave escapa e os blushes aquecidos sobem do meu rosto até a minha coroa enquanto Carter esfrega seus dedos no meu clitóris e depois para cima e para baixo na minha boceta. "Devo dizer ao seu pai a verdade?" Ele me pergunta.

"Devo dizer a ele que eu queria tanto você que eu estava disposto a começar uma guerra para mantê-la?"

Enquanto suas palavras forçam um gemido de mim, elas empurram minhas emoções para o limite.

Não era eu que ele queria.

A pequena voz na parte de trás da minha cabeça me lembra, e eu tenho que fechar meus olhos com força,

afastando a tristeza e o abatimento imediatos.

Eu me sinto tensa e nervosa em mais de uma maneira. A onda de emoção e luxúria me pede para dizer a ele, mas Carter está em silêncio e seu toque está ausente. Eu forço meus olhos a vê-lo me observando. Seus olhos escuros olhando profundamente nos meus, procurando por algo.

Eu sei que deveria contar a ele, mas se ele soubesse que a garota que bateu na porta chamando que ela estava em necessidade não era eu, ele ainda me desejaria? Não posso suportar que essa resposta seja não.

"Eu preciso te amordaçar?" Carter pergunta. Meu coração martela e meu pulso acelera.

"Para quê?" Eu pergunto em retorno, mas imediatamente asseguro a ele. "Eu posso ficar quieta," por qualquer coisa que ele esteja pensando. Eu farei qualquer coisa que ele pedir.

"É hora de ligar para o seu pai," ele me diz, e uma máscara desliza por seu rosto. Uma expressão de indiferença que faz com que as linhas angulares de sua mandíbula pareçam muito mais nítidas. Eu posso ver o momento em que ele se torna no Carter que eu conhecia e odiava. Acontece bem diante dos meus olhos. Eu vejo a escuridão assumir.

"Você pode ficar no limite por isso." Sua voz é um zumbido de desejo e diversão. "Pense em como vai ser

bom quando eu te foder e finalmente te deixar gozar."

CARTER

TUDO O QUE POSSO PENSAR enquanto o telefone toca é quanto controle eu vou precisar não foder Aria sem sentido até que ela esteja gritando meu nome enquanto seu pai está na linha.

Eu pressiono os números lentamente, um de cada vez, lembrando o olhar de absoluta agonia em seu rosto quando mencionei começar uma guerra por ela. Eu não queria que isso a quebrasse.

É apenas a verdade.

Colocando o telefone no alto-falante, a tensão ferve dentro de mim quando o telefone toca e Aria luta na mesa.

Ring.

Eu deslizo meu dedo pelo seu traseiro até o joelho dela, e ela choraminga. "Silêncio." Eu digo a ela, observando arrepios ao longo de sua pele lisa.

Ring.

"Você não quer que seu pai te ouça," eu digo e não me incomodo em sussurrar. O som da respiração dela me faz olhar nos olhos dela. Eles estão me implorando, e eu juro que vou tentar dar algo a ela a partir desta ligação.

Algo que vai ajudá-la.

Eu vou mostrar a ela que tipo de homem o pai dela é.

Ring.

O terceiro toque é apenas parcial, seguido por um clique baixo e uma pausa antes de eu ouvir a voz do meu inimigo. "Cross," ele atende o telefone.

Raiva explode na minha garganta ao som de sua voz. Eu só posso me concentrar no corpo tentador de Aria esparramado na minha mesa para me acalmar. Ah, e ela faz. Deixando meus dedos deliciarem-se com seu toque suave, eu os arrasto até seus lábios molhados e lentamente empurro o plug em sua bunda.

O gemido suprimido puxa um sorriso doentio para o meu rosto enquanto eu respondo: "Talvery."

Continuando a foder a bunda dela com o plug e me divertindo com os sons fracos do metal tilintando enquanto Aria tenta seu maldito tanto para ficar quieta quanto para acalmar os sons de prazer se acumulando dentro dela e ameaçando sair a qualquer momento, falo claramente. "Eu pensei que você pode querer ter uma conversa?"

Há um silêncio do outro lado enquanto os lábios de Aria formam um O perfeito e suas costas e coxas tremem. Ela está tão perto. Deslizando um dedo dentro de sua boceta, eu uso pressão suficiente para tirá-la.

"Talvez sobre meus arranjos com sua filha?"

Sua perna levanta e bate na mesa, duas vezes. Dois barulhos altos que empurram o telefone enquanto seu rosto se contrai e ela morde o lábio.

Isso é uma vez.

"Seu filho da puta," Talvery zomba de mim, alheio ao que acabei de fazer para sua filha.

Os olhos de Aria se abrem, embora seu rosto ainda esteja vermelho e ela esteja lutando para respirar em silêncio.

"Você não sabe que deveria ter mais respeito pelas mulheres do que isso?" Eu digo a Talvery e arrasto meus dedos de volta ao clitóris de Aria. O arrepio que a atravessa torna tudo ainda mais emocionante.

"Como você conseguiu ela?" A pergunta de Talvery me faz parar, afastando meus dedos dela para considerar sua pergunta. Sua *primeira* pergunta. Não se ela está bem ou segura, mas *como* consegui ela?

Existem duas opções. Ele sabe do informante e quer que ele seja verificado, ou ele realmente não tem ideia.

"Ela foi um presente," eu explico para ele uniformemente, meus olhos se estreitando no telefone e esperando por sua resposta para me dar mais uma visão.

O som da inalação afiada de Aria me faz lembrar do meu passarinho, e que ela está ouvindo. Na sua frente, eu planto um beijo em sua coxa, um destinado a aliviar quaisquer pensamentos dolorosos que estão correndo em sua cabeça.

"De Romano?" Ele me pergunta, respirando mais pesado no telefone. "É isso que você espera que eu acredite?" Ele zomba, e Aria levanta a cabeça sobre a mesa, pronta para se opor e falar, mas eu a silencio, segurando o queixo e balançando a cabeça uma vez. Eu sei que minha expressão é dura como a porra da pedra, que é o que a faz estremecer, mas ela não pode falar com ele.

Não deixarei que ela se envolva mais nessa guerra do que ela já está.

"Você pode acreditar no que você quiser. Você fez uma pergunta. Eu respondi."

Ela está tensa na mesa e está de costas para mim, tentando olhar para o telefone, como se houvesse alguma coisa lá para ver.

Ela torce as pernas, para virar o corpo para que ela possa ver o telefone, e novamente meus lábios puxam um sorriso quando ela geme baixinho.

Ele não pode ouvi-la quando ele me diz: "Eu fui informado."

Eu não lhe dou muita atenção. Eu sei o que ele tem dito, e ele pode ir se foder com essa formação desorientadora, enquanto eu fodo sua filha.

Eu volto para sua bunda, provocando-a e fodendo-a com o plug. Suas unhas arranham a mesa enquanto ela tenta lutar contra o desejo de gemer em voz alta.

Eu bati mudo por apenas um momento, pronto para ouvir aquele doce som que eu quero. Seu pai continua, embora ele não possa nos ouvir em troca.

"O que você fez com ela?"

Eu sussurro para Aria, agarrando sua bunda com a outra mão e forçando aquele lindo som a sair de seus lábios. A mistura de prazer intenso e dor aguda demais para ela controlar. "Olhe para mim enquanto eu foder sua bunda, Aria." Seus olhos se arregalam de medo e eu sorrio enquanto explico: "Ele não pode ouvi-la, mas eu estou em ligação agora, então fique quieta, passarinho."

Esses belos lábios separam-se com um suspiro de alívio e depois com um gemido de prazer quando volto a provocá-la na linda bocetinha. Seus olhos quase se fecham, mas ela os abre, obedecendo a minha última ordem de olhar para mim.

"Eu vou te matar se você a tocar." Talvery emite uma falsa ameaça quando eu mudo a conversa.

"Como eu poderia não a tocar?" Pergunto-lhe.

Eu ouço um pequeno gemido de protesto de Aria e me sinto como um idiota que eu estou provocando seu pai na frente dela.

Com apreensão se enrolando na boca do meu estômago, eu falo. "Eu dei a ela tudo o que ela precisa. Ela está tendo muito trabalho." Embora seu pai esteja ouvindo, essas palavras são apenas para ela, e acrescento: "Ela parece se encaixar bem e às vezes até parece feliz."

Seus olhos castanhos amolecem e quase encobrem, seus olhos nunca vacilando do meu olhar.

"O que você quer, Cross?" A voz áspera e amarga de Talvery força meu maxilar a apertar.

Eu penso em dizer a ele como ela me disse que me ama. Mas repetir essas palavras para ele e usá-las assim seria uma farsa.

Ela está mais calma, de olhos arregalados e esperando ansiosamente pela minha resposta.

"Só conversar. Eu tenho alguém aqui que queria ouvir sua voz."

Eu empurro meus dedos em sua boceta apertada e meu polegar pressiona contra o plug anal. O tilintar das algemas é alto o suficiente para Talvery ouvir e saber disso, um grima vaidoso se estende pelo meu rosto.

"Deixe-me falar com ela," diz ele, mas sua demanda é patética. Eu nunca faria nada porque ele ordenou. Eu passaria pelo inferno apenas para irritar ele.

"Ela está um pouco amarrada no momento," digo a ele, sentindo a arrogância surgir de mim, mas querendo contê-la o suficiente para evitar que machuque a minha Aria. Eu círculo seu clitóris implacavelmente, sabendo que ela vem tão facilmente com esse toque. Eu prefiro que ela esteja em um prazer tão ofuscante que ela não possa ouvir ou mesmo compreender a conversa.

"Eu vou te matar," ele diz, e ele não esconde a raiva em sua voz.

"Você continua tentando fazer isso," eu replico e a raiva se infiltra em minha voz a cada momento que passa. E embora a preocupação esteja claramente escrita na expressão de Aria, suas coxas tremem com a próxima liberação e seus dentes afundam em seu lábio inferior com tanta força que ela estará sentindo o gosto do sangue se ela morder mais forte.

Eu ponho a conversa no mudo novamente por apenas um segundo para comandar ela. "Goze para mim, Aria," e então meu dedo a fode mais.

Suas costas sobem soltando um grito suave, estrangulado, escorregadio por seus lábios, assim como digo a Talvery: "Prometo estar sendo bom com ela. Eu sei como tratar uma mulher."

Com minhas palavras, ela goza, dura e violentamente. Seu corpo inteiro mostrando os tremores de prazer que a atravessam.

"Romano lhe contou o que ela fez?" Pergunto a Talvery mais para me lembrar. Essa mulher forte é minha. Tenho orgulho de tê-la como minha.

"Stephan?" Talvery pergunta quando os olhos de Aria encontram os meus e eu sussurro em resposta, irritado com a interrupção dele. "Sim."

Respirando pesadamente, Aria tenta erguer os olhos, ela tenta ligar o telefone para lhe dar mais uma resposta de seu pai.

Mas nada vem.

Não há nada além de silêncio na outra linha.

E eu o odeio por isso. Realmente o odeio pelas lágrimas que ele traz aos olhos dela.

"Você não veio para ela." Eu tenho que engolir a bola com espinhos que cresce na minha garganta. "Há quanto tempo você sabe?"

Quando ele não responde, a borda do ódio vem mais espessa e eu digo: "Eu sei que Romano derramando um pequeno segredo não foi o que te deu uma dica."

Seu rosto se enruga e eu me inclino para frente, beijando cada centímetro da curva de sua cintura.

"Dê a ela uma mensagem para mim," diz Talvery, mas eu o ignoro de preferência pelos doces sons de gratidão que mal posso ouvir de Aria.

"Eu não poderia dizer a ela antes disso, mas eu estou dizendo a ela agora."

"Estou ouvindo," digo a ele, apenas para emudecer o telefone novamente enquanto beijo a pele avermelhada de Aria em sua bunda e gentilmente movo o plug anal para dentro e para fora novamente. Ela está tão perto novamente.

"Diga a ela que eu disse: 'Fique quieta enquanto eu estiver fora e fique no quarto dela'."

Tirando o telefone do mudo, respondo-lhe rapidamente: "Vou avisá-la," e então desligo o telefone, terminando com ele e com essa conversa. E pronto para ouvi-la gritar meu nome.

Movendo as pernas para fora da mesa e abastecido por seu suspiro e os sons de suas unhas arranhando ao longo da mesa, solto meu pau e empurro-me todo o caminho dentro dela até o punho.

"Foda-se, sim," eu gemo enquanto meus membros formigam. "Porra, eu preciso de você," eu sussurro ao longo de suas costas enquanto abaixo meus lábios para beijar ao longo de sua pele. Eu ainda fico dentro dela,

deixando-a se ajustar e esperando para ter certeza de que ela não sente nada além de prazer.

"Você não tem ideia do quanto eu quero que ele saiba que você grita meu nome todas as noites."

"E ele?" Aria pergunta antes de jogar a cabeça para trás com um grito estrangulado de prazer quando eu bato dentro dela novamente.

Ainda assim, ela se vira para olhar para o telefone, com o rosto amassado e lutando para ficar quieta, e sei que ela está se perguntando se ele consegue ouvir.

Mesmo quando meu pau está dentro de seu calor, ela se preocupa.

Eu não vou permitir isso.

Eu bato o telefone mais e mais, para que ela possa ouvir. Uma mão no telefone, a outra com um aperto no quadril. Eu a fodo a tempo com as batidas violentas até que ela possa registrar o tom morto.

Tirando o telefone da mesa, digo a ela: "Ele não importa. Nada mais importa." Minhas palavras saem com um grunhido duro enquanto sua boceta espasma ao redor do meu comprimento espesso. "Há apenas nós," eu empurro as palavras para fora, percorrendo meus quadris e sentindo minhas bolas se apertarem mais uma vez.

Quando eu bato nela, eu pergunto a ela: "Como você se sente ao ter sua bunda e sua boceta ao mesmo tempo?"

"Carter," ela choraminga meu nome enquanto ela goza novamente. E então novamente. Enquanto eu cavalgo através do prazer dela, cada um mais e mais forte que o anterior, eu imploro para o meu corpo não ceder.

Eu quero ficar neste momento para sempre. Ela acorrentada à minha mesa, sentindo nada além do calor do meu desejo e da emoção de fodê-la até que suas pernas estão fracas e tremendo.

Mas eu tenho. E na terceira vez que sua boceta aperta meu pau com seu orgasmo, eu me empurro o mais fundo nela que posso, e gozo mais forte do que nunca na minha vida.

Estou sem fôlego quando puxo o pug dela, dando-lhe ainda outra onda de prazer. Estou ofegante quando a solto e puxo-a para o meu colo para sentir sua pele aquecida tremer contra a minha.

O som da nossa respiração não dura muito tempo. O cabelo de Aria faz cócegas ao longo do meu ombro enquanto ela se afasta de mim, pegando o telefone.

Seus ombros tremem com a respiração entrecortada e seus olhos parecem perdidos à distância.

"Está tudo bem," digo a ela, a onda de raiva e pior, a decepção, fermentando dentro de mim.

"Posso ligar de volta?" Sua pergunta é imediata e misturada com medo e preocupação. "Só eu, por favor?" Ela me implora em um sussurro quebrado.

Observando-a engolir, eu calculo seu desespero que aparentemente veio do nada.

"Eu não confio em seu pai," digo a ela honestamente.

"Você pode confiar em mim," ela sugere fracamente, o tom suplicante ainda presente.

Dou-lhe o silêncio enquanto olho em seu olhar e o desespero se transforma em raiva quando ela acrescenta: "Você não precisava insultá-lo assim," mas sua voz falha.

Ela está preocupada. Algo está errado.

"Por favor, deixe-me chamá-lo de volta," ela implora novamente. "Eu prometo que está tudo bem. Eu só quero dizer a ele que estou bem." Ela prende o lábio inferior entre os dentes enquanto me olha nos olhos, ambas as mãos agarradas a mim.

"Não, o que há de errado?" Ela não vai me olhar nos olhos com a minha resposta, então eu pego seu queixo, forçando os olhos para cima e procurando a verdade dentro deles.

"POR que tem que ser assim?" Suas palavras se quebram e lágrimas escorrem dos cantos dos olhos.

"O que diabos aconteceu?" Meus olhos se estreitam enquanto a vejo perder-se. Perdendo cada grama de compostura. "O que há de errado?"

"Eu te amo," ela responde com dor. "Sinto muito," ela choraminga, enxugando os olhos e tentando se afastar de mim e do meu aperto.

"Eu nunca machucaria você," digo a ela enquanto meu coração dispara, sabendo que não posso lhe dar as mesmas palavras de volta. "Você sabe disso?" Passando por tudo o que aconteceu, tudo o que posso pensar é que é assim que falo sobre como ela veio até mim. O jeito que nós estrelamos e a arrogância que mostrei. "O jeito que eu estava falando..."

Ela me interrompe, pressionando os dedos nos meus lábios, “Eu nunca machucaria você também."

Meu telefone saindo me distrai, a mensagem é do Jase. *Você precisa ver isso agora.*

Pressionando um beijo em seus lábios macios, tento acabar com suas preocupações. Ela tenta se aprofundar, mas eu me afasto, pressionando minha testa na dela e desejando não ter que deixá-la agora.

Eu sussurro contra seus lábios: "Espere por mim no quarto." Abro os olhos para ver a saudade dela e um poço de emoção que não conhece profundidade.

Ela apenas balança a cabeça, soltando seu aperto enquanto eu a coloco no chão e me levanto com ela.

"Eu tenho algo para cuidar e então eu vou até você," eu digo a ela, mas sua expressão é ausente de aceitar uma coisa que eu estou fazendo nela. Um dia ela vai entender que eu vou cuidar de tudo, desde que ela confie em mim.

Mas ela continua do mesmo jeito e vejo-a se afastar de mim enquanto estou de pé do lado de fora da porta do escritório, imaginando se ela tem a mesma opinião de seu pai agora que tinha horas atrás.

Ela olha para trás uma última vez, me dando um sorriso triste antes de desaparecer ao virar da esquina para a escada.

Eu não desço o corredor antes de Jase subir as escadas, com força total em sua marcha até que ele levanta a cabeça e me vê.

"Nós precisamos conversar." A voz de Jase carrega pelo corredor com uma ponta de urgência. "Agora."

"O que está acontecendo?" Eu pergunto a ele, sentindo minha testa enrugar e a adrenalina pulsando mais forte.

"Houve uma brecha. Parece que vamos ter companhia." Seus olhos refletem o acolhimento de um desafio e meus lábios se encolhem de acordo.

"Talvery?" Pergunto a ele, imaginando se o pai dela já estava em movimento antes da ligação ou se ele estupidamente agiu sem querer.

Jase assente, mas se preocupa com a expressão dele. "Há apenas seis."

"Seis homens?" Eu questiono. "Talvery não é tão idiota."

"Um é um informante e provavelmente como eles passaram pelo primeiro portão. Dois são o sangue dela."

"Você acha que alguém o ajudou?" Eu questiono Jase, pensando que o informante foi auxiliado por alguém com quem ele falou, mas ele balança a cabeça rapidamente.

"Fomos alertados no segundo em que foram vistos. Onde está Aria?" Jase questiona e eu respondo rapidamente: "Ela está segura no meu quarto. Ela não vai sair."

Minha garganta seca e aperta, pensando sobre eles a roubando, mas a preocupação e o medo só trarão minha queda.

"Não há como ele achar que conseguiria fazer nada além de enviar seus próprios homens para serem mortos com apenas seis."

"Há definitivamente algo fora," acrescenta e puxa o feed em seu telefone. Seis homens ao longo da torre interna,

totalmente blindados. Eu assisto com ele enquanto ele me pergunta: "Poderíamos questioná-los?"

Meu peito aperta quando reconheço o rosto de um homem. "Nikolai."

Ele se atreveu a vir aqui. Para tentar pegar o que é meu? A raiva preenche meu sangue e uma mistura fervente de ciúmes e vingança torna minha visão vermelha.

"Eu estava pensando em eliminar os três que não importam, mas trazer os primos e Nikolai para interrogatório." Sua declaração é dita em voz baixa enquanto ele olha para trás, de volta para onde Aria espera por mim.

Eu lambo meus lábios, sabendo que Talvery está plenamente consciente de que todos os seis morreriam na tentativa de se infiltrar e nos matar, para resgatar Aria.

"Nikolai é tolo e desesperado. Se ele viesse porque sabia que ela estava aqui, eu poderia vê-lo sendo seguido apenas por alguns homens."

"Eles são todos de alta patente," eu digo rapidamente, conhecendo cada um deles. Reconhecendo alguns que mataram nas minhas ruas.

"Não tem como eles virem sem o Talvery saber."

"Eles vieram para matar? Ou para levá-la?" Pergunto a Jase, mas esperei um segundo a mais, não teria pedido nada. Eu vejo quando um deles joga uma granada na beira da garagem, seguido por outra a alguns metros mais abaixo. *Eles vieram para matar.*

"Eles deixaram explosivos ao longo do portão. Uma varredura mostra que eles têm o suficiente nas bolsas amarradas às costas para toda a propriedade, se puderem passar por isso." Meus lábios se contraem com ameaça. "O mesmo que antes?" Pergunto a Jase, lembrando do local das cinzas e entulho que minha antiga casa foi feita para ser. "Você acha que são os mesmos homens?"

Jase e eu compartilhamos um olhar, mas ele não me responde verbalmente.

Uma ligação para o telefone de Jase substitui a vigilância em seu telefone. No momento em que ele responde, meu próprio telefone toca no meu bolso.

"É Aria," Jase me diz antes de eu atender meu telefone. Ele não esconde o nervosismo quando me diz: "Ela não está no quarto."

"Onde ela está indo?" Eu pergunto a ele, mas depois percebo que isso não importa. Se ela vir, ela terá que escolher.

"Deixe-a, deixe-a vir se ela escolher." Meu coração dispara quando Jase lhes diz minhas ordens e meu

telefone morre na minha mão. Ela vai ver do que eles são capazes e o que eu preciso parar, o que eu preciso proteger.

Deixe-a ver, deixe-a escolher.

"Peça-lhes que matem os três agora." Minha voz é dura, embora dentro de tremores de raiva cresçam. Os três corpos cairão no segundo em que o comando for dado, deixando os outros três lutando, mas presos em nossa propriedade. "Traga os outros três para mim."

ARIA

Se ao menos Carter me deixasse ligar para meu pai ou ir até ele. Minha pele fica arrepiada, e o frio constante que eu sinto está em desacordo com o calor do meu sangue fervendo.

Eu posso convencer meu pai de que há outro jeito.

Eu ouvi o que ele disse. A mensagem para mim. Ele estava falando em código. Ele está vindo. Em apenas algumas horas, meu pai vem atrás de mim.

Fique quieta enquanto eu estiver fora e fique no seu quarto.

Meu pai me dizia isso antes de sair para a noite em que estávamos no bloqueio, mas apenas quando ele iria embora por algumas horas. Se fosse mais do que isso, ele me mandaria para o esconderijo.

Não há como essas palavras serem uma coincidência. Tenho certeza de que sim. Ele não teria dito se não estivesse vindo atrás de mim. Ele não teria dito *aquelas palavras* se algo não estivesse acontecendo esta noite.

Meu coração não parou de correr. Minha garganta está apertada com culpa e medo. Não pode acontecer assim. Não sei exatamente o que ele está planejando, mas são palavras ditas em tempos de guerra. Algo ruim vai

acontecer. Eu sei isso. Eu posso sentir isso na boca do meu estômago. Isso vai mudar tudo.

Eu posso fazer alguma coisa. Mas preciso de tempo que não tenho.

Andando de um lado para o outro na direção da ala de Carter na propriedade, tento formular uma desculpa para meu pai ou uma razão que justificaria Carter não reagir às ameaças de meu pai. Eu não posso entrar no quarto e apenas esperar. Eu me recuso a simplesmente ficar de pé.

A conversa que acabara de acontecer no telefone se repete uma e outra vez na minha cabeça e eu começo a debater se ouvi meu pai corretamente.

A tensão aperta meu peito com tanta força que não consigo respirar.

Depois de dias, meu pai decide vir. Depois de semanas de eu estar desaparecida, ele finalmente vem para mim. E não há nada que eu possa fazer para impedi-lo.

Minhas mãos estão tremendo horrivelmente, e isso não faz nada além de me irritar. Formando um punho, eu bato na parede. Como ele pode fazer isso comigo?

Ambos.

Carter não é inocente. Ele sabia que aquela conversa iria irritar meu pai. Ele estava provocando-o, praticamente rindo no rosto do meu pai.

E eu tive prazer nisso.

Todo esse prazer que eu queria. Há algo doentio e distorcido em como eu ansiava por Carter me levar ao limite enquanto meu pai o odiava.

Carter provou que existe um lado em mim que deseja a depravação e um senso de justiça que é pecaminoso e distorcido.

Eu deveria ter sabido melhor. Nós estávamos brincando com fogo, mas depois de semanas de estar com Carter, de ser dele, de começar a amá-lo, me senti invencível ao lado dele.

Eu sempre fui tola assim.

Afastei o cabelo do rosto, me livrei do arrependimento e foquei no agora e no presente.

Tenho que contar ao Carter, mas não sei como posso salvar meu pai se o fizer. E eu sei que não será meu pai vindo. Ele não vai invadir o castelo de Carter. Serão homens contratados, ou pior, Nikolai. Dizer que Carter só irá garantir que suas armas estarão prontas e quem quer que esteja vindo será morto antes mesmo de chegar perto.

"Porra." A palavra desliza dos meus lábios em uma respiração estrangulada.

Eu estava tão cheia de esperança, tão ansiosa para que essa ligação acontecesse e, em vez disso, meu pior

pesadelo veio à vida. Eu trouxe a guerra para mim e para a porta de Carter.

Um momento de clareza vem sobre mim e meus olhos se abrem.

Eu começo a me mover antes que o pensamento seja claro.

Ele não está no escritório. Carter não está no escritório onde o telefone está. *E não me lembro dele trancando a porta.*

Estou bem ciente de que Carter tem câmeras por toda parte, e é por isso que ando como se nada estivesse errado. Ombros relaxados, e eu tento manter minha expressão impassível, embora as lágrimas picam nos meus olhos e os meus soluços no peito com a necessidade de quebrar.

Esses homens vão me matar antes que eles tenham a chance de matar um ao outro.

A maçaneta range sob meu aperto, mas a porta se abre com facilidade. Eu não perco tempo, sabendo que Carter virá se ele me ver, e eu caio de joelhos, pegando o telefone ainda jogado descuidadamente no chão mais cedo.

Meu dedo treme enquanto pressiono os botões, mas eu faço. Eu agarro o telefone com as duas mãos enquanto o seguro no ouvido e observo a porta. Se ele não sabe, ele saberá em breve.

Ring Ring.

Cada pausa do toque aperta meu coração mais forte.

Minha garganta parece estar fechada, entupida por algo invisível quando a ligação morre. Não sem resposta, mas morto.

Clank! Eu bato o telefone uma e outra vez, assim como Carter fez antes, sentindo o calor da ansiedade rolar sobre a minha pele. Meus dentes estão cerrados enquanto eu bato novamente antes de me apoiar na mesa.

Respirações profundas. Eu preciso ficar calma e achar um jeito.

Nem outro segundo passa. Nem outro suspiro tenso de mim antes de eu pegar o telefone e apertar a rediscagem novamente.

Sem sucesso.

Tic-tac, tic-tac, o relógio na parede do escritório de Carter me provoca. Mostrando quase cinquenta minutos se passaram desde que Carter me deixou.

O único outro número que conheço de cor é o de Nikolai. Eu não sei se ele iria ouvir. Ou se meu pai ouvir Nikolai. Eu não sei nada com certeza, mas ainda assim, eu disquei o número dele.

Um número de cada vez.

E ele não responde.

O telefone vai para o correio de voz, mas a caixa de entrada está cheia. Uma bola de arame farpado parece se desenrolar na minha garganta enquanto a falta de esperança rouba a respiração de mim. Com cada respiração, eu engulo mais e isso dói meu peito. Meus dedos cavam em minha camisa bem em cima do meu coração, agarrando e tentando puxar a dor cravada para longe. Mas isso só aumenta.

Tic-tac. Tic-tac.

Eu tento o número do meu pai de novo, colocando-o no viva-voz desta vez, desistindo de qualquer pretensão que eu tinha antes. Se Carter entrar, contarei tudo a ele. Não há mais nenhuma luz de esperança nas nuvens escuras que se estabelecem ao meu redor.

Com o som do tom morto vindo do telefone, eu abaixei o telefone, educadamente descansando-o em seu lugar, e desmoronei no assento de Carter.

Eu tento o computador de Carter. É protegido por senha.

Eu digito Tyler. Rejeitado.

Cross. Rejeitado. Eu tentaria aniversários e exs se eu soubesse algum. Mas eu não tenho nada para trabalhar.

Minha mente guerreia consigo mesma, as estacas crescendo cada vez mais alto à medida que os segundos passam. Abrindo a gaveta e folheando os arquivos, tento encontrar qualquer coisa que possa sugerir sua senha, mas não vejo nada.

Tic-tac. Tic-tac.

O relógio me engana. Uma hora e meia se passou.

Meu pulso está tão rápido. Não consigo ouvir mais nada. Eu me sinto tonta quando me levanto e tenho que me preparar para não cair. A mesa parece tão fria e dura e as bordas mais afiadas do que antes.

Aperto-as com tanta força que acho que posso ter me cortado, mas quando olho para baixo não há derramamento de sangue.

"Eu tenho que dizer a ele," eu sussurro para ninguém.

Eu não consigo me equilibrar enquanto ando. Eu tenho que descansar minha cabeça contra a parede por apenas um momento para recuperar o fôlego e pensar nas palavras certas para dizer, as únicas palavras a dizer.

Meu pai está chegando. Homens estão vindo para te matar.

Eu luto contra a pressa de lágrimas que se aproximam e me forço a me mover. *Ou talvez apenas para me resgatar.*

Eu fechei a porta atrás de mim e respirei tremendo.

Eu ando pelo corredor em direção à escada, sentindo frio e dormente.

Respirações profundas, um pé na frente do outro. É assim que vou acabar com a vida de meu pai e todos aqueles que estão com ele. Meus primos, meus tios. *Nikolai.*

Deus me ajude por favor.

Eu oro enquanto aperto o corrimão com força e dou cada passo com cuidado enquanto meus joelhos ficam mais fracos.

Mostre-me o que fazer. Por favor.

Estou na metade do segundo lance de escadas, em direção à metade traseira da propriedade que nunca me atrevo a ver quando ouço um cargueiro. Eu congelo.

Os sons de um tapa e um grunhido se misturam com um grito de agonia. Meus joelhos quase se dobram. *Eles estão aqui.*

Estou atrasada. *Não, por favor não.*

"Foda-se você." Eu ouço uma voz que eu acho que pertence a um dos meus primos e outro tapa forte quando meus dedos ficam brancos de agarrar o corrimão.

Eu não posso respirar enquanto meus pés descalços estão no chão frio e eu me aproximo de onde as vozes estão vindo. Meu coração está batendo tão alto, acho que eles vão me ouvir.

Como eu poderia deixar isso acontecer?

Como Carter poderia? O pensamento fica inacabado, mas de qualquer forma, meu coração se parte.

"Nós vamos levá-lo a partir daqui," eu ouço a voz de Carter quando vejo as costas de dois homens saindo, saindo de uma porta aberta, e indo para a saída traseira. Ambos vestidos de preto e carregando armas. Não são pistolas, mas armas automáticas. Eu quase caio para trás na minha bunda tentando me esconder na porta mais próxima, então eu fico invisível.

O som de metal raspando contra o chão só pode ser armas sendo tiradas.

Armas e questionamento. É um interrogatório. Meu coração dispara e luto com o que posso fazer para impedir isso.

"Onde ela está?"

Nikolai. Eu agarro a parede, ao virar do corredor na sala da frente, onde as vozes são carregadas. A mistura de adrenalina, medo e traição percorre minhas veias em ondas e sobrecarrega minha capacidade de pensar.

"Eu perguntarei novamente, então. Quais foram as suas ordens diretas?" A voz de Jase é fria. Mais fria e mais dura do que eu jamais poderia ter imaginado. "Ou você não teve nenhuma?"

Eu mal posso expirar e quando o faço, soa tão alto. Meu coração está batendo no meu peito quando eu espio pela esquina, me abaixando para o chão e rezando para que ninguém me veja.

"Seu chefe realmente mandou você para a sua morte por um capricho? Seis homens contra um exército?"

Eu cubro minha boca com ambas as minhas mãos e quase caio para frente ao ver a minha frente quando eu canto a esquina, o rugido do meu sangue afoga as vozes do interrogatório, mas o som de uma arma batendo contra a pele e batendo em anéis ósseos claramente soam.

Com meus olhos bem fechados e uma ânsia no meu estômago, eu forço meus olhos a abrirem. Eu me forço a ver tudo.

Nikolai é um dos três. Os outros dois são meus primos, Brett e Henry. Eles são irmãos e anos mais velhos que eu. Nós compartilhamos todos os feriados. Eu era dama de honra no casamento de Brett. Todos os eventos que estivemos juntos há anos brilham diante dos meus olhos quando vejo Brett cuspir sangue no chão. O lado esquerdo do rosto já está machucado e o peitoral preto da armadura está coberto de sangue.

Meu coração aperta. Eu não quero ver isso. Eu não posso. Eu não posso assistir, mas tenho que fazer alguma coisa.

"Nós não estamos dizendo a você uma merda," Brett zomba e Henry se esforça ao lado dele. Com os pulsos amarrados atrás das costas, Henry balança. Seu olho direito está inchado e isso é tudo que eu posso ver, mas ele não está bem.

O que eles fizeram com você? Meu coração sangra com a pergunta.

Jase e Declan têm armas apontadas para a parte de trás de suas cabeças, com os três ajoelhados em fila na frente deles.

"Você quer se juntar a seus amigos mais cedo ou mais tarde?" Jase os questiona.

Eu nunca me senti tão traída. Tão doente. A bile sobe no meu pescoço enquanto meu olhar percorre os três homens que conheci toda a minha vida tão perto do fim de suas vidas se apenas um gatilho for puxado.

"Foda-se," Nikolai grunhiu, puxando meu foco para ele. Embora ele olhe para Carter com nada além de ódio, seus olhos mostram sua dor. E é minha ruína.

A guerra nunca se sentiu tão viva como agora.

É quando vejo uma luz brilhando, direcionando meus olhos para o que importa.

A arma de Carter está escondida na parte de trás das calças. Está olhando diretamente para mim, a luz da sala refletindo sobre ela. E as armas no chão atrás dele. Três armas e uma que reconheço como a de Nikolai.

Ele pegou suas armas, ele as expulsou da minha família. E agora eles se ajoelham na frente de Jase e Declan, esperando pela execução. O som de uma arma sendo armada me empurra para frente e não me deixa escolha.

Minhas mãos tremem quando eu rastejo em direção às armas. Um arranha o chão enquanto tento pegá-la e sei que, nesse momento, eles me vêem. Então, eu faço a única coisa que posso.

Eu aponto a arma para o inimigo que não tem uma arma.

Eu fico com as pernas fracas e aperto a arma o mais forte que posso. Apontando para a parte de trás da cabeça de Carter. Sabendo que fiz uma escolha e me odiando por isso, mas alimentada pela necessidade de proteger meu único amigo e família.

"Carter," eu chamo seu nome e sinto os olhos de todos os outros na sala em mim enquanto Carter se vira lentamente para me encarar.

Seus olhos brilham enquanto ele solta um suspiro, mas ele não recua, ele nem parece me levar a sério. Ele olha para mim do jeito que você olha para uma criança brincando de se vestir. Não ameaçador e como se estivesse simplesmente sendo fofo. Isso me corta de uma maneira que eu não achei que fosse possível.

Ele realmente se importa muito pouco comigo. Ele realmente vai matar todos eles e espera que eu caia na linha, obedecendo e me submetendo a todos os seus caprichos.

Quando ele me puxa para trás e eu puxo o gatilho para trás, mesmo que minhas mãos tremem, sua expressão se transforma, e o dano que causei é tão claro para mim neste momento. Sua expressão firme de desaprovação e irritação muda para uma que eu nunca vi. Uma máscara de dureza e nitidez que faz com que suas feições cinzeladas pareçam ainda mais dominadoras e vilãs.

Eu posso ouvi-lo respirar quando ele para em suas trilhas. Tudo sobre ele é aterrorizante, salvo o olhar em seus olhos. Aqueles olhos escuros com partículas brilhantes de prata ainda brilham com mais alguma coisa. Esperança, talvez? Mas isso desaparece quando eu chamo a atenção dele, sentindo o aperto na minha garganta e no meu peito espremendo a coragem de mim. "Deixe-os ir," eu forço as palavras para fora e eles saem fortes. Eu não sei como, porque no momento não me sinto nada além de fraca.

Eu sinto que falhei com o garoto ainda machucado dentro de Carter. Eu perdi sua confiança. Eu posso ver isso enquanto os olhos de Carter ficam vidrados e a escuridão os domina. Eu nunca me machuquei tanto em minha vida como agora, mas o que mais havia para eu fazer? Eu estou em uma situação sem esperança e não há nenhuma maneira possível para eu ganhar.

Minhas mãos estão tão quentes e formigando com a adrenalina e mistura de medo que controla todos os meus movimentos, e eu quase deixo cair a arma, mas de alguma forma, eu a mantenho firme e a mantenho apontada para Carter.

"A garota que todos nós estávamos esperando," diz Carter sem mudar sua expressão. Nenhum sorriso arrogante. Nada além de um olhar ameaçador de ódio e desgosto.

Sua cabeça se inclina e ele diz uma palavra baixa e profunda em sua garganta que envia um frio doentio pela minha espinha. "Talvery."

CONTINUA...

NOTAS

[←1]

Canções de Ninar